

*MAIS DE 10 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS*

# o Céu é de Verdade

*(Heaven is for Real)*

A HISTÓRIA DO MENINO  
QUE FOI AO CÉU E VIU  
O TRONO DE DEUS

TODD BURPO  
COM LYNN VINCENT

*O LIVRO QUE INSPIROU O FILME*



TODD BURPO  
COM LYNN VINCENT

o Céu  
é de Verdade (Heaven is for Real)

A HISTÓRIA DO MENINO  
QUE FOI AO CÉU E VIU  
O TRONO DE DEUS

*Tradução:*

Idiomas & Cia, por Maria Lucia Godde



THOMAS NELSON  
BRASIL<sup>®</sup>

Rio de Janeiro, 2014

Título original  
*Heavens is for real*

Copyright da obra original © 2011 por Todd Burpo  
Edição original por Thomas Nelson, Inc. Todos os direitos reservados.  
Copyright da tradução © Vida Melhor Editora S.A., 2011.

Editor responsável  
Omar de Souza

Supervisão editorial  
Clarisse de Athayde Costa Cintra

Produção editorial  
Thalita Aragão Ramalho

Capa  
Lúcio Nöthlich Pimentel

Tradução  
Idiomas & Cia, por Maria Lucia Godde

Copidesque  
Graziela Marcolin

Revisão  
Margarida Seltmann

Diagramação e projeto gráfico  
Trio Studio

Produção de ebook  
Mariana Mello e Souza

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B977c

Burpo, Todd

O céu é de verdade: A história do menino que foi ao céu e viu o trono de Deus / Todd Burpo com Lynn Vincent; [tradução Maria Lucia Godde]. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.

Tradução de: Heaven is for real  
Inclui bibliografia  
ISBN 978.85.7860.614-5

1. Burpo, Colton, 1999-. 2. Céu - Cristianismo. 3. Experiências de quase-morte - Aspectos religiosos - Cristianismo. I. Vincent, Lynn. II. Título.

11-0687.

CDD: 922  
CDU: 929:2

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora S.A.  
Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.  
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso  
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21402-325  
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313  
www.thomasnelson.com.br

*Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos Céus.*

Jesus De Nazaré

# SUMÁRIO

[Agradecimentos](#)

[Prólogo: Anjos no Arby's](#)

- [1. O Crawl-A-See-Um](#)
- [2. O pastor Jó](#)
- [3. Colton pena no assunto](#)
- [4. Sinais de fumaça](#)
- [5. A sombra da morte](#)
- [6. North Platte](#)
- [7. “Acho que é o fim”](#)
- [8. Furioso com Deus](#)
- [9. Minutos como geleiras](#)
- [10. Orações de um tipo muito raro](#)
- [11. Colton Burpo, o cobrador](#)
- [12. Testemunha ocular do céu](#)
- [13. Luzes e asas](#)
- [14. No tempo do céu](#)
- [15. Confissão](#)
- [16. POP](#)
- [17. Duas irmãs](#)
- [18. A sala do trono de Deus](#)
- [19. Jesus ama \*muito\* as crianças](#)
- [20. Morrendo e vivendo](#)
- [21. A primeira pessoa que você verá](#)
- [22. Ninguém é velho no céu](#)
- [23. O poder do alto](#)
- [24. O momento de Ali](#)
- [25. As espadas dos anjos](#)
- [26. A guerra vindoura](#)
- [27. Um dia nós o veremos](#)

[Epílogo](#)

[Cronograma dos acontecimentos](#)

[Sobre a família Burpo](#)

[Sobre Lynn Vincent](#)

## AGRADECIMENTOS

Ao contar a história de Colton, tivemos a chance não apenas de trabalhar com profissionais dedicados, mas com pessoas reais e cuidadosas. Com certeza, ficamos impressionados com sua competência, mas Sonja e eu nos alegamos ainda mais com o caráter e o bom coração delas.

Phil McCallum, Joel Kneeder, Lynn Vincent e Debbie Wickwire não apenas investiram suas próprias vidas na feitura deste livro; eles também enriqueceram nossa família. Sem os seus enormes esforços e seus espíritos sensíveis, *O Céu É de Verdade* nunca teria se desenvolvido de forma tão maravilhosa.

Agradecemos a Deus por reunir essas pessoas talentosas e habilidosas para nos ajudarem a contar a história de Colton. Cada uma delas foi uma bênção para nós.

Sonja e eu consideramos um privilégio maravilhoso chamá-los de nossos amigos.

# PRÓLOGO

## *Anjos no Arby's*1

O feriado de 4 de julho evoca lembranças de paradas patrióticas, do aroma apetitoso do churrasco fumegante, do milho doce, e dos céus noturnos explodindo com fogos de artifício. Mas para a minha família, o fim de semana de 4 de julho de 2003 foi muito importante por outros motivos.

Minha esposa, Sonja, e eu havíamos planejado levar as crianças para visitar o irmão de Sonja, Steve, e sua família em Sioux Falls, em Dakota do Sul. Seria a nossa primeira chance de conhecer nosso sobrinho, Bennett, nascido havia dois meses. Além disso, nossos filhos, Cassie e Colton, nunca haviam ido às cataratas antes. Mas o melhor de tudo era o seguinte: esta viagem seria a primeira vez que sairíamos da nossa cidade natal, Imperial, Nebraska, desde que uma viagem da família a Greeley, Colorado, em março, transformou-se no pior pesadelo de nossa vida.

Para ser claro, na última vez em que havíamos feito uma viagem em família, um de nossos filhos quase morreu. Você pode nos chamar de loucos, mas estávamos um pouco apreensivos desta vez, quase a ponto de desistirmos de ir. Ora, como pastor, não creio em superstições. Ainda assim, uma parte estranha e inquietada em mim sentia que, se simplesmente nos mantivéssemos perto de casa, estaríamos seguros. Finalmente, porém, a razão – e a vontade de conhecer o pequeno Bennet, que Steve disse ser o bebê mais lindo do mundo – venceram. Então colocamos a parafernália necessária para um final de semana na nossa caminhonete Ford Expedition azul e preparamos a nossa família para seguir rumo ao norte.

Sonja e eu decidimos que o melhor plano seria dirigir a maior parte do tempo à noite. Assim, embora Colton fosse estar preso ao seu assento contra sua vontade, pois aos quatro anos dizia “Já sou grande”, pelo menos ele dormiria a maior parte da viagem. Então, passava um pouco das 8 da noite quando dei marcha a ré com a caminhonete e saí da nossa garagem, passamos pela Igreja Wesleyana, que pastoreio, e pegamos a estrada.

A noite se estendia clara e iluminada em meio às planícies, com uma meia-lua contra um céu de veludo. Imperial é uma pequena cidade rural escondida dentro da fronteira ocidental de Nebraska. Com apenas dois mil habitantes e nenhum sinal de trânsito, é o tipo de cidade que tem mais igrejas que bancos, onde os fazendeiros costumam ir direto da lavoura até a lanchonete da família na hora do almoço, usando botas de trabalho de pele de texugo, bonés de baseball John Deere, e com um alicate para consertar cercas pendurado no bolso. Assim, Cassie, de seis anos, e Colton estavam empolgados por estarem na estrada rumo à “cidade grande” de Sioux Falls para conhecer seu primo recém-nascido.

As crianças conversaram por 144 quilômetros até a cidade de North Platte, com Colton travando batalhas com seus super-heróis dos Comandos em Ação e salvando o mundo várias vezes ao longo do caminho. Ainda não eram 10 da noite quando entramos na cidade de cerca de 24 mil habitantes cuja virtude principal era ser o berço do famoso produtor de espetáculos do oeste, Buffalo Bill Cody. North Platte seria a última parada na civilização – ou pelo menos a última parada *aberta* – por que passaríamos naquela noite, enquanto nos dirigíamos para o nordeste ao longo dos vastos campos de milho, onde não

havia nada além de cervos, faisões e uma ou outra casa de fazenda. Havíamos planejado com antecedência parar ali para encher o tanque e também o nosso estômago.

Depois de encher o tanque em um posto Sinclair, entramos na Jeffers Street, e percebi que estávamos passando por um cruzamento no qual, se virássemos à esquerda, terminaríamos no centro Médico Regional de Great Plains. Foi lá que passamos quinze dias de pesadelo em março, muitos deles de joelhos, orando para que Deus poupasse a vida de Colton. Deus poupou-a, mas Sonja e eu costumamos brincar dizendo que aquela experiência arrancou alguns anos da nossa própria vida.

Às vezes, rir é a única maneira de processar os momentos difíceis, então, enquanto passávamos pelo desvio, decidi provocar Colton um pouquinho.

– Ei, Colton, se virarmos aqui, podemos voltar para o hospital – disse eu. – Quer voltar para o hospital?

Nosso aluno de jardim da infância deu uma risadinha no escuro.

– Não, Papai, não me mande para lá! Mande a Cassie... a Cassie pode ir para o hospital!

Sentada ao lado dele, a irmã riu.

– Nã-não! Eu também não quero ir!

No banco do carona, Sonja se virou para ver nosso filho, cujo assento estava colocado atrás do meu. Vi seus cabelos louros cortados à escovinha e seus olhos azul-celestes brilhando no escuro.

– Você se lembra do hospital, Colton? – perguntou Sonja.

– Sim, mamãe, eu me lembro – disse ele. – Foi ali que os anjos cantaram para mim.

Dentro da caminhonete, o tempo congelou. Sonja e eu olhamos um para o outro, passando uma mensagem silenciosa: *Será que ele acabou de dizer o que acho que ele disse?*

Sonja se inclinou e sussurrou:

– Ele já tinha falado sobre anjos com você antes?

Sacudi a cabeça negativamente.

– E com você?

Ela sacudiu a cabeça dizendo que não.

Vi um Arby's, estacionei e desliguei o motor. A luz branca de um poste de rua invadiu a caminhonete. Virando o corpo em meu assento, olhei para trás, para Colton. Naquele instante, fiquei impressionado com o tamanho dele, um menino tão pequeno. Ele era realmente um sujeitinho que ainda falava com uma inocência afetuosa (e às vezes constrangedora). Se você é pai, sabe o que quero dizer: a idade em que uma criança pode apontar para uma mulher grávida e perguntar (em voz muito alta): “Papai, porque aquela mulher é tão gorda?” Colton estava naquela curta fase da vida em que ainda não se aprendeu a usar o tato ou os disfarces.

Todos esses pensamentos passavam por minha mente enquanto eu tentava imaginar como responder à simples declaração de meu filho de quatro anos de que *anjos* haviam cantado para ele. Finalmente, entrei de cabeça:

– Colton, você disse que anjos cantaram para você quando você estava no hospital?

Ele balançou a cabeça vigorosamente.

– O que eles cantaram para você?

Colton virou os olhos para a direita, como para se lembrar.

– Bem, eles cantaram “Jesus me Ama” e “Josué Lutou na Batalha de Jericó” – disse ele com seriedade.

– Eu pedi para eles cantarem “We Will, We Will Rock You”, mas eles não quiseram cantar esta.

Enquanto Cassie ria baixinho, percebi que a resposta de Colton havia sido rápida e direta, sem um mínimo de hesitação.

Sonja e eu trocamos olhares novamente. *O que está acontecendo? Será que ele teve um sonho no hospital?*

E mais uma pergunta sem palavras: *O que dizemos agora?*

Uma pergunta natural brotou em minha mente:

– Colton, como eram os anjos?

Ele riu do que parecia ser uma lembrança.

– Bem, um deles se parecia com o vovô Dennis, mas não era ele, porque o vovô Dennis usa óculos – então ele ficou sério. – Papai, Jesus fez os anjos cantarem para mim porque eu estava com muito medo. Eles fizeram eu me sentir melhor.

*Jesus?*

Olhei para Sonja novamente e vi que sua boca estava aberta. Virei-me para Colton:

– Você quer dizer que Jesus estava lá?

Meu garotinho balançou a cabeça como se estivesse contando algo que não era mais digno de nota do que ter visto uma joaninha no quintal.

– É, Jesus estava lá.

– Bem, onde estava Jesus?

Colton olhou-me bem nos olhos.

– Eu estava sentado no colo de Jesus.

Se existem botões para parar conversas, ali estava um deles. Perplexos e mudos, Sonja e eu nos olhamos e trocamos outro telegrama silencioso: *ok, precisamos realmente falar sobre isso.*

Todos descemos da caminhonete e entramos no Arby's, saindo alguns minutos depois com um saco cheio de guloseimas. Nesse meio tempo, Sonja e eu trocamos sussurros.

– Você acha que ele realmente viu anjos?

– E *Jesus*?!

– Não sei.

– Será que foi um sonho?

– Não sei, ele parece tão seguro.

De volta ao carro, Sonja distribuiu sanduíches de rosbife e bolos de batata, e arrisquei outra pergunta.

– Colton, onde você estava quando viu Jesus?

Ele olhou para mim, como se dissesse: “Nós já não falamos sobre isso?”

– No hospital. Sabe, quando o Dr. O'Holleran estava mexendo em mim.

– Bem, o Dr. O'Holleran mexeu em você algumas vezes, lembra-se? – disse eu. Colton havia feito uma apendectomia de emergência e depois uma limpeza abdominal no hospital, e mais tarde o levamos para remover alguns queloides nas cicatrizes, mas isso foi no consultório do Dr. O'Holleran.

– Tem certeza de que foi no hospital?

Colton assentiu.

– Sim, no hospital. Quando eu estava com Jesus, você estava orando, e a mamãe estava falando no telefone.

*O quê?*

Isso queria dizer que ele definitivamente estava falando sobre o hospital. Mas como ele poderia saber onde estávamos?

– Mas você estava na sala de cirurgia, Colton – disse eu. – Como você podia saber o que estávamos fazendo?

– Porque eu podia ver vocês – disse Colton de forma direta. – Eu subi para fora do meu corpo e fiquei olhando para baixo e podia ver o doutor operando o meu corpo. E eu vi você e a mamãe. Você estava sozinho em uma sala pequena, orando; e a mamãe estava numa sala diferente, e ela estava orando e falando no telefone.

As palavras de Colton me abalaram profundamente. Os olhos de Sonja estavam mais abertos do que nunca, mas ela não disse nada, apenas ficou me olhando e mordeu seu sanduíche com ar perdido.

Esta foi toda a informação com que consegui lidar até o momento. Liguei o motor, voltei à estrada, e

seguimos rumo a Dakota do Sul. Quando cheguei à estrada I-80, pastos se estendiam dos dois lados, pontilhados aqui e ali por lagos cheios de patos que cintilavam à luz da lua. Àquela altura, era muito tarde, e logo todos estavam dormindo, como planejado.

Enquanto a estrada zumbia embaixo de mim, eu me maravilhava com as coisas que acabara de ouvir. O nosso garotinho havia dito algumas coisas realmente incríveis – e ele as sustentou com informações plausíveis, coisas que ele não tinha como saber. Nós não havíamos dito a ele o que estávamos fazendo enquanto ele estava na cirurgia, sob anestesia, aparentemente inconsciente.

Eu ficava me perguntando sem parar: *Como ele podia saber?* Mas quando atravessamos o limite estadual de Dakota do Sul, eu tinha outra pergunta: *Será que aquilo era real?*

<sup>1</sup> Cadeia de restaurantes de fast-food dos Estados Unidos e Canadá. (N.T.)

UM

## O CRAWL-A-SEE-UM

A viagem de família em que o nosso pesadelo começou devia ser uma comemoração. No início de março de 2003, eu havia programado viajar para Greely, Colorado, para uma reunião de diretoria da igreja Wesleyana. Desde o mês de agosto anterior, nossa família havia passado por um período de turbulência: sete meses de enfermidades e lesões sucessivas, que incluíram uma perna quebrada, duas cirurgias e uma ameaça de câncer, as quais, combinadas, esgotaram a nossa conta bancária a ponto de eu quase chegar a ouvir o barulho de um ralo quando as contas chegavam pelo correio. O meu pequeno salário de pastor não havia sido afetado, mas o nosso suporte financeiro era o negócio de portas de garagem que possuíamos. As nossas provações com a saúde haviam causado um grande estrago.

Por volta de fevereiro, porém, parecíamos ter superado aquilo tudo. Como eu tinha de viajar de qualquer forma, decidimos transformar a viagem de trabalho em um tipo de marco na nossa vida em família: um tempo para nos divertirmos um pouco, para revigorar nossa mente e nosso espírito, e para começarmos a seguir em frente outra vez com a esperança renovada.

Sonja ouviu falar de um lugar legal para as crianças visitarem fora de Denver chamado Butterfly Pavilion [Pavilhão das Borboletas]. Anunciado como um “zoológico de animais invertebrados”, o Butterfly Pavilion foi aberto em 1995 como um projeto educacional que ensinaria as pessoas sobre as maravilhas dos insetos e das criaturas marinhas que vivem nas poças residuais das marés. Atualmente, as crianças são recebidas do lado de fora do zoo por uma enorme escultura de metal colorido de um louva-a-deus. Mas em 2003, o inseto gigante ainda não estava em seu lugar, de modo que o prédio baixo de tijolos que ficava a cerca de quinze minutos do centro de Denver não tinha nenhum apelo para crianças do lado de fora. Mas lá dentro, um mundo de maravilhas as aguardava, principalmente para crianças da idade de Colton e Cassie.

O primeiro lugar onde paramos foi o “Crawl-A-See-Um”, uma sala cheia de terrários repletos de criaturas rastejantes, desde besouros e baratas até aranhas. Um deles, a Torre da Tarântula, atraiu Cassie e Colon como um ímã. Esse monte de terrários era, exatamente como anunciado, uma torre de ambientes envidraçados contendo aquelas aranhas de pernas grossas e peludas que ou nos fascinam ou nos dão calafrios.

Cassie e Colon se revezaram para subir em uma banquetta dobrável de três degraus a fim de dar uma olhada nos moradores dos andares superiores da Torre da Tarântula. Em um terrário, uma tarântula loura mexicana estava agachada em um canto, com seu exoesqueleto coberto com o que o letreiro descrevia como cabelos de uma “adorável” cor clara. Outro ambiente continha uma tarântula preta e vermelha nativa da Índia. Um dos moradores mais assustadores era uma “tarântula-esqueleto”, assim chamada porque suas pernas pretas eram segmentadas com faixas brancas, de tal forma que a aranha parecia um

pouco com raios X ao contrário. Mais tarde, ouvimos falar que essa aranha-esqueleto específica era um pouco rebelde: certa vez, ela havia de alguma forma conseguido fugir, invadindo o ambiente ao lado, e comeu sua vizinha no almoço.

Enquanto Colton subia na banqueta para ver como era a tarântula vilã, ele olhou para mim com um sorriso que me aqueceu. Eu podia sentir os músculos do meu pescoço começarem a relaxar e, de algum modo, uma válvula de pressão dentro de mim foi liberada, no que foi equivalente emocionalmente a um longo suspiro. Pela primeira vez em meses, eu sentia que podia simplesmente desfrutar da minha família.

– Uau, veja aquela ali! – disse Cassie, apontando para um dos terrários. Uma menina de seis anos levemente desengonçada, minha filha era esperta como um sagui, um traço que ela havia ganhado de sua mãe. Cassie estava apontando para o letreiro, que dizia: “Golias, o comedor de pássaros... as fêmeas podem passar de 27 centímetros.”

A aranha desse tanque tinha apenas 15 centímetros, mas o seu corpo era tão grosso quanto o pulso de Colton. Ele olhou pelo vidro com os olhos bem abertos. Olhei e vi Sonja franzir o nariz.

Creio que um dos voluntários que guardavam o local viram a expressão dela, também, porque ele veio rapidamente em defesa do comedor de pássaros.

– O Golias vem da América do Sul – disse ele com um tom amigável e educativo que sugeria: *Elas não são tão nojentas quanto você pensa.* – As tarântulas da América do Norte e do Sul são muito dóceis. Você pode segurar uma bem ali – ele apontou para onde outro funcionário estava segurando uma tarântula menor na palma da mão para que um grupo de crianças pudesse dar uma olhada mais de perto.

Cassie aventurou-se a atravessar a sala para ver o motivo de toda aquela agitação, e Sonja, Colton e eu fomos logo atrás. Em um canto da sala com uma decoração que imitava uma cabana de bambu, o funcionário estava exibindo a estrela do Crawl-A-See-Um: a aranha Rosie, uma tarântula de pelos cor de rosa da América do Sul. Rosie era um aracnídeo com um corpo do tamanho de uma ameixa e pernas de 15 centímetros, grossas como lápis. Mas a melhor coisa com relação a Rosie do ponto de vista de uma criança era que, se você tivesse coragem de segurá-la, mesmo que só por um instante, o funcionário lhe dava um adesivo.

Ora, se você tem filhos, sabe que há momentos em que elas preferem um bom adesivo a um punhado de dinheiro. E este adesivo era especial: era branco com a imagem de uma tarântula em amarelo, dizendo: “Eu segurei a Rosie!” Aquele não era um adesivo qualquer, era uma medalha de bravura!

Cassie se abaixou na direção da mão do funcionário. Colton olhou para mim, com os olhos azuis muito abertos:

– Posso ganhar um adesivo, papai?

– Você vai ter de pegar a Rosie para ganhar um adesivo, amigo.

Naquela idade, Colton tinha aquele jeitinho precioso de falar, aquela curiosidade meio séria e meio ofegante das crianças. Ele era um garotinho esperto e engraçado com um jeito de olhar a vida em preto e branco: ou uma coisa era divertida (LEGOs) ou não era (Barbies). Ou ele gostava da comida (bifes) ou detestava (ervilhas). Havia os mocinhos e os bandidos, e os brinquedos favoritos dele eram os personagens dos mocinhos. Os super-heróis eram especiais para Colton. Ele levava o seu Homem-Aranha, o Batman e o Buzz Lightyear para todo lugar aonde ia. Assim, quer estivesse no banco de trás da caminhonete, em uma sala de espera ou no chão da igreja, ele ainda podia criar cenas em que os mocinhos salvavam o mundo. Isso costumava incluir espadas, a arma favorita de Colton para banir o mal. Em casa, ele podia *ser* o super-herói. Eu costumava entrar em casa e encontrar Colton armado até os dentes, com uma espada de brinquedo enfiada de cada lado do cinto e uma em cada mão: “Estou brincando de Zorro, papai! Quer brincar?”

Agora Colton voltou o olhar para a aranha na mão do guardador, e me pareceu que ele desejava ter uma espada bem ali, pelo menos para lhe dar apoio moral. Tentei imaginar o quanto a aranha devia parecer enorme para um garotinho que não tinha nem 1,20 metro de altura. Nosso filho era mesmo um

menino – uma criança agitada que havia tido contato pessoal com muitas formigas e besouros e outras criaturas rastejantes. Mas nenhuma dessas criaturas rastejantes era tão grande quanto o rosto dele nem tinha cabelos quase tão longos quanto os dele.

Cassie se esticou e sorriu para Sonja.

– Eu vou segurá-la, mamãe. Posso pegar a Rosie?

– Está bem, mas você tem de esperar a sua vez – disse Sonja.

Cassie entrou na fila atrás de duas outras crianças. Os olhos de Colton não desgrudaram de Rosie enquanto um menino e depois uma menina seguraram a enorme aranha e o guardador entregou os cobijados adesivos. Em um instante, chegou a vez de Cassie. Colton se abraçou às minhas pernas, perto o bastante para ver a irmã, mas tentando se agarrar ao mesmo tempo, apertando o corpo contra os meus joelhos. Cassie estendeu a palma da mão, e todos vimos quando Rosie levantou uma pata peluda de uma vez e atravessou a ponte da mão do funcionário para a mão de Cassie, e depois voltou à mão dele.

– Você conseguiu! – disse o funcionário, enquanto Sonja e eu aplaudíamos e aclamávamos.

– Muito bem!

Então o funcionário ficou de pé, tirou um adesivo branco e amarelo de um grande rolo e o entregou a Cassie.

Isto, naturalmente, piorou as coisas para Colton, cuja irmã havia roubado a cena, e que agora era também a única criança da nossa família sem um adesivo. Ele olhou com desejo o prêmio de Cassie, e depois novamente para Rosie, e pude vê-lo tentando dominar o seu medo. Finalmente, ele apertou os lábios, afastou o olhar de Rosie, e olhou novamente para mim.

– Não quero segurá-la.

– Tudo bem – disse eu.

– Mas posso ganhar um adesivo?

– Não, a única maneira de conseguir um é segurando a Rosie. Cassie conseguiu. Você pode conseguir se quiser. Quer tentar? Só por um segundo?

Colton olhou novamente para a aranha, depois para sua irmã, e eu podia ver círculos girando por trás de seus olhos: *Cassie conseguiu. Ela não foi mordida.*

Então ele sacudiu a cabeça com firmeza:

Não. Mas eu ainda quero um adesivo! – insistiu.

Naquela época, faltavam dois meses para Colton completar quatro anos – e ele era muito determinado em manter sua posição.

– A única maneira de você conseguir um adesivo é pegando a Rosie – disse Sonja. – Tem certeza de que não quer pegá-la?

Colton respondeu agarrando a mão de Sonja e tentando empurrá-la para longe do funcionário.

– Não, quero ir ver a estrela do mar.

– Tem certeza? – perguntou Sonja.

Com uma sacudida de cabeça vigorosa, Colton andou em direção à porta do Crawl-A-See-Um.

## DOIS

### O PASTOR JÓ

Na sala seguinte, encontramos fileiras de aquários e de “piscinas térmicas” internas. Andamos em meio aos animais expostos, que incluíam estrelas do mar, moluscos e anêmonas do mar que pareciam flores submarinas. Cassie e Colton diziam “Oh!” e “Ah!” enquanto mergulhavam as mãos nas piscinas térmicas e tocavam em criaturas que nunca haviam visto.

Em seguida, entramos em um átrio imenso, cheio de folhas, com videiras que desciam e galhos que subiam em direção ao céu. Percebi as palmeiras e flores exóticas que pareciam vindas de um dos livros de história do Colton. E ao nosso redor, nuvens de borboletas voavam e serpenteavam.

Enquanto as crianças exploravam o lugar, deixei minha mente voar para o verão anterior, quando Sonja e eu jogamos em uma liga mista de softball, como fazemos todos os anos. Costumávamos terminar entre os cinco primeiros, embora jogássemos no time dos “idosos” – tradução: pessoas na faixa dos trinta anos –, competindo com times compostos de garotos do ensino médio. Agora me parecia irônico que a provação de sete meses da nossa família tivesse começado com uma lesão que ocorreu no último jogo do nosso último torneio do campeonato de 2002. Eu jogava no meio de campo, Sonja jogava em campo aberto. Naquele tempo, Sonja havia conquistado seu mestrado em biblioteconomia e aos meus olhos estava ainda mais bonita do que na época em que chamou minha atenção quando eu era um calouro que passeava pelo pátio do Seminário Wesleyano de Bartlesville.

O verão estava terminando, mas os dias quentes da estação estavam em plena força, com um calor penetrante, sedento de chuva. Havíamos viajado de Imperial por cerca de 32 quilômetros pela estrada até o povoado de Wauneta para um torneio de eliminação dupla. Por volta de meia-noite, estávamos lutando pela classificação, jogando sob o brilho azul e branco das luzes do campo.

Não lembro qual era o placar, mas lembro-me de que estávamos no final do jogo e a liderança estava ao nosso alcance. Eu havia rebatido um duplo e estava de pé na segunda base. O nosso próximo bateador veio e fez um lançamento que aterrissou na grama do meio de campo. Vi ali a minha chance. Enquanto um jogador de campo aberto corria para agarrar a bola, parti para a terceira base.

Senti a bola voando em direção ao campo interno.

O nosso treinador da terceira base gesticulava freneticamente: “Deslize! Deslize!”

Com a adrenalina bombeando, lancei-me ao chão e senti a terra vermelha fazendo barulho sob o meu quadril esquerdo. O terceiro jogador de base do outro time estendeu a sua luva em direção à bola e... *crack!*

O som da minha perna quebrando foi tão alto que imaginei que a bola tivesse se movido em alta velocidade do campo aberto e me atingido. Minha tíbia e tornozelo queimavam como fogo. Caí de costas, contraído em posição fetal, e puxei meu joelho em direção ao estômago. A dor era lancinante, e lembro-

me da terra que me cercava se transformar em um amontoado de pernas, e depois de rostos preocupados, quando dois de nossos jogadores, ambos técnicos em emergências médicas, vieram em meu auxílio.

Lembro-me vagamente de Sonja correndo para dar uma olhada. Pela expressão dela, eu pude ver que minha perna estava dobrada de uma forma que não parecia natural. Ela recuou para deixar os nossos amigos paramédicos trabalharem. Depois de um trajeto de 32 quilômetros, os raios X do hospital revelaram um par de fraturas graves. A tíbia, o maior osso da minha perna esquerda, havia passado pelo que os médicos chamam de “fratura em espiral”, o que significa que cada extremidade da fratura parecia o padrão de um poste de barbeiro<sup>2</sup> em uma broca de perfuração. Além disso, meu tornozelo havia se partido completamente ao meio. Possivelmente foi esta a fratura que ouvi. Mais tarde, soube que o som da fratura foi tão alto que as pessoas que estavam sentadas nas arquibancadas da primeira base o ouviram.

Aquele som ficou ecoando em minha mente enquanto Sonja e eu observávamos Cassie e Colton correndo na nossa frente no pátio do Butterfly Pavilion. As crianças pararam em uma pequena ponte e olharam para um lago de carpas ornamentais, conversando e apontando. Nuvens de borboletas flutuavam ao nosso redor, e dei uma olhada na revista que havia comprado na entrada para ver se conseguia dizer o nome delas. Eram “morphos azuis” com asas cor de água marinha profunda, “pipas de papel” em preto e branco que voavam lenta e suavemente como recortes de papel impresso flutuando pelo ar, e a “enxofre sem nuvens”, uma borboleta tropical com asas cor de manga.

A esta altura, eu estava feliz por finalmente poder andar sem mancar. Além da dor da fratura em espiral, que parecia provocada por um serrote de metal, o efeito mais imediato do meu acidente foi financeiro. É bem difícil subir e descer escadas para instalar portas na garagem enquanto se arrasta um gesso de 4,5 quilos e um joelho que não dobra. O nosso saldo bancário caiu rápida e repentinamente. Vivendo do salário de um pastor de colarinho azul,<sup>3</sup> as poucas reservas que tínhamos evaporaram em semanas. Ao mesmo tempo, o valor que entrava foi cortado pela metade.

No entanto, a dor relacionada a essa situação ia além do dinheiro. Eu atuava como bombeiro voluntário e treinador de luta livre em uma escola de ensino médio, compromissos que foram afetados por minha perna machucada. Os domingos também passaram a ser um desafio. Sou um daqueles pastores que andam para lá e para cá durante o sermão. Não sou do tipo que gira e rodopia, nem daqueles que mandam cair fogo e enxofre, mas também não sou um ministro que fala macio e usa batina, e que faz leituras litúrgicas. Sou um contador de histórias, e para contar histórias preciso me mexer um pouco. Mas agora eu tinha de pregar sentado com a perna apoiada em uma segunda cadeira, estirada para fora como a bujarrona de uma embarcação. Pedir que eu me sentasse enquanto passava a mensagem de domingo era como pedir a um italiano para falar sem usar as mãos. Mas, por mais dificuldades que eu encontrasse na inconveniência da minha lesão, eu não sabia então que ela seria apenas o primeiro dominó a cair.

Em uma manhã naquele mês de outubro, mais ou menos quando eu já estava me acostumando a mancar por toda parte com muletas, acordei com uma dor lancinante na parte inferior das costas. Eu soube instantaneamente qual era o problema: pedras nos rins.

Na primeira vez em que tive uma pedra nos rins, ela media seis milímetros e foi necessária uma cirurgia. Desta vez, depois de uma série de exames, os médicos acharam que as pedras eram pequenas o bastante para passarem. Não sei se isso era bom, contudo. Elas passaram durante três dias. Uma vez, prendi meu dedo do meio na porta traseira de um caminhão e cortei a ponta dele. Comparado com isso, aquilo era bolinho. Até quebrar a perna em quatro partes não havia doído tanto.

Ainda assim, sobrevivi. Por volta de novembro, eu já estava mancando sobre muletas havia três meses, e fui fazer um checkup.

– A perna está sarando corretamente, mas ainda precisamos mantê-la engessada – disse o ortopedista.  
– Mais alguma coisa o incomoda?

Na verdade, havia. Eu me senti um pouco estranho em mencionar, mas, do lado direito de meu peito,

uma saliência havia se desenvolvido abaixo da superfície do mamilo. Sou destro e, assim, costumava me apoiar demais sobre a muleta esquerda enquanto escrevia, então achei que o estofamento debaixo do braço tivesse sido friccionado contra o meu peito por algumas semanas, criando um tipo de irritação abaixo da pele, uma espécie de calo.

O médico imediatamente rejeitou a possibilidade.

– Muletas não fazem isso – disse ele. – Preciso chamar um cirurgião.

O cirurgião, Dr. Timothy O’Holleran, fez uma biópsia com uma agulha. Os resultados que chegaram alguns dias depois me chocaram: hiperplasia. Tradução: o precursor do câncer de mama.

*Câncer de mama!* Um homem com uma perna quebrada, pedras nos rins, e – espere aí, é isso mesmo? – *câncer de mama?*

Mais tarde, quando os outros pastores da minha região tomaram conhecimento disso, começaram a me chamar de Pastor Jó, por causa do homem do livro bíblico que foi atingido por uma série de sintomas cada vez mais bizarros. Por ora, porém, o cirurgião prescreveu o mesmo que teria feito se a biópsia de uma mulher tivesse voltado com os mesmos resultados: uma mastectomia.

Sendo a mulher forte do meio-oeste que é, Sonja encarou a notícia de uma forma prática. Se era a cirurgia que o médico estava recomendando, este era o caminho que iríamos seguir. Passaríamos por ele, como uma família.

Eu sentia o mesmo. Mas foi por volta dessa ocasião que também comecei a sentir pena de mim mesmo. Em primeiro lugar, eu estava cansado de mancar por aí de muletas. Além disso, uma mastectomia não é exatamente a cirurgia mais máscula do mundo. Finalmente, eu estava pedindo havia muito tempo à diretoria da igreja para reservar dinheiro para um assistente para mim. Somente depois dessa segunda série de pedras nos rins foi que a diretoria autorizou a vaga.

Em vez de me sentir grato como deveria, entreguei-me ao ressentimento: *Então, tenho de ser um aleijado e estar à beira de um diagnóstico de câncer para conseguir um pouco de ajuda por aqui?*

A minha crise de autopiedade começou de verdade uma tarde. Eu estava no primeiro andar do prédio da igreja, um porão realmente bem acabado onde tínhamos uma cozinha, uma sala de aulas e uma grande área para comunhão. Eu havia terminado de trabalhar em alguns papéis e estava começando a tentar subir com as minhas muletas. Bem no início, no primeiro degrau, comecei a ficar irado com Deus.

– Isto não é justo – resmunguei em voz alta, enquanto subia com dificuldade as escadas, uma muleta de cada vez, um passo de cada vez. – Tenho de sofrer e estar nesta situação patética para que eles me deem a ajuda de que preciso desde o princípio.

Sentindo-me bastante complacente no meu martírio, eu havia acabado de atingir o último degrau quando uma voz mansa e suave surgiu em meu coração: *E o que o Meu Filho fez por você?*

Humilhado e envergonhado pelo meu egoísmo, lembrei-me do que Jesus disse aos discípulos: “O aluno não é maior que o seu mestre, nem o servo é maior que o seu senhor.”<sup>4</sup> É verdade, eu havia passado por alguns meses difíceis, mas eles não eram nada se comparados com o que muitas pessoas no mundo estavam passando, até mesmo naquele exato instante. Deus havia me abençoado com um pequeno grupo de crentes que eu estava encarregado de pastorear e servir, e ali estava eu reclamando com Deus porque aqueles crentes não estavam me servindo.

– Senhor, perdoe-me – disse eu, e avancei com uma força renovada, como se minhas muletas fossem asas de águia.

A verdade era que a minha igreja estava me servindo – me amando em meio a um tempo especial de oração que eles haviam reservado. Uma manhã, no início de dezembro, o Dr. O’Holleran ligou para minha casa com notícias estranhas: o tecido retirado não apenas era benigno, como era inteiramente normal. Tecido mamário normal.

– Não sei explicar o porquê – disse ele. – A biópsia definitivamente deu hiperplasia, então esperaríamos ver a mesma coisa no tecido removido durante a mastectomia. Mas o tecido era

completamente normal. Não sei o que dizer. Não sei como isso aconteceu.

Eu sabia: Deus havia me amado com um pequeno milagre.

<sup>2</sup> O poste de barbeiro é um bastão com uma hélice de listras coloridas, usado por barbeiros para indicar o local ou a loja onde eles realizam seu ofício. (N.T.)

<sup>3</sup> Expressão usada para descrever empregos de nível inferior. (N.T.)

<sup>4</sup> Mateus 10:24.

# TRÊS

## COLTON PENSA NO ASSUNTO

No mês seguinte, tirei o gesso. Com o medo do câncer e as pedras nos rins para trás, passei alguns meses reaprendendo a andar, primeiro com uma bengala, depois mancando bastante, trabalhando lentamente para devolver a saúde aos meus músculos atrofiados. Por volta de fevereiro, finalmente alcancei alguma independência – bem a tempo de participar de uma reunião regional de diretoria da nossa denominação em Greeley, Colorado, marcada para a primeira semana de março.

– Você precisa tirar uns dias de folga – Sonja me disse algumas semanas antes da reunião de diretoria.  
– Simplesmente tire uns dias e se divirta um pouco.

Agora, ali estávamos nós no Butterfly Pavilion. Uma borboleta-monarca passou por nós, com suas asas cor de laranja brilhantes segmentadas de preto como um vitral colorido. Sussurrei uma oração de gratidão por nossa viagem ter acontecido.

Dois dias antes, na quinta-feira, Colton havia começado a dizer a Sonja que sua barriga doía. Eu já estava em Greeley e, naquela época, Sonja estava dando aula de reforço para uma turma na Escola Secundária de Imperial. Não querendo deixar a escola a cargo de uma substituta, ela pediu à nossa boa amiga Norma Dannatt que cuidasse de Colton em sua casa para que Sonja pudesse ir trabalhar. Norma, que era como uma tia favorita para nossos filhos, imediatamente disse sim. Mas ao meio-dia, o celular de Sonja tocou. Era Norma: o estado de Colton havia piorado vertiginosamente. Ele estava com febre e calafrios e durante a maior parte da manhã havia ficado deitado quase imóvel no sofá de Norma, enrolado em um cobertor.

– Ele diz que está congelando, mas está suando desesperadamente – disse Norma, visivelmente preocupada. Ela disse que a testa de Colton estava coberta de gotas de suor grandes como lágrimas.

O marido de Norma, Bryan, havia chegado em casa, dado uma olhada, e decidiu que o estado de Colton era grave o bastante para ir para a emergência do hospital. Sonja telefonou para mim em Greeley dando as notícias e, de uma hora para outra, vi a nossa viagem para comemorar o fim de uma cadeia de doenças e lesões ser cancelada por motivo de... doença.

Sonja saiu do trabalho cedo, pegou Colton na casa de Norma, e levou-o ao médico, que revelou que um surto de gastroenterite estava atacando a cidade. Ao longo daquela noite, a nossa viagem ficou no ar. Separados, eu em Greeley e Sonja em Imperial, nós oramos para que Colton se sentisse bem para fazer a viagem, e, pela manhã, tivemos a nossa resposta: sim!

Durante a noite, a febre de Colton cedeu e por volta da tarde de sexta-feira ele já era novamente o mesmo. Sonja me telefonou para dizer: “Estamos a caminho!”

Agora, no Butterfly Pavilion, Sonja verificou o relógio. Estávamos programados para encontrar Steve Wilson, pastor da Igreja Wesleyana de Greeley, e sua esposa, Rebecca, para jantar naquela noite, e as

crianças ainda queriam nadar na piscina do hotel. Não havia *nenhuma* chance de eles nadarem em Imperial no mês de março, portanto aquela era uma oportunidade rara.

– Tudo bem, provavelmente vamos voltar ao hotel – disse Sonja.

Olhei para ela e depois para Colton.

– Ei, amigo, é hora de irmos. Você ainda tem certeza de que não quer pegar a Rosie? – perguntei. – Última chance de ganhar um adesivo. O que você acha?

As emoções brincavam no rosto de Colton como a luz do sol e as nuvens em uma mudança rápida de tempo. A esta altura, até sua irmã mais velha já estava ridicularizando-o um pouco por ter medo. Enquanto eu observava, Colton apertou os olhos e apertou a mandíbula: ele queria aquele adesivo.

– Tudo bem, eu pego ela – disse ele. – Mas só um pouquinho.

Antes que ele pudesse mudar de ideia, voltamos para o Crawl-A-See-Um, e eu me aproximei do funcionário:

– Este é Colton, e ele quer tentar – disse eu.

O funcionário sorriu e se abaixou.

– Ok Colton, você está pronto?

Duro como uma tábua, nosso filho estendeu a mão, e eu me curvei e a segurei com a minha.

– Agora, isto é superfácil, Colton – disse o funcionário. – Apenas fique com a mão aberta e parada. A Rosie é muito delicada. Ela não vai machucar você.

O funcionário levantou a mão, e Rosie passou de lado para a mão de Colton e voltou para a mão do guardador, que esperava do outro lado, sem mesmo diminuir a velocidade. Todos nós começamos a vibrar e aplaudir Colton enquanto o funcionário entregava a ele o seu adesivo. Ele havia enfrentado o seu medo! Foi uma grande vitória para ele. Aquele momento pareceu a cerejinha do bolo, que veio completar um dia perfeito.

Quando deixamos o Butterfly Pavilion, refleti sobre os últimos meses. Era difícil acreditar que a perna quebrada, as pedras nos rins, o trabalho perdido, o estresse financeiro, três cirurgias, e o medo do câncer, tudo aquilo havia acontecido em um período de seis meses. Naquele instante, percebi pela primeira vez que eu estava me sentindo como se tivesse passado por uma batalha. Durante meses, eu havia estado em guarda, esperando pelo próximo golpe que a vida pudesse me dar. Agora, porém, eu me sentia completamente relaxado pela primeira vez desde o verão anterior.

Se eu tivesse deixado minha mente prosseguir com aquela metáfora sobre o boxe um pouco mais, poderia ter chegado à sua conclusão lógica: em uma luta de boxe, os combatentes levam alguns golpes cruéis porque estão preparados para eles. E geralmente, o golpe de nocaute é aquele que eles não veem que está vindo.

# QUATRO

## SINAIS DE FUMAÇA

Naquela mesma noite, mais tarde, com uma boia debaixo da cintura, Cassie e Colton se sentaram em uma grande cabine redonda no Restaurante Old Chicago em Greeley, Colorado, colorindo alegremente enquanto Sonja e eu conversávamos com o pastor Steve Wilson e sua esposa, Rebecca. Já havíamos comido um pouco de uma comida italiana maravilhosa, inclusive as favoritas de sempre das crianças: pizza, espaguete e pão de alho.

Steve era o pastor presidente de uma igreja de cerca de 1.500 a 2.000 pessoas – quase o mesmo número de pessoas que moravam na nossa cidade natal, Imperial. Aquela era a chance de Sonja e eu conhecermos outro pastor da nossa região e termos algumas ideias sobre como os outros pastores ministram. Planejamos visitar a igreja de Steve, a Igreja Wesleyana de Greeley, no dia seguinte. Sonja queria dar uma olhada principalmente na forma como funcionava o programa infantil da igreja nas manhãs de domingo. Rebecca dividia seu tempo entre a conversa dos adultos e a pintura das crianças.

– Uau, Colton, você está se saindo muito bem colorindo essa pizza! – disse ela.

Colton deu um sorriso curto e educado, mas estava estranhamente quieto. Então, alguns minutos depois, ele disse:

– Mamãe, minha barriga está doendo.

Sonja e eu trocamos olhares. Seria a gastroenterite voltando? Sonja colocou as costas da mão na bochecha de Colton e sacudiu a cabeça.

– Você não está quente, querido.

– Acho que vou vomitar – disse Colton.

– Também não me sinto muito bem, mamãe – disse Cassie.

Achamos que fosse alguma coisa que eles haviam comido. Com as duas crianças se sentindo adoentadas, terminamos o nosso jantar cedo, nos despedimos dos Wilson e fomos para o hotel, que ficava do outro lado do estacionamento do restaurante. Assim que abrimos a porta do quarto, a predição de Colton se realizou: ele vomitou, começando no tapete e terminando no vaso sanitário, depois que Sonja o levou para o pequeno banheiro.

De pé na porta do banheiro, fiquei observando a pequenina figura de Colton debruçado e entre espasmos. Aquilo não se parecia com nenhum tipo de indigestão.

*Deve ser aquela gastroenterite, pensei. Ótimo.*

Foi assim que a noite começou. Ela continuou com Colton vomitando a cada trinta minutos, como um relógio. Entre essas crises, Sonja ficou sentada em uma cadeira lateral estofada com Colton no colo, mantendo o balde de gelo do quarto à mão no caso de não conseguir chegar até o banheiro. Cerca de duas horas depois deste ciclo, outra criança entrou na festa. Como Colton estava no banheiro, vomitando no

sanitário com Sonja ajoelhada ao lado dele, com a mão em suas costas para firmá-lo, Cassie entrou correndo e vomitou na banheira.

– Todd! – Sonja chamou. – Preciso de uma ajuda aqui!

*Ótimo, pensei. Agora os dois estão com isso.*

E será que estavam? Depois de levar as duas crianças de volta para o quarto, Sonja e eu começamos a raciocinar. Colton parecia ter começado com aquela gastroenterite no dia anterior. E durante o dia inteiro no Butterfly Pavilion, ele estava normal, completamente feliz, exceto pela tensão de segurar Rosie para conseguir aquele adesivo. Cassie também havia segurado Rosie... será que as tarântulas Golias podem desencadear um caso de vômitos em dupla?

*É claro que não, bobo,* disse a mim mesmo e coloquei aquele pensamento de lado.

– As crianças comeram a mesma coisa no restaurante? – perguntei a Sonja, que a esta altura estava deitada em uma das camas duplas com um braço em volta de cada um de nossos filhos.

Ela olhou para o teto e pensou por um instante.

– Acho que os dois comeram um pouco de pizza... mas todos nós comemos pizza. Creio que é aquela gastroenterite. Colton provavelmente ainda não estava bem, e passou para Cassie antes de chegarmos aqui. O médico disse que é muito contagioso.

De qualquer forma, parecia que a nossa viagem relaxante de comemoração pós-turbulência estava chegando ao fim abruptamente. E alguns minutos depois, ouvi as palavras mágicas que pareciam confirmar meus pensamentos:

– Mamãe, estou com vontade de vomitar de novo.

Sonja pegou Colton e levou-o para o banheiro novamente, bem na hora.

Quando a luz rósea da madrugada começou a entrar pelas cortinas na manhã seguinte, Sonja ainda estava acordada. Havíamos concordado que pelo menos um de nós ainda deveria ir visitar a Igreja Wesleyana de Greeley e obter um pouco de conhecimentos sobre o ministério de uma igreja grande que pudéssemos levar para Imperial, então tentei dormir pelo menos um pouco. Isso deixou Sonja com os deveres de enfermagem, que incluíam um percurso quase que de hora em hora de ida e volta até o banheiro com Colton. Cassie só havia se sentido mal uma vez naquela noite, mas fosse qual fosse aquele vírus, ele parecia ter se agarrado às vísceras do nosso garotinho e ter ido fundo.

Fizemos o check-out do hotel cedo e dirigimos até a casa de Phil e Betty Lou Harris em Greeley. Eles eram nossos amigos próximos e também superintendentes da região da igreja Wesleyana que inclui todo o Colorado e Nebraska. O plano original era nossas famílias irem juntas à igreja dos Wilson naquela manhã. Agora, porém, com duas crianças doentes, decidimos que Sonja ficaria na casa dos Harris. Betty Lou, mulher doce que é, se ofereceu para ficar em casa e dar uma ajuda.

Quando voltei da igreja logo após o almoço, Sonja me deu o relatório: Cassie estava se sentindo muito melhor. Ela havia conseguido até comer um pouco e não havia vomitado mais. Mas Colton continuava a vomitar regularmente e não conseguia reter nada no estômago.

Colton estava na sala dos Harris, encolhido no canto do grande sofá, em cima de um cobertor ou colcha, com um balde ao seu lado para o caso de uma emergência. Fui até ele e me sentei ao seu lado.

– Ei, amigo. Você não está muito bem, não é?

Colton balançou a cabeça devagar, e as lágrimas encheram os seus olhos azuis. Eu podia ter meus trinta anos, mas nos últimos meses, eu havia aprendido muito bem como era se sentir tão doente e infeliz a ponto de querer chorar. Meu coração doía por meu filho.

– Vem cá – eu disse. Coloquei-o no colo e olhei bem para o seu pequeno rosto redondo. Seus olhos, que geralmente brilhavam e brincavam, pareciam sem vida e fracos.

Phil entrou, sentou-se ao meu lado e revisou os sintomas: dor abdominal, vômitos em profusão, uma febre que veio e foi embora.

– Poderia ser apendicite?

Pensei por um instante. Certamente tínhamos um histórico na família. O apêndice de meu tio havia sido perfurado, e eu tive uma apendicite grave na universidade quando Sonja e eu estávamos namorando. Além disso, Sonja havia retirado o seu apêndice quando estava no segundo grau.

Mas as circunstâncias aqui não pareciam se encaixar. O médico de Imperial havia diagnosticado gastroenterite. E se era apendicite, não havia motivos para Cassie estar doente também.

Passamos a noite de domingo com os Harris, em Greeley. Pela manhã, Cassie estava completamente recuperada, mas Colton havia passado a segunda noite vomitando.

Enquanto fazíamos as nossas malas e saíamos para colocá-las na caminhonete, Phil olhou para Colton, encolhido nos braços de Sonja.

– Ele me parece bastante doente, Todd. Talvez você devesse levá-lo até o hospital daqui.

Sonja e eu chegamos a pensar nessa opção. Já havíamos ficado sentados em salas de espera de prontos-socorros com uma criança doente, e a nossa experiência dizia que provavelmente poderíamos fazer a viagem de três horas de volta até Imperial antes de sermos vistos no pronto-socorro de um hospital metro-Denver. Então, em vez disso, partimos para Imperial e marcamos hora com o nosso médico da família, que Colton vira na sexta-feira anterior. Expliquei o nosso raciocínio para Phil. Ele disse que entendia, mas posso dizer que ele ainda estava preocupado. E quando já estávamos na estrada por cerca de uma hora, comecei a achar que talvez ele estivesse certo.

Para Sonja, a nossa primeira bandeira vermelha sinalizou quando paramos em um Safeway logo na saída de Greeley para comprar fraldas. Colton, que já usava o vaso sanitário havia mais de dois anos, sujara as roupas de baixo. Sonja preocupou-se com o fato de ele nem sequer protestar quando ela o deitou no banco de trás da caminhonete e ajudou-o a colocar a fralda. Sob circunstâncias normais, ele ficaria indignado: “Não sou um bebê!”

Agora, porém, ele não deu um pio.

Em vez disso, depois de ser preso de novo em seu assento, ele só segurava a barriga e gemia. Após duas horas de viagem, ele chorava constantemente, parando a cada trinta minutos para vomitar novamente. Pelo espelho retrovisor, eu podia ver a tristeza e a impotência no rosto de Sonja. Enquanto isso, tentei me concentrar no objetivo: levá-lo até Imperial, dar a ele algum medicamento intravenoso, interromper a desidratação que certamente devia estar se instalando enquanto essa infecção avançava.

Chegamos a Imperial em menos de três horas. No hospital, uma enfermeira levou-nos de volta para uma sala de exames bem depressa, com Sonja levando Colton nos braços, com a cabeça deitada em seu ombro como fazia quando ele era bebê. Dentro de alguns minutos, o médico que havia visto Colton na sexta-feira chegou, e nós o colocamos a par da situação. Depois de um breve exame, ele pediu exames de sangue e raios X, e creio que respirei fundo pela primeira vez desde que havíamos saído de Greeley. Isto era progresso. Estávamos fazendo alguma coisa. Em pouco tempo, teríamos um diagnóstico, provavelmente uma receita ou duas, e Colton estaria a caminho da recuperação.

Levamos Colton ao laboratório, onde ele gritava enquanto um técnico em enfermagem tentava o melhor que podia encontrar uma veia. A isso seguiram-se raios X, que foram melhores só porque convencemos Colton de que não havia nenhuma agulha envolvida. Dentro de uma hora, estávamos de volta ao consultório médico.

– Pode ser apendicite? – Sonja perguntou ao médico.

Ele sacudiu a cabeça.

– Não. A contagem de glóbulos brancos de Colton não é compatível com apendicite. Mas estamos preocupados com os raios X dele.

Olhei para Sonja. Foi naquele instante que percebemos que estávamos tratando de um vírus realmente nocivo. Estávamos completamente despreparados para algo mais sério. O médico nos levou até o corredor, onde já havia uma radiografia presa a um quadro iluminado. Quando vi o que havia na imagem, meu coração foi parar no estômago: os raios X do pequeno tórax de nosso filho apresentavam três

manchas escuras. Parecia que o interior dele havia explodido.

Sonja começou a sacudir a cabeça, e as lágrimas, que haviam estado retidas logo abaixo da superfície, desceram por seu rosto.

– O senhor tem certeza de que não é apendicite? – perguntei ao médico. – Temos um histórico na família.

Novamente ele disse que não.

– Não é isso que os exames de sangue indicam.

– Então o que é?

– Não tenho certeza – disse ele.

[5](#) Grande rede americana de supermercados. (N.T.)

# CINCO

## A SOMBRA DA MORTE

Era segunda-feira, 3 de março. As enfermeiras colocaram Colton em uma sala e injetaram um medicamento por via intravenosa. Dois sacos pendurados em um suporte de aço inoxidável, um para hidratação e outro com antibióticos de um determinado tipo. Sonja e eu oramos juntos por Colton. Norma passou por ali com o brinquedo favorito de Colton, o seu boneco do Homem Aranha. Normalmente, seus olhos teriam se iluminado ao ver Norma ou o Homem Aranha, mas Colton não reagiu. Mais tarde, nossa amiga Terri levou o melhor amiguinho de Colton, seu filho Hunter, para visitá-lo. Mais uma vez, Colton não reagia, parecia quase sem vida.

Sentada em uma cadeira ao lado da cama de Colton, Norma olhou para Sonja muito séria.

– Acho que você devia levá-lo para o Hospital Pediátrico de Denver.

Mas àquela altura, estávamos confiando nos médicos, acreditando que tudo o que podia ser feito estava sendo feito. Além disso, Colton não estava em condições de viajar e refazer todo o caminho de volta até o Colorado.

Colton continuava vomitando. Sonja segurava as pontas, consolando-o, recolhendo o seu vômito, enquanto eu dirigia para casa para dar andamento ao resto de nossa vida. A caminho de casa, parei na igreja para me certificar de que o lugar não havia sido incendiado. Falei com os rapazes que trabalham comigo no negócio de portas de garagem, retornei os telefonemas de alguns clientes novos e fui fazer um trabalho de conserto. Orei por todo o tempo em que estive longe do hospital. Até durante as minhas conversas com as pessoas, minhas orações ascendiam, um tipo de música mental de fundo que estaria no primeiro plano – o único plano – se a vida não tivesse uma maneira inconveniente de se desenrolar.

Sonja passou a noite de segunda-feira no hospital, e eu fiquei em casa com Cassie. Na terça-feira de manhã, eu a levei para a escola. Durante o resto do dia, entre a igreja e as responsabilidades da empresa, eu entrava e saía do hospital tantas vezes quanto possível, esperando que houvesse alguma melhora. Em vez disso, cada vez que eu entrava no quarto de Colton, via meu garotinho escorregando cada vez mais fundo nas garras de seja lá qual fosse o monstro misterioso que o prendia. Ele não apenas não estava melhorando, como estava piorando *muito depressa*.

Por volta da segunda tarde, vi algo que me aterrorizou: a sombra da morte.

Eu a reconheci instantaneamente. Como pastor, às vezes você se vê à beira de um leito de morte. Em um hospital. Em um asilo. Em um hospício. Existem sinais reveladores: a pele perde sua cor rosada e desbota passando a um amarelo ictérico. A respiração é difícil. Os olhos estão abertos, mas a pessoa não está presente. E o mais significativo de todos: há um afundamento e um escurecimento ao redor dos olhos. Eu havia visto essa aparência muitas vezes, mas em um contexto onde se poderia esperar isso, em um paciente que sofria de câncer terminal ou nas fases finais da velhice. Você sabe que a vida daquela

pessoa na terra se resume a dias, depois horas e depois minutos. Eu estaria ali para consolar a família, para orar com eles e fazer orações do tipo *Deus, por favor, leve-a depressa, por favor, tire a dor dela.*

Mas desta vez, eu estava vendo a sombra da morte novamente – e eu a estava vendo em meu filho. Meu filho que ainda não tinha quatro anos. Aquela visão me atingiu como uma bala.

Uma voz gritou dentro da minha cabeça: *Não estamos fazendo nada!*

Sou um sujeito que caminha vigorosamente. Fiz sulcos no chão do quarto de Colton, atravessando o pequeno espaço sem parar como um leão em uma jaula. Meu estômago se revirava. Dentro do meu peito, uma espécie de garra invisível apertava meu coração. *Ele está piorando, Deus! O que vamos fazer?*

Enquanto eu andava, Sonja canalizava sua ansiedade no papel de guardiã zelosa. Ela afofava o travesseiro de Colton, arrumava seus cobertores, certificava-se de que ele ainda estava bebendo. Era um papel que ela exercia para não explodir. Cada vez que eu olhava para ela, podia ver a agitação aumentando em seus olhos. Nosso filho estava indo embora, e, assim como eu, ela queria saber: O que estava errado? Os médicos traziam resultados de exames, resultados de exames, e mais resultados de exames. Mas nenhuma resposta, apenas observações inúteis.

– Ele não parece estar respondendo à medicação. Não sei... gostaria de que o cirurgião estivesse aqui.

Sonja e eu lutávamos com a nossa confiança. Nós não éramos médicos. Não tínhamos experiência em medicina. Sou pastor, ela é professora. Queríamos confiar. Queríamos acreditar que os profissionais da medicina estavam fazendo tudo o que podia ser feito. Continuávamos pensando: *Da próxima vez que o médico entrar aqui, teremos novos resultados de exames; ele vai mudar a medicação; ele vai fazer alguma coisa para tirar essa aparência de morte do nosso filho.*

Mas ele não fez nada disso. E chegou a um ponto em que tivemos de estabelecer um limite.

# SEIS

## NORTH PLATTE

Na quarta-feira, demos a notícia à equipe do hospital Imperial de que estávamos levando Colton para o Centro Médico Regional Great Plains em North Platte. Consideramos a sugestão de Norma do Hospital Pediátrico de Denver, mas achamos que seria melhor ficarmos perto da nossa base de apoio. Levou algum tempo para fazer o check out de Colton, como acontece toda vez que se sai de um hospital, mas para nós pareceu uma eternidade. Finalmente, uma enfermeira entrou com os papéis de liberação, uma cópia dos resultados dos exames de Colton e um grande envelope marrom contendo as radiografias dele. Sonja ligou com antecedência para o consultório do Dr. Dell Shepherd, o pediatra, para avisar à equipe dele que estávamos chegando.

Às 10h30, tirei Colton da cama do hospital e fiquei chocado com a debilidade de seu corpo. Ele parecia um farrapo em meus braços. Era uma ocasião perfeita para entrar em pânico, mas tentei me manter calmo. Pelo menos agora estávamos fazendo alguma coisa. Estávamos tomando uma atitude.

A cadeirinha de Colton estava presa ao banco de trás da nossa caminhonete. Coloquei-o ali, imaginando, enquanto o prendia, em quanto tempo eu conseguiria fazer a viagem de noventa minutos até North Platte. Sonja entrou no banco de trás com Colton, armada com uma tigela de plástico rosa do hospital para recolher o vômito.

O dia estava ensolarado, mas frio. Enquanto eu dirigia para a estrada 61, virei o espelho retrovisor para poder ver Colton. Vários quilômetros se passaram em silêncio; então ouvi-o tentando vomitar na tigela. Quando ele terminou, encostei o carro para que Sonja pudesse esvaziá-la na beira da estrada. De volta à estrada, olhei pelo espelho e vi Sonja tirar o raios X do envelope marrom e segurá-lo contra a luz do sol que entrava. Lentamente, ela começou a sacudir a cabeça e seus olhos se encheram de lágrimas.

– Nós erramos – disse ela, sua voz rompendo sobre as imagens que mais tarde ela me diria que ficaram gravadas em sua mente para sempre.

Virei minha cabeça para trás o suficiente para ver as três pequenas explosões que ela estava olhando. As manchas deformadas pareciam enormes na imagem fantasmagórica do pequeno tórax de Colton. Por que elas pareciam tão maiores agora?

– Você está certa. Nós devíamos saber – disse eu.

– Mas o médico...

– Eu sei. Não devíamos ter ouvido.

Ninguém estava culpando ninguém, nem apontando o dedo para o outro. Mas ambos estávamos muito chateados conosco mesmos. Havíamos tentado fazer a coisa certa a cada passo. O médico disse “raios X”, nós fizemos raios X. O médico disse “medicação intravenosa”, fizemos a medicação intravenosa. O médico disse “exames de sangue”, fizemos exames de sangue. Ele era o médico, certo? Ele sabia o que

estava fazendo... certo? A cada momento de decisão, tínhamos tentado fazer a coisa certa, mas havíamos feito as escolhas erradas, e agora Colton estava pagando por isso. Uma criança indefesa estava sofrendo as consequências dos nossos erros.

Atrás de mim, Colton estava curvado como que sem vida em sua cadeirinha, e o silêncio dele era mais alto que qualquer som que jamais ouvi.

Existe uma história na Bíblia sobre o rei Davi de Israel. Davi havia cometido adultério com Betsabá, a mulher de Urias, um dos soldados de confiança de Davi. Então, em um esforço para encobrir o seu pecado, Davi enviou Urias para a frente de batalha, onde Davi sabia que ele seria morto. Mais tarde, o profeta Natã foi falar com Davi e disse, basicamente: “Olhe, Deus sabe o que você fez, e eis as consequências do seu pecado: a criança que você e Betsabá conceberam não viverá.”<sup>6</sup>

Davi rasgou as roupas e chorou, orou e implorou a Deus. Ele estava tão arrasado que, quando o bebê morreu, seus servos ficaram com medo de contar a ele. Mas Davi percebeu e, quando isso aconteceu, ele se levantou, se lavou, comeu e cuidou do funeral calmamente. O comportamento dele deixou os servos confusos, e eles disseram: “Ei, espere um instante: você não estava fora de si há alguns minutos? Você não estava suplicando e chorando diante de Deus? Agora você está tão calmo... o que é que está acontecendo?”

Davi explicou: “Eu estava esperando que Deus mudasse de ideia. Mas isso não aconteceu.”<sup>7</sup> Davi, em sua opinião, estava fazendo o que podia enquanto ainda havia algo que pudesse fazer.

Quando penso naquele trajeto até North Platte, era assim que eu estava me sentindo. Sim, as radiografias pareciam péssimas, e o rosto do meu filho estava coberto pela morte.

Mas ele não estava morto ainda.

Agora não era hora de desistir e lamentar. Agora era hora de orar e agir. *Deus, permita-nos chegar lá. Deixe-nos ajudar nosso filho.*

Como pai, eu sentia que havia errado. Mas talvez ainda houvesse algo que eu pudesse fazer para me redimir. Essa esperança provavelmente foi a única coisa que me impediu de desmoronar.

Atravessamos a fronteira de North Platte por volta do meio-dia e fizemos uma linha reta até o consultório do pediatra. Desci correndo da caminhonete e embrulhei Colton em um cobertor, carregando-o em meus braços como um bombeiro. Sonja recolheu as nossas coisas e me seguiu, ainda levando na mão a tigela do hospital.

Na recepção, uma mulher agradável nos cumprimentou.

– Somos os Burpo – eu disse. – Ligamos com antecedência de Imperial para avisar sobre o nosso filho.

– O doutor foi almoçar.

*Foi almoçar?!*

– Mas nós ligamos com antecedência – eu disse. – Ele sabia que estávamos vindo.

– Por favor, sentem-se – disse a recepcionista. – O doutor estará de volta em dez ou quinze minutos.

O jeito natural dela me disse que ela não compreendeu a nossa urgência, e dentro de mim, um projétil de raiva foi disparado. Por fora, porém, mantive a calma. Eu poderia ter gritado e esbravejado, mas não teria ajudado em nada. Além disso, sou um pastor. Não podemos nos dar ao luxo de perder o controle em público.

Sonja e eu encontramos um assento na sala de espera, e quinze minutos depois o médico chegou. Ele tinha a aparência tranquila da maturidade – cabelos prateados, óculos, um bigode arrumado. A equipe de enfermagem nos conduziu de volta a uma sala de exames, e Sonja entregou a ele o pacote de exames que havíamos levado, juntamente com as radiografias. Ele examinou Colton tão rapidamente que me ocorreu que ele poderia estar compensando o tempo perdido.

– Vou pedir uma tomografia computadorizada – disse ele. – Você vai precisar atravessar a rua até o hospital.

Ele se referia ao Centro Médico Regional Great Plains. Dez minutos depois, estávamos na clínica de diagnóstico por imagens, talvez na missão mais importante da nossa vida.

[6](#) 2 Samuel 12:13,14, parafraseado.

[7](#) 2 Samuel 12:21-23, parafraseado.

# SETE

## “ACHO QUE É O FIM”

– Nãããããão!

– Mas Colton, você *tem* de beber isto!

– Nãããããão! *Eccccccca!*

Os gritos de protesto de Colton ecoavam pela clínica. Ele estava tão exausto, tão fraco, tão cansado de vomitar a alma pela boca, e agora estávamos tentando fazê-lo beber uma solução grossa, arenosa, cor de cereja que um adulto em sã consciência não beberia voluntariamente nem em um milhão de anos. Finalmente, Colton deu um pequeno gole, mas depois imediatamente o colocou para fora. Sonja se apressou com a tigela.

– Ele está vomitando o tempo todo – disse eu ao técnico. – Como ele vai beber isto?

– Sinto muito, senhor... ele tem de beber para podermos ter a melhor imagem.

– *Por favoor! Por favor, não me faça beber isso, papai!*

Tentamos tudo. Brincamos de Mutt & Jeff, com Sonja persuadindo e eu ameaçando. Mas quanto mais firme eu era, mais Colton travava os dentes e rejeitava o líquido pegajoso.

Tentei argumentar:

– Colton, se você conseguir apenas tomar isto, os médicos poderão fazer este exame e podemos fazer com que você se sinta melhor. Você não quer se sentir melhor?

– Sim – disse Colton, fungando.

– Bem, então, tome aqui.

– *Nãããããão! Não me faça bebeeeeeer!*

Estávamos desesperados. Se ele não bebesse o líquido, eles não poderiam fazer a tomografia computadorizada. Sem a tomografia, eles não podiam dar o diagnóstico. Sem um diagnóstico, eles não podiam tratar nosso filho. A batalha durou aproximadamente uma hora até que, finalmente, um técnico saiu e teve misericórdia de nós.

– Vamos em frente, vamos levá-lo para dentro. Vamos fazer o melhor que pudermos.

Dentro da sala de imagens, Sonja ficou com o técnico, atrás do escudo contra radiação, enquanto eu ficava ao lado de um Colton apático enquanto a mesa deslizava seu corpo para dentro de um tubo grande e assustador. Demonstrando ternura e compaixão, o técnico parou a mesa antes de o corpo de Colton deslizar totalmente para dentro da máquina, permitindo que ele mantivesse a cabeça de fora para poder me ver. A máquina zunia, e Colton olhava para mim com seus olhos apertados pela dor.

Rapidamente, o exame terminou. O técnico escaneou as imagens, e depois nos levou para fora do laboratório. Ele não nos levou de volta para a sala de espera principal, mas para um corredor isolado onde havia algumas cadeiras ao longo da parede.

O técnico olhou para mim com um olhar sombrio.

– O senhor precisa esperar aqui – disse ele.

Naquele instante, eu nem sequer percebi que ele não pediu a Colton para se vestir.

Nós três nos sentamos no corredor frio e estreito, Sonja abraçando Colton, que estava com a cabeça deitada em seu ombro. Ela estava chorando constantemente agora. Olhando em seus olhos, eu podia ver que sua esperança havia se esvaído. Aquele não era o lugar normal para se esperar. O técnico havia nos separado dos outros. Ele havia visto a imagem e sabia que era algo ruim.

Sonja olhou para Colton, deitado em seus braços, e eu pude ver as engrenagens girando em sua mente. Ela e Colton faziam *tudo* juntos. Aquele era o garotinho dela, seu companheiro. Mais que isso, aquela bolinha de fogo de cabelos louros e olhos azuis era uma bênção do céu, um presente de cura depois do bebê que havíamos perdido.

Cinco anos antes, Sonja havia engravidado do nosso segundo filho. Estávamos nas nuvens com a gravidez, vendo esta nova vida como alguém que vinha completar a nossa família. Quando éramos só nos dois, éramos um casal. Quando Cassie nasceu, nos tornamos uma família. Com um segundo filho a caminho, podíamos começar a ver o esboço do futuro – retratos de família, uma casa cheia com o som alegre da infância, duas crianças verificando suas meias na manhã de Natal. Então, após dois meses de gravidez, Sonja perdeu o bebê, e os nossos sonhos estouraram como bolhas de sabão. A tristeza consumiu Sonja. A realidade de um filho perdido, alguém que jamais conheceríamos. Um espaço vazio onde antes não havia.

Estávamos ansiosos por tentar de novo, mas nos preocupávamos pensando se seríamos capazes de ter outro filho, multiplicando a nossa tristeza. Alguns meses depois, Sonja engravidou novamente. Seus primeiros exames pré-natais revelaram um bebê saudável que estava crescendo. Mesmo assim, esperamos sem ficar muito animados, com um pouco de medo de nos apaixonarmos por esta nova criança como havíamos nos apaixonado por aquela que perdemos. Mas quarenta semanas depois, em 19 de maio de 1999, Colton Todd Burpo chegou e caímos de pernas para o ar. Para Sonja, esse garotinho era um presente ainda mais especial diretamente das mãos de um Pai celestial amoroso.

Agora, olhando seu rosto acima da figura pálida de Colton, eu podia ver perguntas terríveis se formando em sua mente: *O que o Senhor está fazendo, Deus? O Senhor vai levar esta criança também?*

O rosto de Colton parecia contraído e pálido, sua face era uma pequena lua naquele corredor austero. As sombras ao redor de seus olhos haviam se aprofundado e se transformado em buracos escuros e roxos. Ele não estava gritando mais, e nem mesmo chorando. Ele estava apenas... imóvel.

Mais uma vez, lembrei-me daqueles pacientes moribundos que eu havia visto pairando no limiar entre a terra e a eternidade. Lágrimas encheram meus olhos, enevoando a imagem de meu filho como chuva em uma vidraça. Sonja olhou para mim, com suas lágrimas descendo. “Acho que é o fim”, disse ela.

# OITO

## FURIOSO COM DEUS

Cinco minutos depois, um homem com um jaleco branco saiu do laboratório de imagens. Não me lembro do seu nome, mas me lembro que o crachá dizia “Radiologista”.

– Seu filho tem um apêndice perfurado – disse ele. – Ele precisa de uma cirurgia de emergência. Eles estão prontos para recebê-los para os preparativos cirúrgicos agora. Sigam-me.

Perplexos, Sonja e eu desmoronamos atrás dele. Senti o calor nas minhas têmporas. *Um apêndice perfurado?* O médico de Imperial não havia excluído esta hipótese?

Na sala de preparativos para a cirurgia, Sonja deitou Colton em uma maca, beijou-o na testa e recuou quando uma enfermeira se aproximou com um tubo de medicação intravenosa e uma agulha. Imediatamente, Colton começou a gritar e a se debater. Fiquei junto à cabeça de meu filho e segurei seus ombros para baixo, tentando acalmá-lo com a minha voz. Sonja voltou para o lado de Colton, chorando abertamente enquanto tentava prender o seu braço esquerdo e a sua perna com o seu corpo.

Quando olhei para cima, a sala de preparação estava cheia de homens e mulheres com jalecos brancos e aventais.

– O cirurgião está aqui – disse um deles, gentilmente. – Se o senhor quiser sair e falar com ele, nós assumiremos aqui.

Relutantes, passamos pela cortina, com Colton gritando: “Por favooooor, papai! Não vá embora!”.

No corredor, o Dr. Timothy O’Holleran esperava por nós. Ele era o médico que havia feito a mastectomia em mim quatro meses atrás. Agora suas feições estavam marcadas por linhas horizontais amargas.

Ele não economizou palavras.

– O apêndice de Colton foi perfurado. Ele não está bem. Vamos abri-lo para tentar limpá-lo.

Do outro lado da cortina, Colton ainda estava gritando. “Papai! Papaaaaaaaaaaai!”

Trincando os dentes, fechei meus ouvidos para aquele som e tentei me concentrar no médico.

– Perguntamos sobre a possibilidade de um apêndice perfurado em Imperial – disse Sonja. – Eles rejeitaram a possibilidade.

Meu cérebro ignorou o passado e olhou para o futuro, em busca de alguma esperança.

– Como o senhor acha que ele vai se sair? – perguntei.

– Temos de abri-lo e limpá-lo. Vamos saber mais quando o abrirmos.

Os espaços entre as palavras dele soavam em meus ouvidos como sinos de alarme enquanto os gritos de Colton ecoavam pelos corredores. Em resposta a uma pergunta direta, o médico não havia nos dado especificamente nenhuma garantia. Na verdade, a única coisa que ele havia dito sobre Colton era que ele estava em mau estado. Minha mente voltou como um flash para o instante em que Sonja me telefonou em

Greeley, de Imperial, para me dizer que a febre de Colton havia cedido e que eles estavam a caminho. O que nos pareceu o final de uma gastroenterite, muito provavelmente havia sido o primeiro sinal de um apêndice perfurado. Isso significava que o veneno havia enchido a barriga do nosso garotinho por *cinco dias*. Esse cálculo explicava a sombra da morte que víamos nele agora. E explicava por que o Dr. O'Holleran não nos havia dado nenhuma esperança.

O médico sacudiu a cabeça em direção ao barulho que vinha da sala de preparativos.

– Creio que será melhor levá-lo para a cirurgia e sedá-lo, e depois colocar a medicação intravenosa.

Ele deu um passo em direção à cortina e ouvi-o dar a ordem. Alguns minutos depois, duas enfermeiras empurraram a maca através da cortina, e vi Colton se contorcendo. Ele torcia sua figura pequena, virando a cabeça até olhar para mim com seus olhos fundos.

– Papai! Não deixe eles me levaaaaaaaarem!

Você se lembra de quando eu disse que pastores não podem se dar ao luxo de perder o controle? Eu estava a ponto de perdê-lo, e tinha de fugir. Depois de falar com o médico e de rabiscar meu nome no que pareceram ser centenas de formulários de seguro, quase correndo, encontrei uma sala pequena com uma porta, enfiei-me nela, e bati a porta atrás de mim. Meu coração estava disparado. Eu não conseguia recuperar o fôlego. Desespero, raiva e frustração tomaram conta de mim em ondas que pareciam roubar o meu fôlego.

Quando todo mundo está perdendo a cabeça, todos vão atrás do Papai – principalmente quando o Papai é um pastor. Agora eu estava finalmente em uma sala onde não havia ninguém olhando para mim, e comecei a ficar furioso com Deus.

– Onde o senhor *está*? É *assim* que o senhor trata os seus pastores? Vale a pena servir ao senhor?

Eu andava de lá para cá pela sala, que parecia se fechar sobre mim, se encolhendo como certamente as opções de Colton estavam se encolhendo. Uma única imagem me assaltava sem parar: Colton sendo levado na maca com os braços estendidos, gritando para que eu o salvasse.

Foi quando a ideia me atingiu. *Esperamos demais. Talvez eu nunca veja meu filho vivo outra vez.*

Lágrimas de raiva inundaram meus olhos, desceram pelo meu rosto.

– Depois da perna, as pedras nos rins, a mastectomia, é assim que o Senhor vai me deixar comemorar o fim do meu tempo de provas? – gritei para Deus. – O Senhor vai levar o meu filho?

# NOVE

## MINUTOS COMO GELEIRAS

Quinze minutos depois, talvez mais, saí daquela sala de olhos secos. Foi a primeira vez que fiquei realmente sozinho desde o início de toda aquela prova. Eu queria ser forte para Sonja, um marido forte para sua esposa. Encontrei-a na sala de espera, usando seus últimos minutos de bateria do telefone celular para ligar para os amigos e a família. Abracei-a enquanto ela chorava em minha camisa até ela grudar no meu peito. Usei a pouca bateria que havia em meu celular para ligar para Terri, minha secretária, que por sua vez ativaria a corrente de oração na igreja. Essa não era uma ligação cerimoniosa. Eu estava desesperado por oração, desesperado por ter outros crentes batendo nos portões do céu e pedindo pela vida do nosso filho.

Os pastores devem ser pilares de fé inabaláveis, certo? Mas naquele instante, minha fé estava pendurada em um fio esfarrapado que se desgastava depressa. Pensei nas vezes em que as Escrituras dizem que Deus respondeu às orações não dos doentes ou moribundos, mas dos *amigos* do doente ou moribundo – o parálítico, por exemplo. Foi quando Jesus viu a fé dos amigos do homem que ele disse ao parálítico: “Levanta, toma a tua cama e vai para casa.”<sup>8</sup> Naquele instante, eu precisava tomar emprestada a força e a fé de alguns outros crentes. Depois que desliguei com Terri, Sonja e eu nos sentamos juntos e oramos, com medo de ter esperança e com medo de não ter.

O tempo se arrastava, os minutos se moviam na velocidade das geleiras. Entre conversas mudas e conversas fúteis, a sala de espera fazia tique-taque com um silêncio grávido.

Noventa minutos depois, uma enfermeira com avental roxo e uma máscara cirúrgica pendurada no pescoço, entrou na sala de espera.

– O pai de Colton está aqui?

O tom da voz dela e o fato de ser uma enfermeira, e não o Dr. O’Holleran, provocaram uma explosão de esperança pelo meu corpo.

*Talvez Deus esteja sendo gracioso apesar da nossa estupidez. Talvez ele vá nos dar outro dia, outra chance.*

Fiquei de pé.

– Sou o pai de Colton.

– Sr. Burpo, o senhor poderia voltar? Colton saiu da cirurgia, mas não conseguimos acalmá-lo. Ele ainda está gritando, e está gritando pelo senhor.

Quando estavam levando Colton na maca, eu não conseguia suportar os gritos dele. Agora, de repente, eu queria ouvir os seus gritos mais do que nunca quis ouvir em minha vida. Para mim, eles seriam um lindo som.

Sonja e eu recolhemos nossas coisas e seguimos a enfermeira de volta através das grandes portas

duplas que levavam ao centro cirúrgico. Não chegamos até a sala de recuperação, mas encontramos duas enfermeiras levando Colton pelo corredor em uma maca. Ele estava desperto, e eu pude ver que estava procurando por mim. Minha primeira reação foi tentar chegar o mais perto possível dele; acho que eu teria subido na maca com ele se não achasse que as enfermeiras ficariam um pouco irritadas.

As enfermeiras pararam por tempo suficiente para que Sonja e eu déssemos um beijo no rostinho de Colton, que ainda parecia pálido e exausto.

– Ei, amigo, como você está? – perguntei.

– Oi, mamãe. Oi, papai – a sombra de um sorriso aqueceu o seu rosto.

As enfermeiras colocaram a maca em movimento outra vez e, após alguns minutos e uma viagem de elevador, Colton foi colocado em uma sala estreita do hospital por um instante para cuidarem de algumas papeladas no setor de enfermagem, e eu fiquei para trás, sentado próximo à cama de Colton em uma daquelas cadeiras de balanço cobertas de malha, bebendo a vida de meu filho.

Uma criança pequena parece ainda menor em uma cama de hospital construída para adultos. Com menos de 18 quilos, o corpo de Colton mal levantava o lençol. Seus pés não alcançavam mais de um terço da cama. Anéis escuros circundavam os seus olhos, mas me parecia que o azul de seus olhos brilhava mais que duas horas antes.

– Papai? – Colton olhou para mim muito sério.

– O quê?

Ele olhou para mim e não tirou os olhos dos meus.

– Papai, você sabe que eu quase morri.

O medo me assaltou. *Onde ele tinha ouvido aquilo?*

Será que ele tinha ouvido a equipe médica falando? Será que ele tinha ouvido algo que a equipe cirúrgica havia dito, apesar da anestesia? Porque nós com certeza não havíamos dito nada na frente dele sobre ele estar perto da morte. Sonja e eu tínhamos medo de que ele estivesse a um passo da morte, e *soubemos* disso depois que ficamos sabendo que o apêndice dele havia soltado veneno dentro do seu organismo por cinco dias. Mas nós tínhamos sido muito cuidadosos em não dizer nada na frente de Colton que pudesse assustá-lo.

Minha garganta se fechou, o primeiro sinal das lágrimas. Algumas pessoas ficam fora de si quando seus filhos adolescentes querem falar sobre sexo. Se você acha que isso é difícil, tente falar com o seu garotinho sobre a morte. Colton havia estado comigo em asilos, lugares onde as pessoas davam a seus entes queridos permissão para deixarem a vida. Eu não estava pronto para dar a meu filho permissão para partir. Não estávamos fora de perigo ainda, e eu não queria que ele pensasse que a morte fosse uma opção.

Forcei a voz para permanecer firme e sorri para meu filho:

– Pense apenas em melhorar, ok, amiguinho?

– Ok, papai.

– Estamos aqui com você o tempo todo, estamos orando por você. – Mudei de assunto. – Agora, o que podemos trazer para você? Você quer os seus bonecos de super-heróis que estão lá em casa?

Não fazia muito tempo que estávamos no quarto quando três membros da diretoria da nossa igreja chegaram ao hospital. Ficamos muito gratos por isso. Às vezes, imagino o que as pessoas fazem quando não têm uma família ampliada e uma igreja. Em tempos de crise, de onde vem o apoio delas? Cassie ficou com Norma e Bryan em Imperial até que minha mãe, Kay, pudesse dirigir de Ulysses, no Kansas. A família estendida de Bryan vive em North Platte, e eles foram nos ajudar também. A nossa igreja reunida ao nosso redor no olho do furacão mudaria a maneira como Sonja e eu encarávamos a visitação pastoral em tempos de provação e tristeza. Éramos fiéis quanto a isso antes; agora somos militantes.

Logo, Sonja voltou para o quarto e, não muito depois disso, o Dr. O'Holleran se juntou a nós. Colton ficou deitado quieto enquanto o cirurgião puxou o lençol para nos mostrar o local da incisão, uma linha

horizontal do lado direito da sua pequena barriga. O ferimento estava envolvido em gaze tingida de sangue, e quando ele começou a removê-la, Colton choramingou um pouco de medo. Não creio que ele já pudesse sentir alguma coisa, uma vez que ainda estava sob o efeito da anestesia local que a equipe cirúrgica havia aplicado no local da incisão.

O interior de Colton estava tão contaminado pelo veneno do apêndice perfurado que o Dr. O'Holleran havia decidido que era melhor deixar a incisão aberta para que ela pudesse continuar a drenar líquido.

– Estão vendo este tecido cinza? – perguntou ele. – É isto que acontece com os órgãos internos quando ocorre uma infecção. Colton não vai poder deixar o hospital até que tudo que está cinza ali fique rosa.

Um tubo de plástico saía de cada lado do abdômen de Colton. No final de cada tubo havia o que o médico chamava de uma “granada”. De plástico claro colorido, elas pareciam um pouco com granadas, mas na verdade eram bombas para serem apertadas manualmente. Na manhã seguinte, o Dr. O'Holleran nos mostrou como apertar as granadas para drenar o pus do abdômen de Colton e depois envolver a abertura com gaze limpa. Durante os próximos dias, o Dr. O'Holleran vinha todas as manhãs para verificar o ferimento e fazer o curativo. Colton gritava feito louco durante essas visitas e começou a associar o médico com tudo de ruim que estava acontecendo com ele.

À noite, quando o doutor não estava lá, eu tinha de drenar a incisão. Antes da cirurgia, Sonja havia estado em patrulha constante por cerca de uma semana e, desde a cirurgia, ao lado da cama de Colton a cada minuto. Mas drenar o pus era um trabalho sangrento, e aquilo era demais para ela. Além disso, eram necessários pelo menos três adultos para segurar Colton. Então, enquanto eu apertava as granadas, Sonja ajudava duas enfermeiras a segurá-lo e sussurrava palavras tranquilizadoras enquanto Colton gritava sem parar.

DEZ

## ORAÇÕES DE UM TIPO MUITO RARO

Durante mais uma semana depois da apendectomia de emergência, Colton continuou a vomitar, e continuamos a bombear veneno de dentro do seu corpo duas vezes por dia, usando o cordame de tubos plásticos e as granadas do Dr. O'Holleran. Lentamente, gradualmente, Colton teve uma melhora. Os vômitos pararam, sua cor voltou, e ele começou a comer um pouco. Sabíamos que ele estava se recuperando quando começou a se sentar e a conversar conosco, a brincar com o *video game* que as enfermeiras acoplaram à sua cama, e até a se interessar pelo leão de pelúcia novinho que Cassie havia levado para ele dias antes. Finalmente, sete dias depois de entrarmos no hospital de North Platte, a equipe médica disse que podíamos levar nosso filho para casa.

Como soldados depois de uma longa mas vitoriosa luta, Sonja e eu estávamos exaustos e radiantes. Em 3 de março, empacotamos todos os despojos de uma longa estadia no hospital em uma confusão de sacolas de compras, malas de acampamento e sacolas plásticas e nos dirigimos para os elevadores, eu empurrando Colton em uma cadeira de rodas e Sonja segurando um largo buquê de balões de despedida.

As portas do elevador haviam começado a fechar quando o Dr. O'Holleran apareceu no corredor e literalmente gritou para que parássemos.

– Vocês não podem ir! Vocês não podem ir! – sua voz ecoou no corredor de ladrilhos enquanto ele sacudia uma folha de papel na nossa direção. – Ainda temos problemas!

Um exame de sangue de última hora havia detectado uma queda radical na contagem de glóbulos brancos de Colton, disse o Dr. O'Holleran quando nos alcançou no elevador.

– Provavelmente é outro abscesso – disse ele. – Talvez tenhamos de operar novamente.

Pensei que Sonja fosse desmaiar ali mesmo. Àquela altura, éramos uns zumbis ambulantes e havíamos praticamente chegado ao nosso limite. Colton começou a chorar.

Outra tomografia computadorizada revelou novas bolsas de infecção no abdômen de Colton. Naquela tarde, o Dr. O'Holleran e sua equipe cirúrgica tiveram de abrir o nosso garotinho pela segunda vez e limpá-lo novamente. Desta vez, Sonja e eu não estávamos aterrorizados; a sombra da morte tinha ido embora do rosto de Colton havia muito. Mas agora tínhamos uma nova preocupação: Colton não comia há cerca de dez dias. Ele estava pesando em torno de 18 quilos no começo, e agora emagrecera tanto que seus ombros e joelhos pareciam anormalmente grandes, e seu rosto como o de um órfão faminto.

Depois da cirurgia, levei a nossa preocupação ao Dr. O'Holleran.

– Ele não comeu mais que uma pequena gelatina ou um caldo de carne em quase duas semanas – disse eu. – Quanto tempo uma criança pode ficar sem comer?

O Dr. O'Holleran colocou Colton na unidade de tratamento intensivo e solicitou nutrição extra para ele, administrada através de um tubo de alimentação. Mas suspeito que a cama na UTI foi tanto para nós quanto para Colton. Não dormíamos por aproximadamente tanto tempo quanto Colton não comia, e estávamos absolutamente arrasados. Colocar Colton na UTI foi a única maneira que o médico conseguiu de fazer com que descansássemos um pouco.

– Colton ficará bem esta noite – ele nos disse. – Ele terá sua própria enfermeira o tempo todo, e se alguma coisa acontecer, alguém estará bem ali para cuidar dele.

Tenho de admitir que aquelas palavras soaram como um oásis em um deserto de exaustão.

Estávamos com medo de deixar Colton sozinho, mas sabíamos que o Dr. O'Holleran estava certo. Aquela noite foi a primeira noite desde que saímos da casa dos Harris, em Greeley, que Sonja e eu passamos juntos. Conversamos. Choramos. Encorajamos um ao outro. Mas, acima de tudo, dormimos como sobreviventes de um naufrágio na sua primeira noite seca e quente.

Depois de uma noite na UTI, Colton foi transferido para outro quarto do hospital, e o ciclo de esperar para ver começou outra vez. *Quando Colton vai poder sair daqui? Quando vamos poder ir para casa e ser normais outra vez?* Agora, porém, parecia que os intestinos de Colton haviam parado de funcionar. Ele não conseguia evacuar, e a cada hora ficava pior.

– Papai, minha barriga está doendo – ele gemia, deitado na cama.

O médico disse que se Colton conseguisse apenas eliminar gases já seria um bom sinal. Tentamos andar com ele para cima e para baixo no corredor para sacudir as coisas no seu interior e soltá-las, mas Colton só conseguia arrastar os pés lentamente, encurvado de dor. Nada parecia ajudar. Por volta do quarto dia depois da segunda cirurgia, ele só conseguia ficar deitado na cama, se contorcendo enquanto a constipação se instalava. Naquela tarde, o Dr. O'Holleran chegou com mais más notícias.

– Sinto muito – ele disse. – Sei que vocês já passaram por muita coisa, mas acho que fizemos tudo que podíamos fazer por Colton aqui. Estamos achando que talvez seja melhor transferi-lo para um hospital pediátrico. Pode ser o de Omaha ou o de Denver.

Sonja e eu conseguíamos dormir cerca de cinco noites em quinze dias. Depois de mais de duas semanas torturantes ao lado da cama de Colton, quase voltamos à normalidade – com as portas do elevador literalmente se fechando, e nossa família dentro com os balões –, quando tudo desmoronou à nossa volta outra vez. E agora nosso filho estava novamente sentindo dores terríveis e sem um fim diante dos nossos olhos. Não conseguíamos sequer ver uma luz no horizonte.

Exatamente quando pensávamos que as coisas não poderiam ser piores, elas pioraram: uma tempestade de neve incomum na primavera estava se aproximando do Meio-Oeste. Dentro de algumas horas, camadas grossas de neve se empilhavam contra as portas do hospital e na altura das rodas dos carros no estacionamento. Quer optássemos pelo hospital pediátrico de Omaha, a oito horas de distância, ou pelo de Denver, a três horas, não havia meios de chegarmos a nenhum deles a não ser por uma ponte aérea.

Foi quando Sonja perdeu o controle.

– Não aguento mais! – ela disse, e começou a chorar.

E foi exatamente aí que um grupo de pessoas da nossa igreja decidiu que era hora de entrar em oração com força. Os amigos da igreja começaram a telefonar, e, não demorou muito, cerca de oitenta pessoas haviam ido à Igreja Wesleyana Crossroads para um culto de oração. Algumas eram da nossa congregação e outras de outras igrejas, mas todas haviam se reunido para orar por nosso filho.

Brad Dillan ligou para meu celular para me dizer o que estava acontecendo.

– Por que motivo devemos orar especificamente? – ele perguntou.

Um tanto envergonhado, eu contei a ele o que o Dr. O'Holleran havia dito que seria um bom sinal para Colton. Então, aquela noite talvez tenha sido o único momento registrado na história em que oitenta pessoas se reuniram para orar para que alguém eliminasse gases!

É claro que eles também oraram por uma melhora no tempo para que pudéssemos chegar a Denver e

também oraram por cura, mas, dentro de uma hora, a primeira oração foi atendida!

Imediatamente, Colton começou a se sentir melhor. Naquela noite, ele conseguiu usar o banheiro. Na manhã seguinte, ele estava de pé no seu quarto, brincando como se nada desse pesadelo tivesse acontecido. Olhando para ele, Sonja e eu não podíamos acreditar no que víamos: exceto pelo fato de estar magro, Colton tinha voltado completa e totalmente a ser ele mesmo. Em menos de doze horas, havíamos passado de completamente desesperados para completamente normais.

Por volta das 9 da manhã, o Dr. O'Holleran veio verificar o seu paciente. Quando viu Colton de pé, sorrindo e tagarelado e brincando com seus bonecos super-heróis, o médico ficou sem fala. Por um longo instante, ele realmente ficou apenas de pé olhando. Atônito, ele examinou Colton e depois programou outra série de exames para assegurar-se triplamente de que o interior de Colton estava se recuperando. Desta vez, Colton literalmente foi saltitando durante todo o trajeto até o laboratório de tomografia.

Ficamos no hospital por mais um dia e meio apenas para ter certeza de que a melhora de Colton era certa. Durante essas 36 horas, parecia que tínhamos mais enfermeiras entrando do que o normal. Lentamente, uma de cada vez ou em dupla, elas entravam no quarto – e toda vez, a reação delas era a mesma: elas apenas ficavam paradas olhando para o nosso garotinho.

# ONZE

## COLTON BURPO, O COBRADOR

Depois que chegamos em casa do hospital, dormimos por uma semana. Tudo bem, estou exagerando, mas não muito. Sonja e eu estávamos completamente exauridos. Foi como se tivéssemos acabado de passar por um acidente de carro de quase dezessete dias. Nossos ferimentos não eram visíveis por fora, mas a preocupação e a tensão que dilaceraram a alma haviam cobrado o seu preço.

Uma noite, cerca de uma semana depois que chegamos em casa, Sonja e eu estávamos de pé na cozinha falando sobre dinheiro. Ela estava sentada perto de uma mesa portátil ao lado do micro-ondas, separando a enorme pilha de correspondências que havia se acumulado durante a estadia de Colton no hospital. A cada envelope que abria, ela anotava um número em uma folha de papel que estava sobre a bancada. Mesmo de onde eu estava, debruçado sobre os armários do lado oposto da cozinha, podia ver que a coluna de números estava ficando tremendamente longa.

Finalmente, ela fechou a caneta com um clique e colocou-a sobre a bancada.

– Você sabe de quanto eu preciso para pagar as contas esta semana?

Sendo a contadora tanto da família quanto dos negócios, Sonja me fazia essa pergunta regularmente. Ela trabalhava meio período como professora para podermos ter uma renda estável, mas era uma fonte relativamente pequena. Meu salário de pastor também era pequeno, somando os dízimos de uma congregação pequena, mas fiel. De maneira que o volume principal dos rendimentos vinha do nosso negócio de portas de garagem, e essa renda variava de acordo com a época. A cada duas semanas, ela me apresentava números – não apenas de contas domésticas, mas também de contas a pagar da empresa. Agora havia também enormes contas hospitalares.

Fiz um cálculo aproximado em minha cabeça e dei um palpite.

– Provavelmente, perto de 23 mil dólares, certo?

– É – disse ela, e suspirou.

Poderia ter sido até 1 milhão de dólares. Como eu estivera impossibilitado de trabalhar com as portas de garagem por causa da minha perna quebrada e depois pela hiperplasia, já havíamos queimado as nossas economias. Então, exatamente quando eu estava voltando à atividade plena, a doença de Colton surgiu, deixando-me fora do trabalho por mais um mês, aproximadamente. Nós tínhamos quase tantas chances de levantar 23 mil dólares quanto de ganhar a loteria. E como não jogamos na loteria, essas chances eram zero.

– Você tem algo a receber? Algo que lhe devam e que você possa cobrar? – perguntou Sonja.

Ela fez essa pergunta porque tinha de fazer isso, mas sabia qual era a resposta. Sacudi a cabeça.

– Posso adiar algumas destas – disse ela, apontando para a pilha de envelopes. – Mas as contas do dia 10 definitivamente têm de ser pagas.

Eis uma prova de como Imperial é realmente uma cidade pequena: as pessoas têm listas ou contas em lugares como o posto de gasolina, a mercearia e a loja de ferragens. Então, se precisamos encher o tanque ou comprar um pacote de biscoitos, apenas passamos por ali e assinamos nosso nome. No dia 10 de cada mês, Sonja faz uma viagem de quinze minutos pela cidade para acertar as contas. As nossas “contas do dia 10” são uma das coisas legais de se morar em uma cidade pequena. Por outro lado, quando você não pode pagar, é muito mais humilhante.

Suspirei.

– Posso ir até lá e explicar a situação, e pedir mais tempo.

Sonja segurou um punhado de papéis um pouco mais grosso do que os outros.

– As contas médicas estão começando a chegar. Uma delas é de 34 mil.

– Quanto o seguro cobre?

– Há uma dedução no valor de 3.200 dólares.

– Não podemos nem mesmo pagar isto agora – disse eu.

– Você ainda quer que eu faça o cheque do dízimo? – Sonja perguntou, referindo-se à nossa doação semanal à igreja.

– Absolutamente, sim – disse eu. Deus havia acabado de nos dar nosso filho de volta; não havia como nós deixarmos de devolver a Deus.

Naquele exato momento, Colton veio da sala e nos surpreendeu com uma estranha declaração, que posso ouvir ainda hoje. Ele ficou de pé na extremidade da bancada com as mãos na cintura.

– Papai, Jesus usou o Dr. O’Holleran para ajudar a me consertar – disse ele, de pé na extremidade da bancada com as mãos na cintura. – Você precisa pagar a ele.

Então ele se virou e saiu. Entrou pelo corredor e se foi.

Sonja e eu olhamos um para o outro. *O quê?*

Ambos fomos pegos de surpresa, uma vez que Colton havia visto o cirurgião como a fonte de todas as apalpadelas, cortes, espetadelas, drenagens e dores. Agora aqui estávamos nós, uma semana depois de sair do hospital, e ele parecia ter mudado de ideia.

– Bem, acho que ele gosta do Dr. O’Holleran agora – disse Sonja.

Ainda que Colton tivesse decidido no seu coração perdoar o bom médico, sua pequena proclamação na cozinha foi esquisita. Quantas crianças de menos de quatro anos analisam as angústias financeiras da família e exigem o pagamento para um credor? Principalmente um credor de quem ele nunca gostou particularmente?

E a maneira como ele colocou as coisas também: “Papai, Jesus usou o Dr. O’Holleran para ajudar a me consertar.” Estranho.

Ainda mais estranho, porém, foi o que aconteceu em seguida. Com 23 mil em dívidas a serem pagas imediatamente, não sabíamos o que fazer. Sonja e eu discutimos a possibilidade de pedirmos um empréstimo ao banco, mas não precisamos fazê-lo. Primeiro, minha avó Ellen, que mora em Ulysses, Kansas, nos enviou um cheque para ajudar com as contas do hospital. Então, em uma única semana, mais cheques começaram a chegar pelo correio. Cheques de 50, 100, 200 dólares, e todos com cartões e bilhetes que diziam coisas do tipo: “Soubemos dos seus problemas e estamos orando por vocês” ou “Deus pôs em nosso coração que lhe enviássemos isto. Espero que ajude”.

Pelo final da semana, a nossa caixa de correio estava cheia novamente – mas de presentes, não de contas. Membros da igreja, amigos próximos e até pessoas que só nos conheciam à distância responderam à nossa necessidade sem que sequer pedíssemos. Os cheques somavam milhares de dólares, e ficamos atônitos quando descobrimos que, somados ao que minha avó havia enviado, o total era o que precisávamos para pagar aquela primeira onda de contas, quase que exatamente.

Não muito depois de Colton se tornar um minicobrador, ele se meteu em um pequeno problema. Nada de grave, um incidente na casa de um amigo, onde ele entrou em um cabo de guerra por causa de alguns brinquedos. Naquela noite, eu o chamei à mesa da cozinha. Eu estava sentado em uma cadeira de espaldar reto, e ele subiu na cadeira ao meu lado e se ajoelhou nela. Colton se apoiou nos cotovelos e me olhou com olhos azuis celestes que pareciam um pouco acanhados.

Se você tem uma criança em idade pré-escolar, você sabe que às vezes pode ser difícil ver além da graciosidade delas e ser sério quanto à disciplina. Mas consegui colocar um olhar sério em meu rosto.

– Colton – comecei –, você sabe por que saiu briga na casa do seu amigo?

– Sei. Porque eu não quis dividir – disse ele, baixando os olhos para a mesa.

– Isso mesmo. Você não pode fazer isso, Colton. Você precisa tratar as pessoas melhor.

Colton olhou para mim.

– É, eu sei, papai. Jesus me disse que eu tinha de ser bom.

Suas palavras me pegaram meio de surpresa. Foi a maneira como ele as disse: *Jesus me disse...*

Mas pus de lado esse pensamento. *Os professores da Escola Dominical dele devem estar fazendo um bom trabalho*, pensei.

– Bem, então Jesus estava certo, não estava? – eu disse, e aquilo foi o fim da conversa. Não acho que dei a Colton nenhum castigo por não ter compartilhado. Afinal, com Jesus em cena, a minha autoridade havia ficado em segundo plano.

Duas semanas depois, comecei a me preparar para dirigir um funeral na igreja. O homem que havia falecido não era membro da nossa congregação, mas as pessoas da cidade que não frequentam os cultos regularmente costumam querer um funeral na igreja para um ente querido. Às vezes o morto é um amigo ou parente de um membro da igreja.

Colton deve ter ouvido Sonja e eu discutindo sobre o culto que seria feito, porque uma manhã ele entrou na sala da frente e puxou minha camisa:

– Papai, o que é um funeral?

Eu tinha feito vários funerais na igreja desde que Colton nasceu, mas ele estava naquela idade em que se começa a ficar mais interessado em como e por que as coisas funcionam.

– Bem, amigo, um funeral acontece quando alguém morre. Um homem aqui da cidade morreu, e a família dele está vindo à igreja para dizer adeus a ele.

Instantaneamente, o comportamento de Colton mudou. Seu rosto ganhou uma expressão séria, e ele olhou atentamente dentro dos meus olhos.

– O homem tinha Jesus no seu coração?

Meu filho estava me perguntando se o homem que havia morrido era um cristão que havia recebido Cristo como seu Salvador. Mas a intensidade dele me pegou de surpresa.

– Não tenho certeza, Colton – eu disse. – Eu não o conhecia muito bem.

O rosto de Colton se fechou em uma terrível caramunha de preocupação.

– Ele *tinha* de ter Jesus no coração! Ele *tinha* de conhecer Jesus ou ele não pode ir para o céu!

Mais uma vez, sua intensidade me surpreendeu, principalmente porque ele nem sequer conhecia aquele homem. Tentei consolá-lo o melhor que pude.

– Falei com algumas pessoas da família, e eles me disseram que sim – eu disse.

Colton não parecia totalmente convencido, mas o rosto dele se tranquilizou um pouco.

– Bem... ok – disse ele, e saiu.

Pela segunda vez em duas semanas, pensei: *Puxa, esses professores da Escola Dominical com certeza estão fazendo um bom trabalho!*

Naquele fim de semana, Sonja vestiu Cassie e Colton com a melhor roupa de domingo deles, e atravessamos a distância de meia quadra até a igreja para nos prepararmos para o funeral. Quando

entramos na caminhonete, vi o ataúde da funerária Liewer estacionado do lado de fora. Dentro, encontramos o caixão de carvalho polido em um lado do salão.

Duas portas duplas abertas levavam do salão ao santuário onde a família estava reunida para o “culto das flores”. Antes de me mudar para Imperial, eu nunca havia ouvido falar de um culto das flores, mas agora acho a ideia muito boa. A família se reúne antes do culto do funeral, e o diretor do funeral mostra cada planta, coroa e arranjo de flores, diz quem enviou e lê em voz alta as mensagens de condolências anexadas (“Estas lindas azáleas roxas foram entregues a vocês em memória da família Smith”).

O pastor deve estar no culto das flores. Dei uma olhada no santuário e me deparei com o olhar do diretor do funeral. Ele fez um sinal, indicando que estavam prontos para começar. Virei-me para pegar Colton e Cassie, quando Colton apontou para o caixão.

– O que é aquilo, papai?

Tentei simplificar as coisas.

– Aquilo é o caixão. O homem que morreu está dentro dele.

De repente, o rosto de Colton se fechou naquele mesmo nó de preocupação intensa. Ele bateu com os punhos nas coxas, depois apontou para o caixão e disse, quase gritando:

– Aquele homem tinha Jesus?

Os olhos de Sonja se arregalaram, e nós dois olhamos para a porta do santuário, aterrorizados em pensar que a família lá dentro pudesse ouvir nosso filho.

– Ele *tinha* de ter! Ele *tinha* de ter! – Colton prosseguiu. – Ele não pode ir para o céu se não tinha Jesus no coração!

Sonja agarrou Colton pelos ombros e tentou silenciá-lo. Mas ele não era silenciável. Agora, quase em lágrimas, Colton se contorcia nos braços dela e gritava para mim:

– Ele *tinha* de conhecer Jesus, papai!

Sonja conduziu-o para fora do santuário, atravessando as portas da frente da igreja, e Cassie seguiu-os. Pelas portas de vidro, eu podia ver Sonja debruçada falando com Cassie e Colton do lado de fora. Então Cassie tomou seu irmão, que ainda se debatia, pela mão e começou a atravessar a metade da quadra até nossa casa.

Eu não sabia o que pensar. De onde vinha esta estranha preocupação em saber se um desconhecido era salvo, se ele “tinha Jesus no seu coração”, como Colton disse?

Eu sabia de uma coisa: Colton estava na idade em que, se alguma coisa surgia em sua cabeça, ele simplesmente botava para fora. Como na vez em que o levei a um restaurante em Madrid, Nebraska, e um sujeito com o cabelo muito comprido e liso entrou, e Colton perguntou em voz alta se ele era um menino ou uma menina. Então passamos a manter Colton longe dos funerais por algum tempo se não soubéssemos com certeza que o morto era um cristão. Simplesmente não sabíamos o que ele iria dizer ou fazer.

## DOZE

### TESTEMUNHA OCULAR DO CÉU

Foi somente quatro meses depois da cirurgia de Colton, durante a nossa viagem de 4 de julho para conhecer o nosso novo sobrinho, que Sonja e eu finalmente tivemos uma pista de que algo extraordinário havia acontecido com nosso filho. Com certeza, havia uma série de coisas esquisitas que Colton disse e fez desde o hospital. O fato de Colton insistir para que pagássemos o Dr. O'Holleran porque Jesus o havia usado para ajudar a “consertá-lo”. A sua afirmação de que Jesus lhe “disse” que ele tinha de ser bom. E sua atitude zelosa e quase violenta no funeral. Mas passando apressadamente por elas como cenas breves na agitação da vida em família, essas coisas pareciam apenas... bem... engraçadinhas. Exceto quanto ao episódio no funeral, que foi realmente muito estranho.

Mas não foi *sobrenaturalmente* estranho. Foi apenas quando estávamos dirigindo através de North Platte a caminho de Dakota do Sul que as luzes se acenderam. Você deve lembrar que eu brinquei com Colton enquanto passávamos pela cidade.

– Ei, Colton, se virarmos aqui, podemos voltar para o hospital – disse eu. – Você quer voltar para o hospital?

Foi nessa conversa que Colton disse que “saiu” do seu corpo, que ele havia conversado com anjos, e que havia se sentado no colo de Jesus. E a prova de que ele não estava inventando foi ele ser capaz de dizer o que estávamos fazendo em outra parte do hospital:

– Você estava em uma sala pequena sozinho orando, e a mamãe estava em uma sala diferente e ela estava orando e falando no telefone.

Nem mesmo Sonja havia me visto naquela pequena sala, expondo a minha fúria contra Deus.

De repente, ali na caminhonete na nossa viagem de feriado, os incidentes dos últimos meses se encaixaram como as últimas voltas na solução de um cubo mágico: Sonja e eu percebemos que esta não era a primeira vez em que Colton nos dava a entender que algo de impressionante havia acontecido com ele; estava tudo muito claro.

Quando chegamos a Sioux Falls, estávamos tão ocupados conhecendo o nosso lindo sobrinho, nos atualizando nas notícias da família e visitando as cataratas que não tivemos muito tempo para discutir as estranhas revelações de Colton. Mas durante os momentos de tranquilidade antes de dormir, uma inundação de imagens varria minha mente – principalmente aqueles momentos terríveis que eu havia passado naquela pequena sala de hospital, furioso com Deus. Eu achava que estava sozinho, derramando a minha raiva e dor em particular. Permanecendo forte para Sonja. Mas meu filho disse que ele havia me visto...

As nossas miniférias passaram sem nenhum desastre, e voltamos a Imperial a tempo para eu pregar no domingo. Na semana seguinte, Sonja e sua amiga Sherri Schoenholz foram a Colorado Springs para o

Festival de Adoração de Pike's Peak, uma conferência sobre o ministério de música na igreja. Assim, fiquei sozinho com as crianças em casa.

Como qualquer família prudente que mora em região de tornados, temos um porão embaixo da nossa casa térrea. O nosso está semiacabado, com um pequeno escritório e um banheiro que saem de uma área que serve para múltiplas tarefas e tem muita bagunça. Colton e eu estávamos ali embaixo uma noite, enquanto eu trabalhava em um sermão. Atrás de mim, o confortante cenário de uma guerra entre os super-heróis de meu filho.

Colton tinha três anos e dez meses na época da cirurgia, mas em maio havíamos comemorado o seu aniversário, então agora ele tinha quatro anos. Um meninão. A pequena festa que demos foi ainda mais especial, uma vez que quase o havíamos perdido.

Não lembro exatamente que dia da semana era aquele em que Colton e eu estávamos no porão. Mas lembro-me de que era de noite e que Cassie não estava lá, então ela deve ter ido passar a noite na casa de uma amiga. Enquanto Colton brincava por perto, minha atenção voou até a nossa conversa no Arby's, sobre Jesus e os anjos. Eu queria sondar mais fundo, fazer com que ele falasse de novo. Nessa idade, as crianças não apresentam exatamente histórias longas e detalhadas. Mas eles respondem a perguntas diretas, geralmente com frases diretas. Se Colton realmente tinha tido um encontro sobrenatural, eu certamente não queria fazer perguntas que o conduzissem. Havíamos ensinado a Colton sobre a nossa fé durante toda sua vida. Mas se ele realmente tinha visto Jesus e os anjos, eu queria ser o aluno, não o professor!

Sentado em minha mesa provisória, olhei para meu filho enquanto ele fazia o Homem Aranha atacar uma criatura de aparência terrível do Star Wars.

– Ei, Colton – disse eu. – Você se lembra quando estávamos no carro e você falou que se sentou no colo de Jesus?”

Ainda de joelhos, ele olhou para mim.

– Sim.

– Bem, aconteceu mais alguma coisa?

Ele sacudiu a cabeça, com os olhos brilhantes.

– Você sabia que Jesus tem um primo? Jesus me disse que o primo dele batizou ele.

– Sim, você tem razão – disse eu. – A Bíblia diz que o nome do primo de Jesus é João.

Mentalmente, repreendi a mim mesmo: *Não dê informações. Apenas deixe-o falar...*

– Não me lembro do nome dele – Colton disse alegremente – mas ele era muito legal.

*João Batista é “legal”?!*

Enquanto eu processava as implicações da afirmação de meu filho – de que ele havia conhecido João Batista –, Colton avistou um cavalo de plástico entre seus brinquedos e segurou-o para que eu o olhasse.

– Ei, papai, você sabia que Jesus tem um cavalo?

– Um cavalo?

– Sim, um cavalo da cor do arco-íris. Eu fiz carinho nele. Tem muitas cores lá.

*Muitas cores?* De que ele estava falando?

– Onde tem muitas cores, Colton?

– No céu, Papai. É lá que estão todas as cores do arco-íris.

Aquilo fez a minha cabeça girar. De repente, percebi que, até aquele ponto, eu estava brincando com a ideia de que talvez Colton tivesse tido algum tipo de visitação divina. Talvez Jesus e os anjos tivessem aparecido a ele no hospital. Ouvi falar muitas vezes de fenômenos semelhantes quando as pessoas estão tão próximas da morte quanto Colton esteve. Agora eu estava me dando conta de que meu filho estava dizendo que não apenas havia saído do seu corpo, mas que *havia saído do hospital!*

– Você esteve no céu? – consegui perguntar.

– Bem, sim, papai – disse ele, como se esse fato devesse ser perfeitamente óbvio.

Eu tinha de fazer uma pausa. Levantei-me e subi as escadas, peguei o telefone e liguei para o celular de Sonja. Ela atendeu, e eu ouvi música e canto ao fundo.

– Você sabe o que o seu filho acaba de me dizer?

– O quê? – ela gritou mais alto que o barulho.

– Ele me disse que conheceu João Batista!

– O quê?

Resumi o resto da conversa para ela, mas o barulho no salão da conferência de adoração estava alto demais. Finalmente, tivemos de desistir.

– Ligue para mim esta noite depois do jantar, ok? – Sonja disse. – Quero saber de tudo!

Desliguei e me apoiei na bancada da cozinha, processando as coisas. Lentamente, comecei a colocar em minha mente a possibilidade de que aquilo fosse real. Será que nosso filho havia morrido e retornado? A equipe médica nunca deu nenhuma indicação disso. Mas estava claro que *alguma coisa* havia acontecido com Colton. Ele confirmou isso nos dizendo coisas que não poderia saber. Percebi que talvez tivéssemos recebido um presente e que o nosso trabalho agora era desembrulhá-lo, lentamente, cuidadosamente, e ver o que havia dentro.

Voltei lá para baixo, Colton ainda estava de joelhos, atirando bombas nos alienígenas. Sentei-me ao lado dele.

– Ei, Colton, posso perguntar mais uma coisa sobre Jesus?

Ele sacudiu a cabeça, mas não olhou para cima, atento ao seu devastador ataque a uma pilha de X-Men.

– Como era a aparência de Jesus? – perguntei.

Abruptamente, Colton largou os brinquedos e olhou para mim.

– Jesus tem marcadores.

– O quê?

– Marcadores, papai... Jesus tem marcadores. E ele tem cabelo castanho e ele tem cabelo no rosto – disse ele, passando a sua pequena palma em volta do seu queixo. Imaginei que ele ainda não conhecesse a palavra *barba*. – E os olhos dele... ah, papai, os olhos dele são *tão* bonitos!

Ao dizer isso, o rosto de Colton ficou como o de quem sonha e olha para muito longe, como se estivesse desfrutando de uma lembrança particularmente maravilhosa.

– E a roupa dele?

Colton voltou depressa para a sala e sorriu para mim.

– Ele estava vestido de roxo – quando disse isso, Colton colocou a mão no ombro esquerdo, passou-a ao longo do corpo até o seu quadril direito, e depois repetiu o movimento. – A roupa dele era branca, mas era roxa daqui até aqui.

Uma outra palavra que ele não conhecia: *faixa*.

– Jesus era o único no céu que estava vestido de roxo, papai, sabia?

Nas Escrituras, púrpura é a cor dos reis. Um versículo do Evangelho de Marco passou pela minha mente: “E as suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas como a neve, tais como nenhum lavadeiro sobre a terra as poderia branquear.”<sup>9</sup>

– E ele tinha uma coisa de ouro na sua cabeça... – Colton tagarelava com entusiasmo. Ele colocou as duas mãos em cima da cabeça na forma de um círculo.

– Como uma coroa?

– É, uma coroa, e ela tinha uma... coisa de diamante no meio dela e era meio rosa. E ele tem marcadores, papai.

Minha mente girava. Aqui eu pensava que estava conduzindo meu filho suavemente ao longo dessa conversa, mas, em vez disso, ele havia tomado as rédeas e saído a galope. A Cristofania, ou manifestação de Cristo, no livro de Daniel, a aparição do Rei dos reis em Apocalipse. Eu estava impressionado por

meu filho estar descrevendo Jesus em termos bastante humanos – e depois impressionado por estar impressionado, uma vez que toda a nossa fé gira em torno da ideia de que o homem foi criado à imagem de Deus e Jesus veio à terra e voltou ao céu como homem.

Eu sabia de cor todas as histórias bíblicas que havia lido para ele ao longo dos anos, muitas da série da Arca, livros de histórias da Bíblia que eu tive quando criança. E eu conhecia as lições da Escola Dominical da nossa igreja e o quanto elas são simplificadas nos anos da pré-escola: Jesus ama você. Seja bom com os outros. Deus é bom. Se você conseguir fazer com que uma criança em idade pré-escolar grave apenas um conceito de três ou quatro palavras no domingo de manhã, já é uma enorme realização.

Agora aqui estava meu filho, com a sua fala direta de criança, me contando coisas que não apenas eram surpreendentes por si sós, como também estavam de acordo com as Escrituras em cada detalhe, até as cores do arco-íris descritas no livro de Apocalipse,<sup>10</sup> que não têm nada a ver com o material dado às crianças em idade pré-escolar. E enquanto tagarelava, Colton me perguntava, a mim, o seu pai-pastor, de vez em quando: “Sabia?”

E eu ficava pensando: *Eu sabia, mas como você sabe disso?*

Fiquei sentado em silêncio por alguns instantes enquanto Colton terminava seu bombardeio. Como passaria a ser o costume durante os próximos dois anos, eu ficava sentado ali e tentava imaginar o que perguntaria a ele em seguida. Eu pensava muito no que ele havia dito até então... João Batista, Jesus e suas roupas, arco-íris, cavalos. Tudo isso eu entendia. Mas e os marcadores? O que Colton queria dizer com “Jesus tem marcadores”?

*O que são marcadores para um garotinho?*

De repente, eu entendi.

– Colton, você disse que Jesus tem marcadores. Você quer dizer como aqueles marcadores que você usa para colorir?

Colton assentiu.

– É, de cores. Ele tinha cores nele.

– Como quando você colore uma folha?

– Sim.

– Bem, de que cor são os marcadores de Jesus?

– Vermelhos, papai. Jesus tem marcadores vermelhos nele.

Naquele instante, minha garganta quase se fechou com as lágrimas, quando, de repente, entendi o que Colton estava tentando dizer. Calmamente, cuidadosamente, perguntei:

– Colton, onde ficam os marcadores de Jesus?

Sem hesitar, ele ficou de pé. Estendeu a mão direita, com a palma para cima e apontou para o centro dela com a mão esquerda. Depois ele estendeu a palma esquerda e apontou com a mão direita. Finalmente, Colton se abaixou e apontou para o peito dos seus dois pés.

– É aqui que estão os marcadores de Jesus, papai – disse ele.

Ofeguei. *Ele viu isto. Ele só pode ter visto.*

Nós sabemos onde os pregos foram colocados quando Jesus foi crucificado, mas não passamos muito tempo contando esses fatos terríveis para crianças pequenas. Na verdade, eu não sabia se meu filho algum dia havia visto um crucifixo. As crianças católicas crescem com essa imagem, mas as crianças protestantes, principalmente as pequenas, crescem apenas com um conceito geral: “Jesus morreu na cruz.”

Eu também estava impressionado com a rapidez com que Colton respondeu às minhas perguntas. Ele falava com a convicção simples de uma testemunha ocular, e não com o cuidado de alguém que tenta se lembrar das respostas “certas” aprendidas na Escola Dominical ou em um livro.

– Colton, vou subir para pegar um pouco de água – disse, na verdade querendo apenas sair da conversa. Quer ele tivesse terminado, quer não, eu havia terminado. Eu tinha muita informação para

processar.

Lá em cima, na cozinha, apoiei-me na bancada e bebi um gole em uma garrafa de água. *Como o meu garotinho podia saber estas coisas?*

Eu sabia que ele não estava inventando. Eu estava muito seguro de que nem Sonja nem eu havíamos falado com Colton sobre o que Jesus vestia, e muito menos o que ele poderia estar usando no céu. Será que ele poderia ter captado esse detalhe nos livros de histórias bíblicas que lemos para as crianças? O conhecimento de Colton sobre a nossa fé vinha mais disso do que de um mês inteiro de aulas aos domingos. Porém, mais uma vez, as histórias bíblicas dos livros que lemos para ele eram muito voltadas para a narrativa, e continham apenas umas duzentas palavras cada. Não eram absolutamente fortes nos detalhes, como o fato de Jesus vestir branco (embora as Escrituras digam que ele vestia). E não havia *nenhum* detalhe sobre como seria o céu.

Dei outro gole na água e fiquei pensando sobre a questão do primo e sobre os “marcadores”. Ele não tirou essas coisas de nós. Mas mesmo nos detalhes que eu não entendi a princípio, como os “marcadores”, Colton foi insistente. E havia outra coisa sobre os marcadores que me incomodou. Quando perguntei a Colton como era Jesus, esse foi o primeiro detalhe que ele mencionou. Não a faixa púrpura, a coroa, ou mesmo os olhos de Jesus, com os quais Colton ficou evidentemente encantado. Ele disse, de cara, “Jesus tem marcadores”.

Certa vez, ouvi um “enigma” espiritual que era assim: “Qual é a única coisa no céu que é exatamente como era na terra?” A resposta: as chagas nas mãos e pés de Jesus.

Talvez seja verdade.

[9](#) Marcos 9:3.

[10](#) Apocalipse 21:19,20.

# TREZE

## LUZES E ASAS

Sonja chegou de Colorado Springs no sábado à noite, e ficamos na sala de visitas em meio a garrafas de Pepsi, enquanto eu a colocava a par do restante do que Colton havia dito.

– O que será que nós não sabemos? – imaginei em voz alta.

– Não sei – disse ela. – É como se ele surgisse com novas informações de repente.

– Quero saber mais, mas não sei o que perguntar a ele.

Ambos éramos professores, Sonja no sentido formal e eu no sentido pastoral. Concordamos que a melhor maneira de proceder era apenas continuar fazendo perguntas abertas de acordo com a situação que se apresentasse, e não preencher nenhuma lacuna para Colton como eu havia feito, quando sugeri a palavra *coroa* quando Colton estava descrevendo a “coisa dourada” na cabeça de Jesus. Nos anos seguintes, fomos tão cuidadosos quanto a isso que Colton não conheceu a palavra *faixa* até os dez anos de idade.

Alguns dias depois da conversa sobre os marcadores, eu estava sentado à mesa da cozinha, preparando um sermão, e Colton estava brincando ali perto. Levantei os olhos de meus livros e olhei para meu filho, que estava armado com espadas de plástico e concentrado em amarrar as pontas de uma toalha em volta do pescoço. Todo super-herói precisa de uma capa.

Eu sabia que queria perguntar a ele sobre o céu novamente e estava imaginando perguntas possíveis. Eu nunca havia tido uma conversa como essa com Colton antes, por isso estava um pouco inseguro sobre como começar. Na verdade, eu nunca havia tido uma conversa como essa com *ninguém*.

Tentando pegá-lo antes que ele realmente começasse a lutar, consegui a atenção de Colton e fiz sinal para que ele viesse se sentar comigo. Ele veio saltitando e subiu na cadeira na extremidade da mesa da cozinha.

– O que foi?

– Você se lembra de quando estava me dizendo como é Jesus? E sobre o cavalo?

Ele assentiu, com os olhos abertos e sérios.

– Você esteve no céu?

Ele confirmou novamente.

Percebi que eu estava começando a aceitar que, sim, talvez Colton realmente tivesse ido ao céu. Senti como se nossa família tivesse recebido um presente e, tendo apenas retirado a camada superior do papel de seda, soubesse qual era a forma geral dele. Agora eu queria saber o que havia dentro da caixa.

– Bem, o que você fez no céu? – arrisquei.

– Dever de casa.

*Dever de casa?* Isto não era o que eu estava esperando. Prática de canto coral, talvez, mas dever de

casa?

– Como assim?

Colton sorriu.

– Jesus era o meu professor.

– Como na escola?

Colton assentiu com a cabeça.

Jesus me deu uma lição para fazer, e essa foi a minha parte favorita do céu. Havia muitas crianças, papai.

Essa afirmação marcou o início de um período que eu gostaria que tivéssemos anotado. Durante essa conversa e por todo o ano seguinte mais ou menos, Colton foi capaz de dizer os nomes de muitas das crianças que, segundo ele, também estavam no céu. Ele não se lembra dos nomes delas agora, e Sonja e eu também não.

Esta foi também a primeira vez em que Colton mencionou outras pessoas no céu. Quero dizer, outras pessoas além dos personagens bíblicos como João Batista, mas terei de admitir que pensei nele meio que como se fosse... bem, um “personagem”, mais do que uma pessoa comum como você e eu. Isto soa um pouco como uma tolice, uma vez que os cristãos falam o tempo todo em irmos para o céu quando morrermos. Por que eu não esperaria que Colton visse pessoas comuns?

Mas tudo em que pude pensar foi:

– E então, como eram as crianças? Como são as pessoas no céu?

– Todos têm asas – disse Colton.

*Asas, hein?*

– Você tinha asas? – perguntei.

– Tinha, mas as minhas não eram muito grandes – ele me pareceu um pouco chateado quando disse isso.

– Ok... vocês andavam para ir aos lugares, ou voavam?

– Nós voávamos. Bem, menos Jesus. Ele era o único no céu que não tinha asas. Jesus simplesmente subia e descia como um elevador.

O livro de Atos passou como um relâmpago por minha mente, a cena da ascensão de Jesus, quando Jesus disse aos discípulos que eles seriam suas testemunhas, que eles fariam às pessoas em todo o mundo sobre ele. A Escritura diz que, depois de dizer isso, Jesus “foi elevado às alturas enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu da vista deles. E eles ficaram com os olhos fixos no céu enquanto ele subia. De repente surgiram diante deles dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: ‘Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado ao céu, voltará da mesma forma como o viram subir’”.[11](#)

Jesus subiu. E descerá. Sem asas. Para uma criança, isso pode parecer um elevador.

Colton interrompeu meus pensamentos:

– Todo mundo se parece com anjos no céu, papai.

– Como assim?

– Todas as pessoas têm uma luz em cima da cabeça.

Busquei no meu cérebro o que eu sabia sobre anjos e luz. Na Bíblia, quando anjos aparecem, eles às vezes são de uma luz resplandecente, quase a ponto de cegar. Quando Maria Madalena e as outras mulheres apareceram do lado de fora do túmulo de Jesus, no terceiro dia depois do seu enterro, os evangelhos dizem que um anjo as encontrou, sentado sobre a pedra do túmulo que de alguma maneira havia sido retirada: “Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve.”[12](#)

Lembrei-me de que o livro de Atos fala sobre o discípulo Estêvão. Quando ele estava sendo acusado de heresia diante de uma corte judaica, eles viram que “o seu rosto tornou-se resplandecente como o

rosto de um anjo”.<sup>13</sup> Pouco depois disso, Estêvão foi apedrejado até a morte.

O apóstolo João, no livro do Apocalipse, escreveu que viu um “anjo poderoso, que descia do céu, envolto por uma nuvem, com um arco-íris acima de sua cabeça”, e que a face do anjo “brilhava como o sol”.<sup>14</sup>

Eu não conseguia me lembrar especificamente se os anjos tinham luzes sobre suas cabeças – ou halos, como alguns chamariam – mas eu também sabia que a experiência de Colton com relação a anjos nos livros de história e nas Escrituras não incluíam luzes sobre as cabeças dos anjos. E ele nem sequer conhecia a palavra *halo*. Não sei se ele alguma vez havia visto algum, pois as histórias que costumávamos contar para ele na hora de dormir e nas aulas da Escola Dominical da igreja estão estritamente alinhadas com as Escrituras.

Ainda assim, o que ele disse me intrigou por outro motivo: uma amiga nossa, esposa de um pastor de uma igreja no Colorado, certa vez me falou sobre uma coisa que sua filha, Hannah, disse quando tinha três anos de idade. Depois do culto da manhã, em um domingo, Hannah puxou a saia de sua mãe e perguntou:

– Mamãe, por que algumas pessoas na igreja têm luzes sobre a cabeça e outras não?

Naquele momento, lembro-me de ter pensado duas coisas: primeiro, eu teria me ajoelhado e perguntado a Hannah: “*Eu* tinha uma luz sobre a minha cabeça? Por favor, diga que sim!”

Também imaginei o que Hannah teria visto, e se ela viu isso, é porque, assim como meu filho, tinha a fé de uma criança.

Quando os discípulos perguntaram a Jesus quem é o maior no reino dos céus, Jesus chamou um garotinho da multidão e fez com que ele ficasse de pé entre eles como um exemplo. “Eu lhes asseguro”, disse Jesus, “que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus. Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no Reino dos céus”.<sup>15</sup>

*Quem se faz humilde como esta criança...*

O que é a humildade de uma criança? Não é falta de inteligência, mas falta de astúcia. A falta de uma vivência. É aquele período precioso e fugaz antes de termos acumulado orgulho suficiente ou posição o bastante para nos importarmos com o que as outras pessoas possam pensar. A mesma honestidade que não é nada consciente de si e que permite que uma criança de três anos se enlameie alegremente em uma poça d’água na chuva, ou caia rindo na grama com um filhote de cachorro, ou aponte dizendo em voz alta que você tem uma meleca pendurada no nariz, é o que é necessário para se entrar no céu. É o contrário de ignorância – é sinceridade intelectual: estar disposto a aceitar a realidade e a dizer as coisas como elas são, mesmo quando é difícil.

Tudo isso passou por minha mente em um instante, mas continuei sendo evasivo.

– Uma luz, é? – foi tudo que eu disse.

– É, e eles têm amarelo daqui até aqui – disse ele, fazendo o movimento da faixa novamente, do ombro esquerdo até o quadril direito. – E branco daqui até aqui – ele colocou as mãos nos ombros, depois se inclinou para a frente e tocou as pontas dos pés.

Pensei no “homem” que apareceu para o profeta Daniel: “No 24.º dia do primeiro mês, estava eu de pé junto à margem do grande rio, o Tigre. Olhei para cima, e diante de mim estava um homem vestido de linho, com um cinto de ouro puríssimo na cintura. Seu corpo era como o berilo, o rosto como o relâmpago, os olhos como tochas acesas, os braços e pernas como o reflexo do bronze polido”.<sup>16</sup>

Então Colton fez o movimento da faixa outra vez, e disse que as pessoas no céu usavam cores diferentes das dos anjos.

A esta altura o meu Medidor de Informações Novas estava quase cheio, mas havia mais uma coisa que eu tinha de saber. Se Colton realmente havia estado no céu e realmente havia visto todas estas coisas – Jesus, cavalos, anjos, outras crianças – e havia ficado lá em cima (será que era *em cima*?) por tempo suficiente para *fazer dever de casa*, por quanto tempo ele havia “deixado” o seu corpo, como ele

afirmava?

Olhei para ele, ajoelhado na cadeira da cozinha com a sua toalha-capa ainda amarrada em volta do pescoço.

– Colton, você disse que esteve no céu e que fez todas essas coisas...  *muitas coisas*. Quanto tempo você ficou lá?

Meu garotinho olhou para mim direto nos olhos e não hesitou.

– Três minutos – disse ele. Então ele desceu da cadeira e escapuliu para ir brincar.

[11](#) Atos 1:9-11.

[12](#) Mateus 28:3.

[13](#) Atos 6:15 NLT.

[14](#) Apocalipse 10:1 NLT.

[15](#) Mateus 18:3,4.

[16](#) Daniel 10:4-6.

# QUATORZE

## NO TEMPO DO CÉU

*Três minutos?*

Enquanto Colton começava a se preparar para uma luta épica com a espada de plástico contra um vilão invisível, eu me maravilhava com a sua resposta.

Ele realmente havia confirmado a sua experiência me dizendo coisas que ele não poderia saber de outra maneira. Mas agora eu tinha de ajustar a resposta dele, “três minutos”, a todo o resto. Olhei para a minha Bíblia, aberta na mesa da cozinha, e analisei as possibilidades em minha mente.

Três minutos. Não era possível que Colton pudesse ter visto e feito tudo que ele descreveu até aqui em apenas três minutos. É claro, ele ainda não tinha idade suficiente para medir o tempo, então talvez o seu senso do que são três minutos realmente não fosse o mesmo de um adulto. Como a maioria dos pais, eu estava bem seguro de que Sonja e eu não estávamos ajudando com isso, quando prometíamos sair do telefone, por exemplo, ou terminar de conversar no jardim com um vizinho, ou terminar o que estávamos fazendo na garagem dentro de “cinco minutos”, e depois acabávamos fazendo isso *vinte* minutos depois.

Também é possível que o tempo no céu não seja compatível com o tempo na terra. A Bíblia diz que, para o Senhor, “um dia é como mil anos, e mil anos são como um dia”.<sup>17</sup> Alguns interpretam isso como uma troca literal, na qual dois dias são iguais a dois mil anos. Sempre interpretei isso como significando que Deus opera fora da nossa compreensão de tempo. O tempo na terra está ligado a um relógio celestial, governado pelo sistema solar. Mas a Bíblia diz que não existe sol no céu porque lá Deus é a luz. Talvez não haja tempo no céu. Pelo menos não como nós entendemos o tempo.

Por outro lado, a resposta de Colton de “três minutos” foi tão direta e franca como se ele tivesse me dito que havia comido flocos de milho no café da manhã. No que diz respeito ao nosso relógio, contudo, ele podia estar certo. Para deixar o seu corpo e depois voltar, ele não poderia ter ido por muito tempo. Principalmente pelo fato de nunca termos recebido nenhum tipo de relatório dizendo que Colton havia estado clinicamente morto. Na verdade, o relatório pós-operatório era claro no sentido de que, embora o prognóstico de nosso filho fosse terrível, a cirurgia havia corrido muito bem:

### RELATÓRIO OPERATÓRIO

DATA DA CIRURGIA: 5/3/2003

DIAGNÓSTICO PRÉ-OPERATÓRIO: Apendicite aguda

DIAGNÓSTICO PÓS-OPERATÓRIO: Apêndice perfurado e abscesso

CIRURGIA: Apendectomia e drenagem de abscesso

CIRURGIÃO: Timothy O’Holleran, M.D.

DESCRIÇÃO DA CIRURGIA: O paciente foi colocado em posição supina na mesa de cirurgia. Sob

anestesia geral, o abdômen foi preparado e drapeado de forma estéril. Uma incisão transversal foi feita no quadrante inferior direito aprofundando-se por todas as camadas da cavidade peritoneal... O paciente tinha o apêndice perfurado com um abscesso. O apêndice rompeu-se no campo operatório.

Um pensamento atingiu-me como um tijolo: *Colton não morreu.*

Como ele poderia ter ido até o céu se ele não morreu?

Dois dias se passaram enquanto eu processava tudo aquilo. Havia se passado apenas uma semana, mais ou menos, desde que Colton nos contara pela primeira vez sobre os anjos, então eu não queria continuar forçando o assunto sobre o céu. Mas finalmente, não consegui aguentar mais e persegui Colton pela casa até encontrá-lo, de joelhos no quarto que havíamos transformado em quarto de brinquedos, construindo uma torre de LEGOs. Debrucei-me na moldura da porta e chamei-o.

– Ei, Colton, não entendo – comecei.

Ele olhou para mim, e percebi pela primeira vez que seu rosto estava redondo novamente, suas bochechas cheias e rosadas de novo depois da doença que as havia deixado magras e pálidas.

– O quê?

– Você disse que foi para o céu. As pessoas têm de morrer para ir para o céu.

O olhar de Colton não vacilou.

– Tudo bem, então eu morri. Mas só por um pouquinho.

Meu coração parou de bater por um segundo. Se você nunca ouviu o seu filho em idade pré-escolar lhe dizer que esteve morto, eu não recomendo que ouça. Mas Colton não havia morrido. Eu sabia o que o relatório médico dizia. Colton nunca havia parado de respirar. O seu coração nunca havia parado.

Fiquei de pé na porta e ruminei essa nova porção de informação enquanto Colton voltava a sua atenção para os brinquedos. Então me lembrei de que a Bíblia fala em várias passagens sobre pessoas que viram o céu *sem* morrer. O apóstolo Paulo escreveu à igreja de Corinto sobre um cristão que ele conhecia pessoalmente que foi levado ao céu: “Se foi no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe. E sei que esse homem — se no corpo ou fora do corpo, não sei, mas Deus o sabe — foi arrebatado ao paraíso e ouviu coisas indizíveis, coisas que ao homem não é permitido falar.”<sup>18</sup>

Então, é claro, houve João, o apóstolo, que descreveu o céu aos mínimos detalhes no livro do Apocalipse. João havia sido exilado na ilha de Patmos, onde um anjo o visitou e ordenou que ele escrevesse uma série de profecias a várias igrejas. João escreveu:

Depois dessas coisas olhei, e diante de mim estava uma porta aberta no céu. A voz que eu tinha ouvido no princípio, falando comigo como trombeta, disse: “Suba para cá, e lhe mostrarei o que deve acontecer depois dessas coisas.” Imediatamente me vi tomado pelo Espírito, e diante de mim estava um trono no céu e nele estava assentado alguém. Aquele que estava assentado era de aspecto semelhante a jaspe e sardônio. Um arco-íris, parecendo uma esmeralda, circundava o trono.<sup>19</sup>

Arco-íris... ora, onde foi que eu ouvi isso recentemente?

Enquanto eu ficava ali e pensava em uma base bíblica para se ter a experiência do céu sem morrer, percebi que Colton, ao dizer que ele havia morrido “só um pouquinho”, só estava tentando encaixar a afirmação do seu pai-pastor com o que ele sabia que eram os fatos da sua própria experiência. Como quando a gente sai de casa e descobre que a rua está molhada, e conclui: “Bem, deve ter chovido.”

Veja, eu tinha essa caixinha arrumada que dizia: “As pessoas têm de morrer para ir para o céu”, e Colton, confiando em mim, concluiu: “Bem, então eu devo ter morrido, porque eu estive lá.”

De repente, ele começou a falar novamente:

– Papai, lembra quando eu gritei chamando você no hospital quando acordei?

Como eu poderia me esquecer? Foi o som mais lindo que jamais ouvi.

– É claro que sim – disse eu.

– Bem, eu estava gritando porque Jesus veio me buscar. Ele disse que eu tinha de voltar porque ele

estava respondendo à sua oração. Foi por isso que eu estava gritando por você.

De repente, meus joelhos fraquejaram. Minha mente voou até as minhas orações sozinho, furioso com Deus, e as minhas orações na sala de espera, em silêncio e desesperado. Lembrei-me do quanto eu estava apavorado, aflito com a dúvida se Colton resistiria à cirurgia, se ele viveria para que eu visse o seu rostinho precioso outra vez. Aqueles foram os noventa minutos mais longos e mais tenebrosos da minha vida.

E Jesus atendeu à minha oração? Pessoalmente? Depois de eu ter gritado com Deus, ofendendo-o, questionando a sua sabedoria e fidelidade?

Por que Deus atenderia a uma oração como aquela? E como eu mereci a misericórdia dele?

[17](#) 2 Pedro 3:8.

[18](#) 2 Coríntios 12:2-4.

[19](#) Apocalipse 4:1-3.

# QUINZE

## CONFISSÃO

As primeiras semanas de julho arderam sobre as planícies, alimentando os campos de milho com o calor de uma estufa gigante. Os céus azuis de Wedgewood cobriam como um arco a cidade de Imperial quase todos os dias, com o ar zunindo com os mosquitos à luz do sol e cantando com os grilos à luz das estrelas. Em meados de julho, fui até Greeley, Colorado, para a conferência regional da igreja. A reunião de cerca de 150 pastores, esposas de pastores e delegados de Nebraska e Colorado seria na igreja pastoreada por Steve Wilson – a mesma igreja que eu havia visitado em março passado, enquanto Sonja ficava na casa dos Harris, cuidando de Colton quando tudo que pensávamos que ele tinha fosse uma gastroenterite.

Os católicos romanos praticam a confissão como um sacramento, compartilhando seus pecados e falhas com um padre. Os protestantes praticam a confissão, também, através de um meio menos formal, geralmente contando seus segredos a Deus, sem um intermediário. Mas a revelação recente de Colton de que as minhas orações furiosas haviam subido diretamente ao céu – e haviam recebido uma resposta direta – fizeram eu me sentir como se tivesse algo mais a confessar.

Eu não me sentia bem por ter ficado tão irado com Deus. Quando eu estava tão angustiado, ardendo em uma fúria justiceira por achar que ele levaria meu filho, adivinhe quem estava segurando meu filho? Adivinhe quem estava amando meu filho, sem ser visto? Como pastor, senti que devia prestar contas a outros pastores pela minha própria falta de fé. Então, na igreja Wesleyana de Greeley, durante a conferência, perguntei a Phil Harris, nosso superintendente regional, se eu podia ter alguns minutos para falar.

Ele concordou e, quando chegou a hora, fiquei de pé diante de meus colegas no santuário que, aos domingos de manhã, acolhia mil pessoas em seus bancos. Depois de dar um breve relatório sobre a saúde de Colton, agradei aos homens e mulheres por suas orações em favor de nossa família. Então, comecei a minha confissão.

– A maioria de vocês sabe que antes de tudo isso acontecer com Colton, eu havia quebrado minha perna e passado pela cirurgia de retirada de pedras nos rins e depois pela mastectomia. Eu tive um ano tão ruim que algumas pessoas começaram a me chamar de Pastor Jó.

O santuário ecoou com risos.

– Mas nada disso doeu tanto quanto ver o que Colton passou, e fiquei realmente furioso com Deus – continuei. – Sou um homem. E os homens *fazem* alguma coisa. E tudo que eu sentia que podia fazer era gritar com Deus.

Descrevi brevemente a minha atitude naquela pequena sala de hospital, atacando Deus, culpando-o pelo estado de Colton, queixando-me da forma que ele havia escolhido tratar um de seus pastores, como

se eu de alguma forma devesse estar isento de problemas porque estava fazendo a “sua” obra.

– Naquele instante, em que eu estava tão irritado e furioso, vocês podem acreditar que Deus optou por atender àquela oração? – disse eu.

– Vocês podem acreditar que eu fui capaz de fazer uma oração como esta, e Deus, ainda assim, respondeu ‘sim’?

O que eu aprendi? Mais uma vez me lembrei de que eu podia ser verdadeiro com Deus, eu disse aos meus colegas pastores. Aprendi que eu não tinha de fazer uma oração igrejaireira, que soasse muito santa para ser ouvido no céu.

– Vocês podem muito bem dizer a Deus o que sentem – disse eu. – Ele já sabe disso de qualquer maneira.

O mais importante de tudo foi que aprendi que sou ouvido. Todos nós somos. Sou cristão desde a infância e sou pastor a metade da minha vida, então eu já acreditava nisso antes. Mas agora eu *sabia*. Como? Enquanto as enfermeiras levavam meu filho gritando: “Papai, papai, não deixe eles me levarem!”, quando eu estava furioso com Deus porque não podia ir até meu filho, segurá-lo e consolá-lo, o Filho de Deus estava segurando meu filho em seu colo.

# DEZESSEIS

## POP

Em um dia ensolarado de agosto, Colton, aos quatro anos de idade, sentou-se no banco de passageiros da minha *pick-up* vermelha, e nós fomos até Benkelman. Eu tinha de ir até lá para fazer o orçamento para um trabalho e decidi levar Colton comigo. Ele não estava particularmente interessado na instalação de portas de garagem de tamanho industrial. Mas ele adorava andar na minha pequena *pick-up* Chevy vermelha a diesel porque, diferente da Expedition, em que se tinha uma visão limitada do banco de trás, a cadeirinha dele ficava alta na Chevy, e ele podia ver tudo.

Benkelman é uma pequena cidade rural a 61 quilômetros de Imperial. Incorporada em 1887, ela está um pouco maltratada na periferia, como muitas comunidades da Nebraska rural, em que a população diminui à medida que a tecnologia engole os empregos no campo e as pessoas se mudam para cidades maiores em busca de trabalho. Passei pelo conhecido depósito de lixo químico e pelas plantações de batata que ficam na extremidade leste de Imperial, depois virei rumo ao sul em direção ao lago Enders. Passamos ao lado do campo de golfe municipal pontilhado de cedros à nossa esquerda e, depois, quando atravessamos por cima de uma represa de concreto, o lago brilhava abaixo de nós, à direita. Colton olhou para baixo, para uma lancha que puxava um esquiador em seu rastro de espuma. Cruzamos a represa, entramos em um vale e seguimos para o trecho de estrada de duas pistas que vai direto rumo ao sul. Agora, os acres de terra se espalhavam ao nosso redor, com pés de milho de dois metros de altura brilhando verdes contra o céu, e o asfalto cortando as plantações como uma lâmina.

De repente, Colton falou:

– Papai, você tinha um avô que se chamava Pop, não é?

– É, tive sim – disse eu.

– Ele era o papai de sua mamãe ou o papai do seu papai?

– Pop era o papai da minha mamãe. Ele morreu quando eu era um pouco mais velho que você.

Colton sorriu.

– Ele é muito legal.

Quase saí da estrada e entrei no campo de milho. É um momento louco quando seu filho usa o tempo presente para se referir a alguém que morreu um quarto de século antes mesmo de ele nascer.

– Então você viu Pop? – perguntei.

– Vi. Eu fiquei com ele no céu. Você era muito chegado a ele, hein, papai?

– Sim, eu era – foi tudo que consegui dizer.

Minha cabeça girou. Colton havia acabado de introduzir um tópico totalmente novo: as pessoas que você perdeu, e o fato de poder encontrá-las no céu. Por mais maluco que pareça, com toda a conversa sobre Jesus e anjos e cavalos, eu nunca sequer pensei em perguntar se ele havia encontrado alguém que

eu pudesse conhecer. Mas por que eu faria isso? Não tínhamos perdido nenhum membro da família ou amigo desde que Colton nasceu, então quem haveria lá para ele encontrar?

Agora isto. Provavelmente dirigi por mais 16 quilômetros em direção a Benkelman, com os pensamentos tomando conta de minha mente. Logo, os campos de milho foram substituídos por quadrados perfeitos de restolho cor de bronze, campos de trigo depois da colheita.

Eu não queria cometer o mesmo erro que havia cometido quando coloquei ideias na mente dele – que as pessoas tinham de morrer, por exemplo, antes de serem admitidas no céu. Eu não queria que ele me desse informações em troca para me agradar. Eu queria saber a verdade.

À esquerda, a quatrocentos metros de distância da estrada, o campanário branco de uma igreja parecia se elevar acima do milharal. Era a Igreja Luterana de S. Paulo, construída em 1918. Fiquei imaginando o que as pessoas dessa localidade existente há tanto tempo achariam das coisas que o nosso menino estava nos contando.

Finalmente, quando atravessamos o condado de Dundy, eu estava pronto para fazer algumas perguntas diretas.

– Ei, Colton – disse eu.

Ele virou o rosto da janela onde estava olhando um camponês caminhando entre as fileiras de milho.

– O quê?

– Colton, como era o Pop?

Ele abriu um grande sorriso.

– Ah, papai, o Pop tem asas muito grandes!

Novamente o tempo presente. Era estranho.

Colton prosseguiu.

– As minhas asas eram muito pequenas, mas as do Pop eram grandes!

– Como era a roupa dele?

– Ele estava de branco, mas com azul aqui – disse ele, fazendo o movimento da faixa novamente.

Desviei a caminhonete para não pegar uma escada que alguém havia deixado cair na estrada, e depois voltei para o centro da pista.

– E você ficou com Pop?

Colton assentiu, e seus olhos pareceram se iluminar.

– Quando eu era um garotinho – falei – eu me divertia muito com o Pop.

Não disse a Colton por que eu passava tanto tempo com Pop e minha avó Ellen na fazenda deles em Ulysses, Kansas. A triste verdade era que meu pai, um químico que trabalhava para a Kerr-McGee Petroleum, sofria de transtorno bipolar. Às vezes, quando suas crises se agravavam, minha mãe, Kay, professora do ensino fundamental, tinha de internar papai. Ela me mandava para a casa de Pop para me proteger disso. Eu não sabia que estava sendo “mandado para longe” – só sabia que adorava perambular pela fazenda, correndo atrás das galinhas e caçando coelhos.

– Eu passava muito tempo com o Pop na casa dele no campo – eu disse a Colton.– Andava na colheitadeira de grãos e no trator com ele. Ele tinha um cachorro, e nós o levávamos para sair e caçar coelhos.

Colton assentiu novamente:

– É, eu sei! O Pop me contou.

Bem, eu não sabia o que dizer quanto a isso, então disse:

– O nome do cachorro era Charlie Brown, e ele tinha um olho azul e o outro marrom.

– Legal! – disse Colton. – Podemos ter um cachorro assim?

Sorri.

– Vamos ver.

Meu avô, Lawrence Barber, era fazendeiro e era uma daquelas pessoas que conhecem todo mundo e a

quem todos consideram amigo. Ele começava a maior parte dos seus dias antes de o sol nascer, indo de sua casa na fazenda em Ulysses, Kansas, até a loja de donuts local para bater papo. Ele era um sujeito grande; jogava como zagueiro dias antes de sua morte. Sua esposa, minha avó Ellen (a mesma vovó que enviou dinheiro para ajudar com as contas de hospital de Colton), costumava dizer que seriam necessários quatro jogadores da defesa para derrubar Lawrence Barber.

Pop era um sujeito que só ia à igreja de vez em quando. Ele era meio reservado com relação às coisas espirituais, como muitos homens costumam ser. Eu tinha cerca de seis anos quando ele morreu depois de sair da estrada tarde da noite. A Crown Victoria de Pop atingiu um poste de energia, quebrando-o ao meio. A metade superior do poste se inclinou e amassou o teto da Crown Victoria, mas o ímpeto do carro carregou Pop por cerca de 800 metros campo adentro. O acidente fez com que houvesse uma queda de energia em uma fazenda um pouco atrás na direção de onde Pop estava vindo, o que levou um operário a investigar. Pop aparentemente estava vivo e respirando logo após o acidente, porque o pessoal do resgate o encontrou estirado no banco do passageiro, procurando a maçaneta da porta para tentar sair do carro. Mas quando chegou de ambulância ao hospital, os médicos o declararam morto. Ele tinha apenas 61 anos.

Lembro-me de ter visto minha mãe angustiada no funeral, mas a dor dela não terminou ali. À medida que fui ficando mais velho, às vezes eu a surpreendia em oração, com lágrimas descendo suavemente por seu rosto. Quando eu perguntava o que havia de errado, ela compartilhava comigo:

– Estou preocupada em saber se Pop foi para o céu.

Só descobrimos isso muito depois, em 2006, por minha tia Connie, que falou de um culto especial do qual Pop havia participado apenas dois dias antes de sua morte – um culto que poderia conter as respostas para o destino eterno de meu avô.

A data foi 13 de julho de 1975, e o lugar era Johnson, Kansas. Mamãe e a tia Connie tinham um tio chamado Hubert Caldwell. Eu gostava do tio Hubert. Hubert não apenas era um pregador simples do campo, como amava falar e era o tipo de pessoa com quem era fácil conversar. (Eu também gostava de Hubert porque ele era baixo, mais baixo do que eu. Olhar para baixo para conversar com alguém acontece tão raramente que a simples oportunidade de fazer isso me parece um privilégio.)

Tio Hubert havia convidado Pop, Connie e muitos outros para os cultos de avivamento que ele estava dirigindo na sua pequena igreja no campo. De trás do seu púlpito na Igreja de Deus da Fé Apostólica, Hubert encerrou a sua mensagem perguntando se alguém queria entregar sua vida a Cristo. Tio Hubert viu Pop levantar a mão. Mas, de alguma forma, a história nunca chegou aos ouvidos de minha mãe, e, durante os 28 anos seguintes, ela de vez em quando se preocupava com isso.

Depois que chegamos em casa voltando de Benkelman, liguei para minha mãe e contei o que Colton havia dito. Isso foi em uma sexta-feira. Na manhã seguinte, ela estacionou na entrada da nossa garagem, depois de ter feito toda a viagem de Ulysses até Imperial para ouvir o que o neto tinha a dizer sobre seu pai. Ficamos surpresos com a rapidez com que ela chegou.

– Puxa, ela fez uma linha reta até aqui! – disse Sonja.

Ao redor da mesa de jantar naquela noite, Sonja e eu ouvimos Colton contar à avó sobre o cavalo cor de arco-íris de Jesus e sobre o tempo que passou com Pop. O que mais surpreendeu minha mãe foi a maneira como Colton contou a história: Pop havia reconhecido seu bisneto, embora Colton tivesse nascido décadas depois da morte de Pop. Isto fez minha mãe imaginar se aqueles que partiram antes de nós sabem o que está acontecendo na terra. Ou será que no céu conheceremos os nossos entes queridos – mesmo aqueles que não chegamos a conhecer em vida – por alguma forma de conhecimento da vida que está por vir da qual não desfrutamos na terra?

Então minha mãe fez uma pergunta estranha a Colton.

– Jesus disse alguma coisa sobre o seu pai se tornar um pastor?

Exatamente enquanto eu me perguntava secretamente por que cargas d'água algo como a minha vocação teria sido trazido à baila, Colton me surpreendeu assentindo com entusiasmo:

– Ah, sim! Jesus disse que ele foi até o papai e disse que ele queria que o papai fosse um pastor, e o papai disse que sim, e Jesus ficou muito feliz.

Quase caí da cadeira. Isso era verdade, e lembro-me claramente da noite em que aconteceu. Eu tinha treze anos e estava em um acampamento de verão para jovens na Universidade John Brown, em Siloam Springs, Arkansas. Em uma das reuniões noturnas, o reverendo Orville Butcher entregou uma mensagem sobre como Deus chama as pessoas para o ministério e as usa para fazer a sua obra em todo o mundo.

O pastor Butcher era um pregador baixo, careca e cheio de vida – enérgico e envolvente, e não chato e seco como as crianças às vezes esperam que um pastor mais velho seja. Naquela noite, ele desafiou o grupo de 150 adolescentes:

– Existem alguns de vocês aqui esta noite que Deus poderia usar como pastores e missionários.

A lembrança daquele momento de minha vida é uma daquelas lembranças claras como o cristal, pura e distinta, como o momento em que você se forma no Ensino Médio ou quando nasce o seu primeiro filho. Lembro-me de que a multidão de jovens desapareceu e a voz do reverendo ficou em segundo plano. Senti uma pressão em meu coração, quase um sussurro: *Isto é com você Todd. É isto que quero que você faça.*

Não havia dúvidas em minha mente quanto ao que eu havia acabado de ouvir de Deus. Eu estava determinado a obedecer. Sintonizei minha mente novamente no pastor Butcher bem a tempo de ouvi-lo dizer que, se algum de nós tivesse ouvido a voz de Deus naquela noite, se algum de nós tivesse assumido o compromisso de servir a ele no ministério, essa pessoa devia dizer isso a alguém quando chegasse em casa, para que pelo menos uma pessoa soubesse. Então, quando cheguei em casa do acampamento, entrei na cozinha:

– Mamãe – disse eu –, quando eu crescer, vou ser um pastor.

Desde aquele dia, há décadas, minha mãe e eu relembramos aquela conversa diversas vezes. Mas nunca havíamos dito nada a Colton sobre ela.

## DEZESSETE

### DUAS IRMÃS

À medida que os dias verdes do verão cediam lugar a um outono cor de fogo, conversávamos com Colton sobre o céu de vez em quando. Mas uma conversa recorrente surgia: quando Colton viu Jesus no céu, como ele era? O motivo da frequência deste tópico específico é que, como pastor, eu terminava passando muito tempo em hospitais, livrarias cristãs, e outras igrejas – lugares onde há muitos desenhos e pinturas de Cristo. Quando nos deparávamos com uma ilustração de Jesus, perguntávamos a Colton: “E esta aqui? É assim que Jesus é?”

Invariavelmente, Colton observava por um instante a ilustração e sacudia sua pequena cabeça.

– Não, o cabelo não está igual – ele dizia.

Ou:

– As roupas não estão iguais.

Isso aconteceu dúzias de vezes durante os três anos seguintes. Quer fosse um pôster na sala da Escola Dominical, uma ilustração de Cristo na capa de um livro, ou a reimpressão de uma velha pintura feita por algum mestre pendurada na parede da casa de um idoso, a reação de Colton era sempre a mesma: ele era jovem demais para dizer claramente o que havia de errado com cada representação; ele só sabia que elas não estavam de acordo.

Uma noite, em outubro, eu estava sentado à mesa da cozinha, trabalhando em um sermão. Sonja estava do outro lado do corredor, na sala, trabalhando nos livros contábeis, processando cartões de ponto e analisando contas a pagar. Cassie brincava com as suas Barbies a seus pés. Ouvi os passos de Colton pelo corredor e pude vê-lo dando a volta no sofá, onde se colocou em frente de Sonja.

– Mamãe, eu tenho duas irmãs – disse Colton.

Soltei a caneta. Sonja não. Ela continuou trabalhando.

Colton repetiu.

– Mamãe, eu tenho duas irmãs.

Sonja olhou para cima e sacudiu a cabeça suavemente.

– Não, você tem uma irmã, Cassie, e... você está se referindo à sua prima Traci?

– Não. – Colton cortou-a com determinação. – Tenho duas *irmãs*. Você teve um bebê que morreu na sua barriga, não é?

Naquele momento, o tempo parou na casa dos Burpo, e os olhos de Sonja se arregalaram. Alguns segundos antes, Colton havia tentado sem êxito fazer com que sua mãe o ouvisse. Agora, até mesmo da mesa da cozinha, eu podia ver que ele tinha a atenção total dela.

– Quem disse para você que eu tive um bebê que morreu na minha barriga? – Sonja perguntou, com um tom de voz sério.

– Ela disse, mamãe. Ela disse que morreu na sua barriga.

Então Colton se virou e começou a sair da sala. Ele disse o que tinha a dizer e estava pronto para ir embora. Mas depois da bomba que ele havia acabado de soltar, Sonja estava apenas começando. Antes que nosso filho pudesse dar a volta no sofá, a voz de Sonja emitiu um alerta vermelho.

– Colton Todd Burpo, volte aqui agora mesmo!

Colton deu meia-volta e seus olhos encontraram os meus. Seu rosto dizia: *O que foi que eu fiz?*

Eu sabia o que minha esposa devia estar sentindo. Perder aquele bebê foi a experiência mais dolorosa de sua vida. Havíamos explicado isso para Cassie; ela era mais velha. Mas não havíamos contado a Colton, achando que o assunto estava um pouco além da capacidade de uma criança de quatro anos entender. Da mesa, observei em silêncio enquanto as emoções se revolviam pelo rosto de Sonja.

Um pouco nervosamente, Colton deu a volta novamente pelo sofá e encarou sua mãe de novo, desta vez com muito mais cautela.

– Tudo bem, mamãe – disse ele. – Ela está bem. Deus a adotou.

Sonja escorregou do sofá e se ajoelhou diante de Colton para que pudesse olhá-lo nos olhos.

– Você não quer dizer que Jesus a adotou – ela perguntou.

– Não, mamãe. Foi o pai dele quem adotou!

Sonja virou-se e olhou para mim. Naquele instante, ela me disse mais tarde, ela estava tentando ficar calma, mas estava estupefata. *O nosso bebê... era – é! – uma menina*, pensou.

Sonja se concentrou em Colton, e pude ouvir o esforço que foi necessário para firmar sua voz.

– E então, como era ela?

– Ela se parecia muito com a Cassie – disse Colton. – Ela é só um pouco menor, e tem cabelo escuro.

Os cabelos escuros de Sonja.

Enquanto eu observava, um misto de dor e alegria brincava no rosto de minha mulher. Cassie e Colton têm o meu cabelo louro. Ela até havia reclamado comigo antes, brincando: “Eu carrego essas crianças por *nove meses*, e as duas saem parecidas com você!”. Agora havia uma criança que se parecia com ela. Uma filha. Vi o primeiro sinal de umidade brilhando nos olhos de minha esposa.

Agora Colton continuou sem ser estimulado.

– No céu, essa garotinha correu até mim, e ela não queria parar de me abraçar – disse ele em um tom que indicava claramente que ele não gostou de receber todos aqueles abraços de uma *menina*.

– Talvez ela estivesse apenas feliz porque alguém da sua família estava lá – Sonja disse. – Meninas abraçam. Quando estamos felizes, abraçamos.

Colton não parecia convencido.

Os olhos de Sonja se iluminaram e ela perguntou:

– Qual era o nome dela? Qual era o nome da menininha?

Colton pareceu esquecer os abraços da menina por um instante.

– Ela não tem um nome. Vocês não deram um nome a ela.

Como ele sabia disso?

– Você está certo, Colton – disse Sonja. – Nós nem sabíamos se era ele ou ela.

Então Colton disse algo que ainda ecoa em meus ouvidos:

– É, ela disse que mal consegue esperar que você e o papai cheguem ao céu.

Da mesa da cozinha, eu podia ver que Sonja mal conseguia se segurar. Ela deu um beijo em Colton e disse que ele podia ir brincar. E quando ele saiu da sala, as lágrimas desceram por seu rosto.

– O nosso bebê está bem – ela sussurrou. – O nosso bebê está bem.

Daquele momento em diante, a ferida de um dos episódios mais dolorosos de nossa vida, perder um filho que desejávamos muito, começou a ser curada. Para mim, perder o bebê foi um golpe terrível. Mas Sonja havia me dito que para ela, o aborto não apenas cauterizou o seu coração com dor, mas também fez com que ela tivesse uma enorme sensação de fracasso.

– Você faz todas as coisas certas, come todas as coisas certas, e ora pela saúde do bebê, mas ainda assim aquele pequeno bebê morre dentro de você – ela me disse certa vez. – Sinto-me culpada. Racionalmente, sei que não foi culpa minha, mas ainda tenho este sentimento de culpa.

Desejamos crer que o nosso filho não nascido havia ido para o céu. Embora a Bíblia silencie totalmente quanto a esse ponto, nós o havíamos aceitado pela fé. Mas agora, tínhamos uma testemunha ocular: uma filha que nunca havíamos conhecido estava esperando ansiosamente por nós na eternidade. Dali por diante, Sonja e eu começamos a brincar sobre quem chegaria ao céu primeiro. Havia vários motivos pelos quais ela sempre quis sobreviver a mim. Em primeiro lugar, a esposa de um pastor tem de tolerar ser usada constantemente como ilustração de sermões. Se eu morresse primeiro, ela sempre me dizia, ela finalmente poderia contar à congregação todas as histórias *dela* sobre *mim*.

Mas agora Sonja tinha um motivo para querer chegar ao céu primeiro. Quando ela estava grávida do bebê que perdemos, havíamos escolhido um nome de menino – Colton – mas nunca havíamos conseguido chegar a um acordo para o nome de uma menina. Eu gostava de Kelsey, ela gostava de Caitlin, e nenhum de nós queria ceder.

Mas agora que sabemos que a nossa garotinha não tem um nome ainda, sempre dizemos um ao outro: “Vou chegar na sua frente ao céu e dar um nome a ela primeiro!”

# DEZOITO

## A SALA DO TRONO DE DEUS

Uma noite, próximo ao Natal de 2003, segui Colton até o seu quarto na hora de dormir. De acordo com a nossa rotina de costume, ele pegava um livro de histórias bíblicas para que eu lesse, e naquela noite foi *O Rei Sábio e o Bebê*, baseado numa história do livro de 1 Reis na qual duas mulheres moram juntas, e cada uma tem um filho. Durante a noite, um dos bebês morre. Vencida pela dor, a mãe da criança morta tenta reivindicar o outro bebê como seu. A mãe verdadeira da criança viva tenta convencer a mãe chorosa da verdade, mas não consegue persuadi-la a abrir mão do bebê sobrevivente. Desesperada para ter seu filho de volta, a mãe do menino vivo sugere que o rei Salomão, amplamente conhecido por sua sabedoria, solucione a questão e decida quem é a verdadeira mãe da criança viva. Na história bíblica, o rei Salomão encontra uma maneira de descobrir o que cada uma das mulheres tem no coração.

– Cortem a criança ao meio! – decreta o rei. – Deem metade a uma e metade à outra.

A mãe que estava de luto concorda com a solução, mas a verdadeira mãe revela o seu amor, clamando:

– Não! Deixem que ela fique com a criança!

E foi assim que o rei sábio descobriu qual mãe estava dizendo a verdade, e é daí que tiramos a conhecida expressão: “Uma solução salomônica.”

Cheguei ao final da história, e Colton e eu tivemos a nossa agradável discussão sobre lê-la mais uma vez (e outra, e mais outra). Desta vez, venci. Quando nos ajoelhamos no chão para orar, deixei o livro de lado no tapete, e ele caiu aberto em uma ilustração que retratava o rei Salomão sentado em seu trono. Passou pela minha mente que a Bíblia fala sobre o trono de Deus em várias passagens. Por exemplo, o autor do livro de Hebreus incentiva os crentes a nos aproximarmos “do trono da graça com confiança”,<sup>20</sup> e diz que depois que Jesus completou sua obra na terra, “assentou-se à direita de Deus”.<sup>21</sup> E há aquele capítulo glorioso do livro de Apocalipse que descreve o trono de Deus:

Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: “Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou.” Aquele que estava assentado no trono disse: “Estou fazendo novas todas as coisas!”...

Não vi templo algum na cidade, pois o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro são o seu templo. A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua candeia.<sup>22</sup>

– Ei, Colton – disse eu, ajoelhando-me perto dele. – Quando você esteve no céu, você alguma vez viu o trono de Deus?

Colton olhou para mim com uma expressão interrogativa.

– O que é um trono, papai?

Peguei o livro de histórias bíblicas e apontei para a ilustração de Salomão sentado na sua corte.

– Um trono é como a cadeira de um rei. É a cadeira onde só o rei pode se sentar.

– Ah, sim! Vi muitas vezes! – disse Colton.

Meu coração acelerou um pouco. Será que eu realmente estava para ter um vislumbre da sala do trono no céu?

– Bem, como era o trono de Deus?

– Era grande, papai... muito, muito grande, porque Deus é o maior que existe. E ele realmente, realmente nos ama, papai. Você não pode acreditar aaaaaaa quanto ele nos ama!

Quando ele disse isso, o contraste me tocou: Colton, um garotinho, estava falando sobre um ser tão grande – mas no instante seguinte, ele estava falando de amor. Em primeiro lugar, o tamanho de Deus não era assustador para Colton, mas achei interessante que, por mais ansioso que Colton estivesse para falar sobre como Deus *era*, ele estava muito ansioso por me dizer o que Deus *sentia* por nós.

– E você sabia que Jesus se senta bem ao lado de Deus? – Colton prosseguiu com entusiasmo. – A cadeira de Jesus fica bem ao lado da do pai dele!

Aquilo me impressionou. Não há como um menino de quatro anos saber disso. Foi outro daqueles momentos em que pensei: *Ele só pode ter visto isso.*

Eu tinha certeza de que ele nunca havia ouvido falar do livro de Hebreus, mas havia uma maneira de descobrir.

– Colton, de que lado do trono de Deus Jesus estava sentado? – perguntei.

Colton subiu na cama e ficou de frente para mim, de joelhos.

– Bem, vamos fingir que você está no trono de Deus. Jesus se sentava bem ali – disse ele, apontando para o meu lado direito.

A passagem de Hebreus passou pela minha mente como um relâmpago: “Tendo os olhos fitos em Jesus, Autor e Consumador da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus.”<sup>23</sup>

Uau! Aqui estava um caso raro em que testei as lembranças de Colton comparando-as com o que a Bíblia diz, e ele passou sem titubear. Mas agora eu tinha outra pergunta, para a qual eu não sabia a resposta, pelo menos eu não sabia a resposta a partir da Bíblia.

– E quem se senta do outro lado do trono de Deus? – perguntei.

– Ah, essa é fácil, papai. É o lugar do anjo Gabriel. Ele é muito bom.

*Gabriel. Faz sentido.* Lembrei-me da história de João Batista e do instante em que Gabriel chegou para entregar a notícia do nascimento de João Batista.

Mas o anjo lhe disse: “Não tenha medo, Zacarias; sua oração foi ouvida. Isabel, sua mulher, lhe dará um filho, e você lhe dará o nome de João. Ele será motivo de prazer e de alegria para você, e muitos se alegrarão por causa do nascimento dele, pois será grande aos olhos do Senhor. Ele nunca tomará vinho nem bebida fermentada, e será cheio do Espírito Santo desde antes do seu nascimento. Fará retornar muitos dentre o povo de Israel ao Senhor, o seu Deus. E irá adiante do Senhor, no espírito e no poder de Elias, para fazer voltar o coração dos pais a seus filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos, para deixar um povo preparado para o Senhor.” Zacarias perguntou ao anjo: “Como posso ter certeza disso? Sou velho, e minha mulher é de idade avançada.” O anjo respondeu: “Sou Gabriel, o que está sempre na presença de Deus. Fui enviado para lhe transmitir estas boas novas.”<sup>24</sup>

“O que está sempre na presença de Deus”, disse Gabriel a Zacarias. E agora, mais de dois mil anos depois, o meu menininho estava me dizendo a mesma coisa.

Então eu tive o meu vislumbre da sala do trono de Deus, mas as descrições de Colton me deixaram imaginando: se Deus Pai estava sentado no seu trono com Jesus à sua direita e Gabriel à sua esquerda, onde estava Colton?

Colton já havia se enfiado debaixo do cobertor, com o seu cabelo louro aconchegado contra uma franha do Homem Aranha.

– Onde você estava sentado, Colton?! – perguntei.

– Eles trouxeram uma cadeirinha para mim – disse ele, sorrindo. – Eu me sentei perto de Deus Espírito Santo. Você sabia que Deus é três pessoas, papai?

– Sim, acho que isso eu sabia – disse, e sorri.

– Eu estava sentado perto de Deus Espírito Santo porque eu estava orando por você. Você precisava do Espírito Santo, então eu orei por você.

Isso me deixou sem respiração. Colton dizendo que estava orando por mim no céu me lembrou da carta aos Hebreus, em que o autor diz: “Portanto, também nós, uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas... corramos com perseverança a corrida que nos é proposta.”<sup>25</sup>

– Como é Deus? – perguntei.

– Deus Espírito Santo? – Colton franziu a testa. – Hummm, esta pergunta é meio difícil... Ele é meio azul.

Exatamente quando eu estava tentando imaginar isso, Colton mudou de rumo outra vez.

– Sabe, foi lá que eu conheci o Pop.

– Você conheceu o Pop sentado perto do Espírito Santo?

Colton assentiu vigorosamente, sorrindo com o que parecia ser uma lembrança agradável.

– É. O Pop chegou perto de mim e disse: “Todd é seu papai?” E eu disse que sim. E o Pop disse: “Ele é meu neto.”

Quantas vezes, quando dirigia um funeral, os parentes do defunto disseram as mesmas palavras superficiais bem intencionadas: “Bem, ela está em um lugar melhor”, ou “Sabemos que ele está olhando para nós, sorrindo”, ou “Você vai vê-lo de novo.” É claro que eu acreditava nessas coisas teoricamente, mas, para ser sincero, eu não conseguia imaginá-las. Agora, com o que Colton havia dito sobre Pop e sobre a sua irmã, comecei a pensar sobre o céu de uma maneira diferente. Não apenas um lugar com portões encravados com pedras preciosas, rios brilhantes e ruas de ouro, mas uma esfera de alegria e comunhão, tanto para aqueles que estão conosco na eternidade quanto para aqueles que ainda estão na terra, e cuja chegada aguardaremos com ansiedade. Um lugar onde eu um dia andaria e falaria com meu avô, que foi tão importante para mim, e com a filha que eu nunca conheci.

De todo o meu coração, eu queria acreditar. Naquele instante, os detalhes das nossas conversas começaram a se amontoar em minha mente como uma pilha de Polaroids – fotografias do céu que pareciam misteriosamente precisas a partir das descrições que todos nós temos disponíveis na Bíblia – isto é, todos nós que podemos *ler*. Mas esses detalhes eram obscuros para a maioria dos adultos, e quanto mais para uma criança da idade do pequeno Colton. A natureza da Trindade, o papel do Espírito Santo, Jesus sentado à direita de Deus.

Eu acreditava. Mas como podia ter certeza?

Estiquei o cobertor de Colton em seu peito e agasalhei-o de forma aconchegante, como ele gostava – e pela primeira vez desde que ele havia começado a falar sobre o céu, tentei deliberadamente pregar uma peça nele.

– Lembro que você disse que ficou com o Pop – disse eu, – e quando ficava escuro e você ia para casa com o Pop, o que vocês faziam?

Ficando sério de repente, Colton fez uma cara feia para mim.

– Não fica escuro no céu, papai! Quem disse isso para você?

Mantive minha posição.

– Como assim não fica escuro?

– Deus e Jesus iluminam o céu. Nunca fica escuro. Está sempre claro.

Foi ele quem pregou uma peça em mim. Colton não apenas não havia caído no truque do “quando fica escuro no céu”, como também foi capaz de me dizer por que não ficava escuro: “A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua candeia.”<sup>26</sup>

[20](#) Hebreus 4:16.

[21](#) Hebreus 12:2.

[22](#) Apocalipse 21:2-5a, 22,23.

[23](#) Hebreus 12:2.

[24](#) Lucas 1:13-15a, 18,19.

[25](#) Hebreus 12:1.

[26](#) Apocalipse 21:23.

## DEZENOVE

### JESUS AMA MUITO AS CRIANÇAS

Entre o final de 2003 e meados de 2004, houve um certo conjunto de coisas nas quais Colton pareceu se fixar por meses. Ele falava sobre morte e morrer, o que era estranho – *muito* estranho – para uma criança da idade dele. Também passou a falar mais sobre como é o céu. Esses detalhes surgiam aos fragmentos, durante o jantar, enquanto ele fazia tarefas com Sonja ou comigo, e durante o curso normal da vida.

Ele disse que viu os portões do céu: “Eram feitos de ouro e havia pérolas neles.” A própria cidade celestial era feita de algo brilhante, “como ouro ou prata”. As flores e árvores no céu são “lindas”, e havia animais de todas as espécies.

Independentemente de quais fossem os novos bocados que ele revelasse, Colton tinha um tema persistente: ele falava constantemente sobre o quanto Jesus ama as crianças. Estou falando sério: *constantemente*.

Ele acordava de manhã e me dizia:

– Ei, papai, Jesus me disse para dizer para você que ele realmente ama as crianças.

Durante o jantar à noite:

– Lembre-se, Jesus ama muito as crianças.

Antes de ir deitar, enquanto eu o ajudava a escovar os dentes:

– Ei, papai, não se esqueça – ele dizia, misturando as palavras com a boca cheia de espuma de pasta de dentes –, Jesus disse que ama muito, *muito* as crianças!

Sonja recebeu o mesmo tratamento. Àquela altura, ela havia começado a trabalhar meio período outra vez, e nos dias em que ficava em casa com Colton, ele tagarelava o tempo inteiro sobre Jesus amar as crianças. Chegou a um ponto em que não importava que história da Bíblia ela ou eu lêssemos para o nosso pequeno evangelista à noite, quer fosse do Antigo Testamento, do Novo Testamento, sobre Moisés ou Noé, ou sobre o rei Salomão, Colton resumia a noite com a mesma mensagem: “Jesus ama as crianças!”

Finalmente, tive de dizer a ele:

– Colton, nós entendemos. Você pode parar. Quando eu chegar ao céu, você será exonerado. Vou dizer a Jesus que você fez o seu trabalho.

Talvez tenhamos ficado cansados com a mensagem ininterrupta de Colton sobre o amor de Jesus pelas crianças, mas ela transformou a maneira como encarávamos o ministério com as crianças na nossa igreja. Sonja sempre ficou dividida entre cantar na equipe de louvor durante os cultos de domingo pela manhã e descer para ensinar na Escola Dominical para as crianças. E embora soubesse que as estatísticas dizem que a maioria das pessoas que professam a fé em Cristo faz isso na infância, foi a insistência apaixonada de Colton sobre o amor de Cristo pelas crianças que deu a Sonja uma energia nova para nosso ministério

com crianças.

Eu também me tornei mais enfático ao pedir aos membros da igreja para servirem no nosso ministério com crianças. Ao longo dos anos, tinha de lutar para conseguir pessoas que se comprometessem a ensinar na Escola Dominical. Elas se esquivavam dizendo: “Fiz a minha parte no ano passado” ou “Sou muito velho para isso.”

Agora, quando eu me deparava com essas mesmas desculpas, eu amorosamente lembrava às pessoas que Jesus claramente considerava as crianças como preciosas – e que se ele amava as crianças o suficiente para dizer que os adultos devem ser mais semelhantes a elas, devíamos passar mais tempo amando-as também.

Durante esse período, Colton também ficou obcecado pelo arco-íris. Toda a conversa dele sobre as cores magníficas do céu lembraram a Sonja e a mim o livro do Apocalipse, no qual o apóstolo João escreveu especificamente sobre o arco-íris que cerca o trono de Deus,<sup>27</sup> e descreve o céu como uma cidade de ouro resplandecente:

A muralha era feita de jaspe e a cidade de ouro puro, semelhante ao vidro puro. Os fundamentos dos muros da cidade eram ornamentados com toda sorte de pedras preciosas. O primeiro fundamento era ornamentado com jaspe; o segundo com safira; o terceiro com calcedônia; o quarto com esmeralda; o quinto com sardônio; o sexto com sárdio; o sétimo com crisólito; o oitavo com berilo; o nono com topázio; o décimo com crisópraso; o décimo primeiro com jacinto; e o décimo segundo com ametista.<sup>28</sup>

Algumas dessas pedras preciosas são de cores que nos são familiares: o violeta forte da ametista, o verde brilhante da esmeralda, o dourado translúcido do topázio, o negro sólido do ônix. Outras são menos comuns: o crisólito, que vai do verde-claro ao verde-oliva; o jacinto, de um vermelho transparente. O berilo existe em muitas cores, desde o rosa claro até o verde profundo e o verde-mar.

Com suas pedras nada familiares, a descrição de João é tão exótica para nós que temos de procurar conhecer os minerais para descobrir de que cores ele estava falando; os teólogos adultos querem ser precisos. Mas se uma criança visse todas aquelas cores, ela poderia resumi-las com uma simples palavra: arco-íris.

Portanto, quando, na primavera de 2004, o arco-íris mais brilhante que já havíamos visto apareceu sobre Imperial, nós o chamamos para dar uma olhada.

Sonja foi a primeira a vê-lo. Àquela altura, ela estava grávida havia apenas algumas semanas do bebê que agora consideramos definitivamente como o nosso *quarto* filho. Era um dia quente e ensolarado, e ela tinha ido abrir a porta da frente para deixar o ar fresco entrar na casa.

– Ei, pessoal, venham ver isto! – ela chamou.

Da cozinha, atravessei a sala de jantar até a porta da frente e fiquei perplexo ao ver um arco-íris tão brilhante, tão nítido, que parecia a pintura de um artista do Arco-Íris Perfeito. Ou uma criança com uma caixa novinha de giz de cera ilustrando sua aula de ciências. Cada cor separada nitidamente da seguinte, e todo o arco resplandecendo contra um céu perfeitamente azul.

– Será que choveu e eu não percebi? – perguntei a Sonja.

Ela riu.

– Acho que não.

Colton estava no quarto de brinquedos do outro lado do corredor.

– Ei, Colton – chamei. – Venha aqui fora e dê uma olhada nisto.

Ele saiu do quarto de brinquedos e se juntou a nós na varanda da frente.

– Olhe aquele arco-íris, Colton – disse Sonja. – Com certeza deve haver um grande pote de ouro no final.

Colton deu uma olhada, observando as cores no céu.

– Legal – disse ele com um sorriso imperturbável. – Orei por isso ontem.

Então ele girou nos calcanhares e voltou para brincar.

Sonja e eu nos olhamos como quem diz: *O que acaba de acontecer?* E mais tarde falamos novamente sobre as orações feitas com a fé pura de uma criança. “Peçam e receberão”, disse Jesus. Ele colocou essa instrução no contexto de uma criança pedindo ao pai uma bênção.

“Qual de vocês, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra?”, disse Jesus às multidões que se reuniam para ouvir seus ensinamentos nos montes baixos da Galileia. “Ou se pedir peixe, lhe dará uma cobra? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem!”<sup>29</sup>

Colton Burpo não via um arco-íris havia algum tempo, então ele pediu ao seu pai celestial para mandar um. A fé de uma criança. Talvez, Sonja e eu pensamos, tivéssemos muito a aprender com nosso filho.

<sup>27</sup> Apocalipse 4:3.

<sup>28</sup> Apocalipse 21:18-20 ESV.

<sup>29</sup> Mateus 7:7, 9-11.

# VINTE

## MORRENDO E VIVENDO

A primavera de 2004 marcou um ano desde que Colton fora internado. Naquele ano, a Sexta-Feira Santa caiu em abril, e, dentro de apenas um mês, Colton faria cinco anos. Sempre gostei da Sexta-Feira Santa porque eu fazia o que chamava de “Comunhão vai-e-vem de famílias”. Isso significava que eu ficava na igreja por algumas horas, e as famílias vinham e tomavam a Comunhão juntas. Eu gostava disso por duas razões. Uma delas era porque dava às famílias da nossa igreja a chance de passar um tempo especial juntas durante a Semana Santa. E também porque isso me dava a chance de perguntar às famílias individualmente sobre as necessidades de oração deles e orar com toda a família bem no local.

Naquela manhã, eu precisava fazer algumas tarefas, então coloquei Cassie e Colton na minha caminhonete Chevy vermelha e dirigi pelos poucos quarteirões que me levavam à cidade. Como ainda era pequeno e precisava de uma cadeirinha especial, Colton ficou ao meu lado, e Cassie se sentou perto da janela. Enquanto íamos pela Broadway, a rua principal que atravessava a cidade, eu pensava nas minhas responsabilidades para aquele dia, antecipando o culto de Comunhão das famílias. Então percebi que era um feriado religioso e que eu tinha uma plateia cativa bem ali na caminhonete.

– Ei, Colton, hoje é Sexta-Feira Santa – disse eu. – Você sabe o que é a Sexta-Feira Santa?

Cassie começou a se balançar para cima e para baixo no assento e sacudiu a mão no ar como uma aluna ansiosa.

– Ah, eu sei! Eu sei!

– Eu não sei – disse Colton.

Olhei para Cassie.

– Ok, o que é a Sexta-Feira Santa?

– Foi o dia em que Jesus morreu na cruz!

– Isso, está certo, Cassie. Você sabe por que Jesus morreu na cruz?

Ela parou de se balançar e começou a pensar. Como ela não disse nada imediatamente, eu perguntei:

– Colton, você sabe por que Jesus morreu na cruz?

Ele assentiu, surpreendendo-me um pouco.

– Ok, por quê?

– Bem, Jesus me disse que morreu na cruz para que a gente pudesse ir ver o pai dele.

Com os olhos da minha mente, eu vi Jesus, com Colton em seu colo, ignorando todos os diplomas de seminários, pondo abaixo os tratados teológicos formando pilhas da altura de arranha-céus, e trocando palavras sofisticadas como *propiciação* e *soteriologia* por algo que uma criança pudesse entender: “Tive de morrer na cruz para que as pessoas na terra pudessem vir ver o meu papai.” A resposta de Colton à minha pergunta foi a mais simples e mais doce declaração do evangelho que eu já tinha ouvido. Pensei

novamente na diferença entre a fé de um adulto e a fé de uma criança.

Dirigindo pela Broadway, decidi que gostava mais do jeito de Colton. Por alguns minutos, dirigi em silêncio. Depois, virei-me para ele e sorri.

– Ei, você quer pregar no domingo?

Mais tarde naquele mês, Colton me deu mais um susto. Desta vez, envolvia vida ou morte.

Sonja e eu temos uma teoria: desde o momento em que uma criança começa a andar, até por volta da primeira série, uma das principais tarefas que os pais têm é a de manter seus filhos vivos. Nada de garfos nos interruptores elétricos. Nada de secadores de cabelo na banheira. Nada de garrafas de refrigerante no micro-ondas. Tínhamos feito um bom trabalho com Cassie. A esta altura, ela tinha sete anos e já havia deixado de ser um perigo para si mesma e para os outros. Colton, porém, era outra história.

Por mais esperto que fosse com relação a muitas coisas, havia uma coisa que ele simplesmente parecia que não conseguia captar: se um corpo humano encontra um carro em movimento, coisas ruins acontecem.

Embora estivesse quase pronto para o jardim de infância, ele ainda era um garotinho compacto, que é uma forma carinhosa de dizer que ele puxou ao seu pai e era pequeno para a sua idade. Ele também era uma bola de fogo que, no instante em que saímos de uma loja, saía correndo em direção ao carro. Ficávamos aterrorizados imaginando que os outros motoristas não conseguissem vê-lo e pudessem passar por cima dele. Parecia que pelo menos uma ou duas vezes por semana, tínhamos de puxá-lo com força de uma curva ou gritar para ele: “COLTON, PARE!” e depois alcançá-lo para ralhar com ele: “Você *tem* de esperar por nós! Você *tem* de segurar a mão da mamãe ou do papai!”

Um dia, em fins de abril, Colton e eu tínhamos parado no Sweden Creme para fazer um lanche. O Sweden Creme é o tipo de loja com drive-in de propriedade familiar que é a resposta das cidades pequenas às cadeias de fast-food que nos ignoram por sermos pequenos demais. Toda cidade pequena no Nebraska tem um lugar desses. McCook tem o Mac’s; Benkelman tem o Dub’s. Em Holyoke, a pequena cidade logo depois da fronteira do Colorado, é o Dairy King. E todas elas servem a mesma coisa: cestas de hambúrguer, iscas de frango e sorvete cremoso.

Naquele dia, comprei sorvete de casquinha de baunilha, uma para Colton e uma para mim. Como manda o figurino, quando saímos pela porta, ele pegou seu sorvete e saiu disparado para o estacionamento, que fica a apenas a três metros e meio da Broadway.

Com o coração na boca, gritei:

– COLTON, PARE!

Ele freou, e eu corri até ele, com o rosto vermelho, com certeza.

– Filho, você *não pode fazer isso!* – falei. – Quantas vezes eu já disse isso?

Naquele mesmo instante, percebi um montinho de pêlo bem no meio da Broadway. Agarrando o que achei que fosse uma oportunidade para ensinar, apontei para ele.

– Está vendo aquilo?

Colton deu uma lambida no seu sorvete e seguiu o meu dedo com os olhos.

– Aquilo é um coelho que estava tentando atravessar a rua e não conseguiu – disse eu. – É isso que pode acontecer se você correr e um carro não vir você! Você pode não apenas se machucar, mas pode morrer!

Colton olhou para mim e sorriu acima da sua casquinha.

– Ah, que bom! – disse ele. – Isso quer dizer que eu posso voltar para o céu!

Apenas abaixei a cabeça e balancei-a, exasperado. Como você pode instilar um pouco de bom-senso em uma criança que não tem medo da morte?

Finalmente abaixei, apoiando-me sobre um joelho, e olhei para o meu menininho.

– Você não está entendendo – disse eu. – Desta vez, eu vou para o céu primeiro. Eu sou o pai; você é a criança. Os pais vão primeiro!

## VINTE E UM

### A PRIMEIRA PESSOA QUE VOCÊ VERÁ

A maior parte daquele verão passou sem nenhuma revelação nova de Colton, embora eu esteja certo de que jogamos o jogo do “Como é Jesus?” durante as férias, com Colton colocando o polegar para baixo para cada ilustração que víamos. Chegou um ponto em que em vez de perguntar “Esta está certa?”, Sonja e eu começamos a perguntar, sem hesitar: “E então, o que há de errado com esta aqui?”

Agosto chegou e com ele a reivindicação anual à fama de Imperial, a Chase County Fair. Comparada à feira estadual, a nossa é a maior feira dos condados do oeste de Nebraska. Em Imperial e nas cidades que a cercam por quilômetros, é o acontecimento do ano. Durante uma semana inteira no final de agosto, Imperial passa de uma população de duas mil pessoas para algo em torno de quinze mil pessoas. Os negócios alteram seus horários (ou fecham completamente), e até os bancos fecham ao meio-dia para que toda a comunidade possa se reunir para assistir aos concertos (rock na sexta à noite, country no sábado à noite), fazer compras, passear na roda gigante e ver as luzes de uma grande festa no meio do ano.

Todos os anos, aguardamos ansiosamente pelo visual, os sons e os cheiros da feira: pipoca salgada e doce, churrasco, e “tacos indianos” (guarnições para tacos amontoadas sobre uma fatia grossa de pão sem fermento). A música country paira no ar. A roda gigante se eleva acima de tudo, podendo ser vista de toda a cidade.

Esta feira é definitivamente um acontecimento no centro-oeste, com o concurso de animais da 4-H<sup>30</sup> que escolhe o melhor touro, o melhor cavalo, o melhor porco de engorda, esse tipo de coisa, juntamente com o favorito das crianças, o “Mutton Bustin’”. Caso você nunca tenha ouvido falar do mutton busting, é quando uma criança é colocada sobre uma ovelha e tenta montá-la por tanto tempo quanto possível sem cair. Há um enorme troféu para cada faixa etária, de cinco a sete anos. Na verdade, o troféu para o primeiro lugar geralmente é mais alto que o pequeno competidor.

Definitivamente há um sabor caseiro, de cidade pequena, relacionado à nossa feira, como um empresário do ramo da limonada pôde perceber, embora do jeito mais difícil. Em um determinado ano, esse cavalheiro decidiu que podia vender mais da sua deliciosa bebida usando o que podemos chamar de campanha de marketing Hooters. Depois de uma noite ou duas, uma fila de pessoas reclamava da equipe de vendedoras com pouca roupa na barraca dele, e alguns cidadãos preocupados acabaram tendo de ir até ele e dizer que as garotas que vendiam limonada tinham de colocar mais roupas. Ainda assim, parece que ele teve uma fila bem grande na sua barraca nessas primeiras duas noites.

Em agosto de 2004, Sonja e eu colocamos uma barraca no meio do caminho para despertar o interesse dos visitantes de fora da cidade pelo nosso negócio de portas de garagem. Mas, como sempre, tive de me

esforçar para encontrar tempo para equilibrar esse negócio com a atividade de cuidar da nossa congregação. Em uma tarde quente durante aquela semana da feira, nós quatro – Sonja, eu e as duas crianças – estávamos atendendo na barraca, distribuindo folhetos e conversando com os possíveis clientes. Mas precisei ir até o asilo Imperial Manor, a algumas quadras dali, para visitar um homem chamado Harold Greer.

Naquela época, a filha de Harold, Gloria Marshall, tocava teclado na nossa equipe de louvor na igreja, e seu marido, Daniel, estava servindo como meu pastor assistente e líder de louvor. Harold, que foi ministro por toda a sua vida, tinha oitenta anos e estava morrendo. Sabia que ele estava se aproximando das suas últimas horas e eu precisava fazer outra visita para dar apoio a Daniel e Gloria, e para orar com Harold pelo menos mais uma vez.

Quando você é um pastor ou bombeiro voluntário ou treinador de luta livre ou empresário tentando fazer malabarismo com todos os pinos sem deixar nenhum cair, você aprende bem depressa que as crianças são altamente portáteis. Sonja, por sua vez, estava servindo como esposa de pastor, um trabalho que, em si, já ocupa tempo integral, além de ser mãe, professora, bibliotecária voluntária e secretária dos negócios da família. Ao longo dos anos, havíamos desenvolvido o seguinte hábito: se não estivéssemos formalmente *indo para o trabalho*, pegávamos uma criança e a levávamos conosco. Então, naquela tarde na feira, deixei Sonja, então com sete meses de gravidez, e Cassie a cargo da nossa barraca de vendas e prendi Colton na sua cadeirinha em minha caminhonete, e dirigi-me ao asilo.

Colton olhava pela janela enquanto passávamos pela roda gigante ao sair da área da feira.

– Vamos ver o papai da Gloria, Harold, no asilo – disse eu. – Ele não está muito bem e provavelmente não tem muito tempo de vida. Harold entregou a sua vida a Jesus há muito tempo, e ele está se preparando para ir para o céu.

Colton não tirou os olhos da janela.

– Ok, papai.

O asilo é um prédio grande de um andar com uma enorme sala de jantar afastada do saguão dianteiro, que também abriga um viveiro de pássaros gigante cheio de tentilhões que cantam e chilreiam e costumam trazer o ar livre para a parte interna.

Quando abri a porta do quarto de Harold, vi Daniel e Gloria, junto com três ou quatro membros da família, inclusive duas pessoas que eu soube que eram as outras filhas de Harold.

Daniel levantou-se.

– Ei, Pastor Todd – disse ele enquanto eu envolvia o aperto de mão dele com um abraço. Gloria ficou de pé, e abracei-a também. A família cumprimentou Colton, que ficou segurando minha mão enquanto distribuía seus *alôs* silenciosos.

Voltei-me para a cama de Harold e vi que ele estava deitado muito quieto, respirando fundo e espaçadamente. Já tinha visto muitas vezes homens e mulheres nesse estágio final da vida. Quando chegam aos seus últimos instantes, eles perdem a consciência e a retomam, e mesmo enquanto estão acordados, têm momentos de lucidez e outros em que a perdem.

Voltei-me para Gloria:

– Como está seu pai? – perguntei.

– Está segurando as pontas, mas não creio que ele tenha muito mais tempo – disse ela.

Seu rosto era corajoso, mas pude ver seu queixo tremer um pouco enquanto falava. Nesse instante, Harold começou a gemer baixinho e a se mexer sob o lençol fino que o cobria. Uma das irmãs de Gloria se levantou e andou em direção à cama, sussurrou palavras reconfortantes, e depois voltou ao seu lugar junto à janela.

Aproximei-me e fiquei junto à cabeça de Harold, com Colton me seguindo como uma pequena sombra. Magro e com pouco cabelo, Harold estava deitado de costas, com os olhos entreabertos, os lábios levemente separados. Ele inspirava pela boca e parecia reter o ar, como se estivesse espremendo cada

uma de suas últimas moléculas de oxigênio antes de exalar de novo. Olhei para baixo e vi Colton olhando para Harold, com um olhar de absoluta calma e certeza em seu rosto. Coloquei minha mão no ombro do velho ministro, fechei meus olhos, e orei em voz alta, lembrando a Deus o longo e fiel serviço de Harold, pedindo que os anjos tornassem a sua jornada rápida e suave, e que Deus recebesse o seu servo com grande alegria. Colton começou a andar comigo em direção à porta do quarto, mas depois virou-se e voltou para o lado da cama de Harold.

Enquanto observávamos, Colton estendeu a mão e segurou a mão de Harold. Foi um momento “E.F. Hutton”.<sup>31</sup> Todos olhavam atentamente, ouvindo. Colton olhou diretamente no rosto de Harold e disse:

– Vai correr tudo bem. A primeira pessoa que você vai ver é Jesus.

O tom dele era trivial, como se estivesse descrevendo algo tão real e familiar quanto o corpo de bombeiros da cidade. Daniel e Gloria trocaram olhares e um sentimento surreal tomou conta de mim. A essa altura eu já estava acostumado a ouvir Colton falar sobre o céu. Mas agora ele havia se tornado um mensageiro, um pequeno guia turístico para um viajante celestial que estava de partida.

<sup>30</sup> A 4-H nos Estados Unidos é uma organização juvenil administrada pelo Instituto Nacional de Alimentação e Agricultura do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), com a missão de “engajar a juventude para atingir o seu pleno potencial enquanto promove o campo de desenvolvimento da juventude”. O nome representa quatro áreas de desenvolvimento pessoa de foco para a organização: head (cabeça), heart (coração), hands (mãos) e health (saúde). (N.T.)

<sup>31</sup> EF Hutton & Co foi uma corretora de ações americana fundada em 1904 por Edward Francis Hutton e seu irmão Franklyn Laws Hutton, tendo se tornado segunda maior corretora dos Estados Unidos, durante muitos anos. A empresa ficou conhecida por seus comerciais na década de 1970 e 1980 com base na frase: “Quando fala EF Hutton, as pessoas ouvem” (que normalmente envolvia um profissional jovem comentando em um jantar que o seu corretor foi EF Hutton). Tal frase virou um jargão norte-americano.(N.T.)

## VINTE E DOIS

### NINGUÉM É VELHO NO CÉU

Quando Pop morreu, em 1975, herdei algumas coisas. Senti orgulho ao receber o pequeno rifle calibre 22 que eu usava quando caçávamos marmotas e coelhos juntos. Também herdei a bola de boliche do Pop, e, mais tarde, uma velha escrivaninha que meu avô tinha desde que minha mãe podia se lembrar. Com um tom de madeira entre o bordo e a cerejeira, era uma peça interessante, primeiro porque era uma escrivaninha bem pequena para um homem tão grande, e segundo porque a parte sob a qual ficava a cadeira faz uma curva ao seu redor, em vez de ser uma reta como em uma escrivaninha comum. Quando eu era adolescente e cheio de aulas de marcenaria na escola, eu passava muitas horas na garagem de meus pais, reformando a escrivaninha do Pop. Então coloquei-a em meu quarto, uma doce lembrança de um homem que era o sal da terra.

Desde o momento em que coloquei a escrivaninha em uso, mantive uma foto do Pop na gaveta superior esquerda e a tirava de vez em quando para me lembrar dele. Foi a última foto tirada de meu avô; ele estava com 61 anos, com cabelos brancos e óculos. Quando Sonja e eu nos casamos, a escrivaninha e a foto se tornaram parte da nossa casa.

Depois que Colton começou a falar sobre ter encontrado Pop no céu, percebi que ele dava detalhes físicos específicos de Jesus e também descrevia sua irmã não nascida como “um pouco menor do que Cassie, com cabelos escuros”. Mas quando perguntei a ele como era Pop, Colton falava principalmente sobre suas roupas e o tamanho de suas asas. Quando perguntei sobre os traços de seu rosto, ele ficou meio vago. Tenho de admitir que isso estava me incomodando um pouco.

Um dia, não muito depois da nossa ida a Benkelman, chamei Colton para ir até o porão e tirei a minha preciosa fotografia do Pop da gaveta.

– É assim que me lembro de Pop – eu disse.

Colton pegou a moldura, segurou-a com as duas mãos e olhou para a foto por um minuto mais ou menos. Esperei que o seu rosto se iluminasse reconhecendo-o, mas isso não aconteceu. Na verdade, ele franziu a sobrancelhas e sacudiu a cabeça.

– Papai, ninguém é velho no céu – disse Colton. – E ninguém usa óculos.

Então ele se virou e subiu as escadas.

*Ninguém é velho no céu...*

Essa declaração me fez pensar. Algum tempo depois, liguei para minha mãe em Ulysses.

– Ei, você tem fotos do Pop quando ele era jovem?

– Tenho certeza que sim – disse ela. – Mas terei de procurá-las. Você quer que eu as mande pelo correio para você?

– Não, eu não quero que elas se percam. Apenas faça uma cópia de uma delas e mande esta pelo

correio.

Várias semanas se passaram. Então um dia, abri a caixa de correio e encontrei um envelope de mamãe contendo uma cópia xérox de uma velha fotografia em preto e branco. Soube mais tarde que mamãe a tirou de uma caixa que ela havia guardado em um armário no quarto dos fundos desde o tempo em que Cassie era bebê, uma caixa que não havia visto a luz do dia desde dois anos antes de Colton nascer.

Havia quatro pessoas na foto, e mamãe havia escrito um bilhete explicando quem eram: minha avó Ellen, na foto com vinte e poucos anos, mas agora aos oitenta e poucos e ainda mora em Ulysses. Minha família a havia visitado uns dois meses antes. A foto também mostrava minha mãe quando era bebê, com cerca de um ano e meio; meu tio Bill, que tinha cerca de seis anos; e Pop, um sujeito bonito, com 29 anos quando a foto foi tirada, em 1943.

É claro que eu nunca disse a Colton que o fato de ele não reconhecer Pop na minha antiga foto de recordação estava me incomodando. Naquela noite, Sonja e eu estávamos sentados na sala da frente quando chamei Colton para subir. Levou algum tempo para ele aparecer e, quando ele veio, tirei a cópia da fotografia que minha mãe havia enviado.

– Ei, venha cá e dê uma olhada nisto, Colton – disse eu, segurando o papel para ele. – O que você acha?

Ele tirou a fotografia da minha mão, olhou para baixo e depois olhou de novo para mim, com os olhos cheios de surpresa.

– Ei! – disse ele alegremente. – Como você conseguiu uma foto do Pop?

Sonja e eu nos olhamos, perplexos.

– Colton, você não reconhece mais ninguém na foto? – perguntei.

Ele sacudiu a cabeça lentamente.

– Não...

Debrucei-me e apontei para minha avó.

– Quem você acha que é esta aqui?

– Não sei.

– Esta é a vovó Ellen.

Os olhos de Colton ficaram céticos.

– Esta não *parece* com a vovó Ellen.

Olhei para Sonja e ri.

– Bem, ela era assim.

– Posso ir brincar? – perguntou Colton, me entregando a foto.

Depois que ele saiu da sala, Sonja e eu falamos sobre como era interessante o fato de Colton ter reconhecido Pop em uma foto tirada mais de meio século antes de ele nascer – uma foto que ele nunca havia visto antes – mas não ter reconhecido a sua bisavó, que ele vira havia dois meses.

Depois que pensamos no assunto, o fato de que o Pop com quem Colton disse que esteve não era mais alguém de 61 anos, mas estava em algum ponto da sua juventude, nos pareceu ao mesmo tempo uma notícia boa e má: o lado mau é que no céu ainda vamos ter a nossa aparência. O lado bom é que será na versão mais jovem.

# VINTE E TRÊS

## O PODER DO ALTO

Em 4 de outubro de 2004, Colby Lawrence Burpo veio ao mundo. Desde o momento em que nasceu, ele parecia uma cópia carbono de Colton. Mas como acontece com todas as crianças, Deus também o havia feito único. Se Cassie era a nossa filha sensível, e Colton nosso filho sério, Colby era o nosso palhaço. Desde cedo, o jeito brincalhão de Colby trouxe uma dose fresca de riso à nossa casa.

Uma noite, mais tarde, naquele outono, Sonja o havia colocado junto com Colton para ler uma história bíblica para ele.

Ela se sentou na beirada da cama dele e leu a história enquanto Colton estava debaixo do cobertor, com a cabeça no travesseiro. Então chegou a hora de orar.

Uma das grandes bênçãos de nossa vida como pais tem sido ouvir nossos filhos orarem. Quando são pequenas, as crianças oram sem o exibicionismo que às vezes entra nas nossas orações de adultos, sem aquele tipo de verborragia, uma linguagem que apela mais para quem está ouvindo do que para Deus. E quando Colton e Cassie oravam do seu jeito simples e sincero, parecia que Deus atendia.

Desde cedo, desenvolvemos a prática de dar às crianças coisas específicas para elas orarem, não apenas para edificar a fé delas, mas também porque orar pelos outros é uma maneira de desenvolver um coração voltado para outras necessidades além das nossas.

– Você sabe como o papai prega toda semana? – disse Sonja, agora sentada ao lado de Colton. – Creio que devemos orar por ele, para que ele tenha um bom tempo de estudo esta semana para que ele possa dar uma boa mensagem na igreja no domingo de manhã.

Colton olhou para ela e disse a coisa mais estranha:

– Eu vi poder disparado do céu indo até o papai.

Sonja mais tarde me disse que ela tirou um instante para refletir sobre estas palavras em sua mente.  
*Poder disparado do céu?*

– O que você quer dizer, Colton?

– Jesus dispara poder do céu para o papai quando ele está falando.

Sonja se endireitou na cama para poder olhar diretamente nos olhos de Colton.

– Ok... quando? Quando o papai fala na igreja?

Colton assentiu.

– É, na igreja. Quando ele está contando histórias da Bíblia para as pessoas.

Sonja não sabia o que dizer diante daquilo, uma situação com a qual nos acostumamos no último ano e meio. Então ela e Colton oraram juntos, enviando chamadas ao céu para que papai passasse uma boa mensagem no domingo.

Então Sonja atravessou o corredor até a sala de visitas para me contar a conversa deles.

– Mas não se atreva a acordá-lo para perguntar sobre isso! – disse ela.

Então tive de esperar até a manhã seguinte no café da manhã.

– Ei, amigo – disse eu, despejando leite na tigela de cereais de Colton. – A mamãe disse que você ontem à noite estava falando quando ela contava histórias da Bíblia. Você pode me contar o que disse à mamãe sobre... sobre Jesus disparar poder do céu? Como é esse poder?

– É o Espírito Santo – disse Colton simplesmente. – Eu o vi. Ele me mostrou.

– O Espírito Santo?

– É. Ele dispara poder do céu para você quando você está falando na igreja.

Se existissem balões de pensamento, como nos quadrinhos, acima da cabeça das pessoas, naquele instante o meu estaria cheio de pontos de interrogação e de exclamação. Todo domingo de manhã, antes de passar o sermão, faço uma oração assim: “Deus, se o Senhor não ajudar esta manhã, esta mensagem vai falhar.” À luz das palavras de Colton, entendi que eu vinha fazendo essa oração sem realmente saber o que estava pedindo. E imaginar Deus respondendo a essa oração “disparando poder do céu”... bem, era simplesmente incrível.

## VINTE E QUATRO

### O MOMENTO DE ALI

Depois que Colby nasceu, Sonja e eu descobrimos que a dinâmica de levar as crianças conosco para todo lugar havia mudado. Agora as crianças eram maioria, três para dois. Decidimos que havia chegado a hora de termos uma babá regular, então contratamos uma menina que estava na oitava série, muito madura e responsável, chamada Ali Titus para cuidar das crianças para nós. Nas segundas à noite, Sonja e eu ainda jogávamos softball no time misto de “veteranos”, embora meus dias de corredor houvessem terminado.

Em uma noite de segunda-feira em 2005, Ali veio tomar conta de Cassie, Colton e Colby para que pudéssemos ir para o nosso jogo. Eram cerca de dez da noite quando estacionamos de volta na entrada da garagem. Sonja desceu e entrou para ver Ali e as crianças enquanto eu fechava a porta da garagem, então não ouvi o que aconteceu lá dentro até alguns minutos depois do ocorrido.

A porta interna da garagem dá para a nossa cozinha, e quando Sonja entrou, ela me disse depois, encontrou Ali na pia, lavando os pratos do jantar... e chorando.

– Ali, há algo errado? – perguntou Sonja. Era alguma coisa com Ali, ou alguma coisa que havia acontecido com as crianças?

Ali retirou as mãos da pia e secou-as em uma toalha.

– Humm... realmente não sei como dizer isto, Sra. Burpo – ela começou. Olhava para o chão, hesitante.

– Está tudo bem, Ali – disse Sonja. – O que é?

Ali olhou para cima, com os olhos cheios de lágrimas.

– Bem, sinto muito em perguntar isto à senhora, mas... a senhora sofreu um aborto?

– Sim – disse Sonja, surpresa. – Como você sabe disso?

– Hã... Colton e eu tivemos uma pequena conversa.

Sonja convidou Ali para se sentar no sofá com ela e lhe contar o que havia acontecido.

– Tudo começou quando coloquei Colby e Colton para dormir – Ali começou.

Cassie havia descido para o quarto dela, e Ali deu uma mamadeira a Colby e depois colocou-o no berço no andar de cima. Então ela atravessou o corredor, colocou Colton na cama, e foi para a cozinha para limpar os restos do jantar que havia dado às crianças.

– Eu havia acabado de desligar a torneira da pia quando ouvi Colton chorando.

Ali disse a Sonja que foi ver Colton e o encontrou sentado em sua cama, com as lágrimas descendo por seu rosto.

– O que há de errado, Colton? – ela perguntou a ele.

Colton fungou e enxugou os olhos.

– Sinto saudade da minha irmã – ele disse.

Ali disse que sorriu, aliviada porque o problema parecia ter uma solução simples.

– Ok, amorzinho, você quer que eu vá lá embaixo e chame ela para você?

Colton sacudiu a cabeça.

– Não, eu estou com saudade da minha *outra* irmã.

Nesse momento Ali ficou confusa.

– A sua outra irmã? Você só tem uma irmã e um irmão, Colton. Cassie e Colby, certo?

– Não, eu tenho outra irmã – disse Colton. – Eu a vi. No céu – então ele começou a chorar novamente.

– Sinto tanta saudade dela...

Quando Ali contou a Sonja essa parte da história, os olhos dela se encheram novamente de lágrimas.

– Eu não sabia o que dizer, Sra. Burpo. Ele estava tão angustiado. Então eu perguntei a ele quando ela

viu essa outra irmã.

Colton contou a Ali: “Quando eu era pequeno, eu fiz uma cirurgia e fui para o céu e vi minha irmã.”

– Então – Ali contou a Sonja – Colton começou a chorar novamente, só que mais forte.

– Não entendo por que minha irmã está morta – disse ele. – Eu não sei por que ela está no céu e não aqui.

Ali sentou-se na cama ao lado de Colton, como ela definiu, “em estado de choque”. Essa situação definitivamente não estava na lista normalmente escrita para as babás para casos de emergência, imagine: (1) para quem ligar em caso de incêndio; (2) para quem ligar em caso de doença; (3) para quem ligar caso a criança relate alguma experiência sobrenatural.

Ali sabia que Colton havia estado extremamente doente alguns anos atrás e que ele havia passado um tempo no hospital. Mas não sabia o que havia acontecido na sala de cirurgia. Agora ela não fazia ideia do que dizer, enquanto Colton saía debaixo das cobertas e se encolhia no seu colo. Então, enquanto ele chorava, ela chorou com ele.

– Sinto falta da minha irmã – disse ele novamente, soluçando e deitando sua cabeça no ombro de Ali.

– Shhh... tudo bem, Colton – disse Ali. – Há uma razão para tudo. E eles ficaram assim, com Ali ninando Colton enquanto ele chorava até adormecer em seus braços.

Ali terminou sua história, e Sonja deu-lhe um abraço. Mais tarde, Ali nos contou que durante as duas semanas seguintes, ela não conseguia parar de pensar no que Colton disse e na afirmação de Sonja de que, antes da cirurgia, Colton não sabia nada sobre o aborto da mãe.

Ali havia crescido em um lar cristão, mas alimentou as mesmas dúvidas que alguns de nós têm: por exemplo, como saber se uma religião é diferente de outra? Mas a história de Colton sobre sua irmã fortaleceu a sua fé cristã, disse Ali.

– Ouvi-lo descrever o rosto da menina... não era algo que um menino de seis anos pudesse simplesmente inventar – ela nos disse. – Agora, sempre que estou em dúvida, lembro-me do rosto de Colton, com as lágrimas descendo por sua face, enquanto ele me contava o quanto sentia falta de sua irmã.

## VINTE E CINCO

### AS ESPADAS DOS ANJOS

Do ponto de vista de uma criança, talvez a melhor coisa que aconteceu em 2005 tenha sido o lançamento de *Crônicas de Nárnia*. Na época de Natal, levamos as crianças para ver o filme no cinema. Sonja e eu estávamos empolgados para ver a primeira adaptação de alta qualidade para o cinema das *Crônicas de Nárnia* de C.S. Lewis, de que nós dois gostávamos quando crianças. Colton estava mais empolgado com um filme que apresentava mocinhos lutando contra bandidos com espadas.

No início de 2006, alugamos o DVD e nos sentamos na sala de visitas para uma noite de vídeo e pipoca em família. Em vez de nos sentarmos nos sofás e poltronas, todos nós nos sentamos no tapete, Sonja, Cassie e eu recostados no sofá. Colton e Colby se debruçaram de joelhos diante de nós, torcendo por Aslan, o leão guerreiro, e os irmãos Pevensie: Lucy, Edmund, Peter e Susan. A casa estava até com cheiro de cinema, com baldes de pipoca amanteigada, saídas quentinhas do micro-ondas e colocadas no chão ao alcance da mão.

Caso você não tenha visto *Crônicas de Nárnia*, o filme se passa durante a Segunda Guerra Mundial, quando os irmãos Pevensie são deportados de Londres para a casa de um professor excêntrico. Lucy, Edmund, Peter e Susan estão entediados ao extremo, até que Lucy se depara com um guarda-roupa encantado que leva a um reino mágico chamado Nárnia. Em Nárnia, não apenas todos os animais podem falar, como o lugar também é habitado por outras criaturas, como anões, duendes e centauros. A terra é governada pelo leão Aslan, que é um rei bom e sábio, mas a sua arqui-inimiga, a Feiticeira Branca, lançou uma maldição sobre Nárnia que faz com que seja sempre inverno, mas nunca chegue o Natal. De volta ao mundo real, os Pevensie são apenas crianças, mas em Nárnia, eles são príncipes e princesas que também se tornam guerreiros que combatem ao lado de Aslan.

Naquela noite, enquanto assistíamos à cena da batalha final da fantasia medieval, Colton, então com seis anos, estava realmente envolvido naquilo enquanto criaturas aladas lançavam rochas do céu e os irmãos Pevensie vestidos para a batalha lutavam com espadas contra o exército maligno da Feiticeira Branca. Durante a luta, Aslan se sacrificou para salvar Edmund. Porém, mais tarde, quando ele voltou à vida e matou a Feiticeira Branca, Colton ficou de pé e fechou os punhos. Ele gosta quando os bons vencem.

Enquanto os créditos apareciam na tela da televisão e Colby catava as migalhas das pipocas, Sonja disse a Colton de improviso:

– Bem, acho que esta é uma coisa que você não gostou no céu: não existem espadas lá.

A empolgação vertiginosa de Colton desapareceu tão depressa como se uma mão invisível tivesse apagado o seu sorriso com um apagador. Ele se esticou ao máximo de sua altura e olhou para baixo, para Sonja, que ainda estava sentada no chão.

– Há *duas* espadas no céu! – disse ele.

Surpresa com a intensidade dele, Sonja me olhou de esguelha e depois voltou o rosto para Cotton e sorriu.

– Humm... ok. Para que eles precisam de espadas no céu?

– Mamãe, Satanás não está no inferno ainda – disse Colton, quase em um tom de repreensão. – Os anjos carregam espadas para poderem manter Satanás fora do céu!

Mais uma vez, a Escritura saltou em minha mente, desta vez do livro de Lucas, no qual Jesus diz aos discípulos: “Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago.”<sup>32</sup>

E lembrei-me de uma passagem de Daniel na qual um anjo visita Daniel em resposta a sua oração, mas diz que havia sido retardado por 21 dias porque estava envolvido em uma batalha contra o “rei da Pérsia”.<sup>33</sup> Os teólogos geralmente usam isso para representar algum tipo de batalha espiritual, com Gabriel combatendo as forças das trevas.

Mas como um menino de seis anos sabe disso? Sim, Colton havia tido mais dois anos de Escola Dominical até então, mas eu sabia com toda certeza que o nosso currículo não incluía lições sobre acomodações de moradia de Satanás.

Enquanto esses pensamentos voavam por minha mente, eu podia ver que Sonja não sabia o que dizer a Colton, que continuava repreendendo-a. Seu rosto me lembrava a sua irritação quando sugeri que ficava escuro no céu. Decidi trazer uma certa leveza ao ambiente.

– Ei, Colton, aposto que você perguntou se podia ter uma espada, não foi? – perguntei.

Diante disso, a cara feia de Colton se transformou em uma testa franzida e triste e seus ombros tombaram em direção ao chão.

– É, eu pedi. Mas Jesus não quis me dar uma. Ele disse que seria perigoso demais.

Ri um pouco, imaginando se Jesus queria dizer que Colton seria um perigo para si e para os outros.

Em todas as nossas conversas sobre o céu, Colton nunca havia mencionado Satanás, e Sonja e eu tampouco havíamos pensado em perguntar isso a ele. Quando se pensa no céu, pensa-se em rios de cristal e ruas de ouro, e não em anjos e demônios cruzando espadas.

Mas agora que ele havia trazido o assunto à baila, decidi pressionar um pouco mais.

– Ei, Colton –, disse eu. – Você viu Satanás?

– Sim, eu vi –, disse ele solenemente.

– Como ele era?

Diante disso, o corpo de Colton ficou rígido, ele fez uma careta, e seus olhos se apertaram. Ele parou de falar. Quer dizer, ele absolutamente se fechou, e assim a noite se encerrou.

Perguntamos a Colton sobre Satanás algumas vezes depois disso, mas depois desistimos porque, sempre que o fazíamos, a reação dele era um pouco desconcertante: era como se ele mudasse instantaneamente de um garotinho iluminado para alguém que fugia para um quarto seguro, fechava a porta, trancava as janelas e fechava as persianas. Ficou claro que além dos arco-íris, dos cavalos e das ruas de ouro, ele havia visto algo desagradável. E ele não queria falar sobre isso.

<sup>32</sup> Lucas 10:18.

<sup>33</sup> Daniel 10:13.

## VINTE E SEIS

### A GUERRA VINDOURA

Alguns meses depois, eu tinha alguns negócios em McCook, uma cidade a cerca de noventa quilômetros de Imperial e onde ficava o Wal-Mart mais próximo. Para muitos americanos, uma hora é tempo demais para chegar ao Wal-Mart, mas aqui no campo você se acostuma com isso. Eu havia levado Colton comigo, e nunca me esquecerei da conversa que tivemos no caminho de volta, porque, embora nosso filho tivesse falado comigo sobre o céu e até sobre o meu próprio passado, ele nunca antes havia me dado uma dica de que conhecia o meu futuro.

Havíamos passado por Culbertson, a primeira cidade a oeste de McCook, e estávamos passando por um cemitério. Colton, que a esta altura já não usava mais a cadeirinha no carro, olhava pela janela do passageiro para as fileiras de lápides que passavam.

– Papai, onde o Pop está enterrado? – perguntou ele.

– Bem, o corpo dele está enterrado em um cemitério em Ulysses, no Kansas, onde a vovó Kay mora – disse eu. – Na próxima vez que formos lá, posso levar você para ver onde é, se você quiser. Mas você sabe que não é ali que o Pop está.

Colton continuou olhando pela janela.

– Eu sei. Ele está no céu. Ele tem um corpo novo. Jesus me disse que se não formos para o céu, não teremos um corpo novo.

*Segure-se, pensei. Novas informações à vista.*

– É mesmo? – foi tudo que eu disse.

– É – disse ele, e depois acrescentou: – Papai, você sabe que vai haver uma guerra?

– Como assim? – ainda estávamos no assunto “céu”? Eu não tinha certeza.

– Vai haver uma guerra, e ela vai destruir este mundo. Jesus, os anjos e as pessoas boas vão lutar contra Satanás, os monstros e as pessoas más. Eu vi isso.

Pensei na batalha descrita no livro do Apocalipse, e as batidas do meu coração aceleraram um pouco.

– Como você viu isso?

– No céu, as mulheres e as crianças ficam atrás observando. Então eu fiquei para trás e observei – estranhamente, a voz dele estava meio animada, como se estivéssemos falando sobre um bom filme que ele havia assistido. – Mas os homens, eles tiveram de lutar. E papai, eu vi você. Você tem de lutar também.

Tentei ouvir aquilo e permanecer na estrada. De repente, o som dos pneus correndo no asfalto pareceu anormalmente alto, como um alto lamento.

E ali estava outra vez a questão do “tempo no céu”. Antes, Colton havia falado sobre o meu passado, e ele havia visto pessoas “mortas” no presente. Agora ele estava dizendo que em meio a tudo aquilo,

também tinha sido mostrado a ele o futuro. Eu me perguntei se aqueles conceitos – passado, presente e futuro – diziam respeito à terra somente. Talvez, no céu, o tempo não seja linear.

Mas eu tinha outra preocupação mais premente.

– Você disse que estávamos lutando contra monstros?

– É – disse Colton alegremente. – Tipo dragões, essas coisas.

Não sou desses pregadores que insistem nas profecias do final dos tempos, mas agora eu me lembrava de uma parte do Apocalipse especialmente clara:

Naqueles dias os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejarão morrer, mas a morte fugirá deles. Os gafanhotos pareciam cavalos preparados para a batalha. Tinham sobre a cabeça algo como coroas de ouro, e o rosto deles parecia rosto humano. Os cabelos deles eram como os de mulheres e os dentes como os de leão. Tinham couraças como couraças de ferro, e o som das suas asas era como o barulho de muitos cavalos e carruagens correndo para a batalha. Tinham caudas e ferrões como de escorpiões, e na cauda tinham poder para causar tormento aos homens durante cinco meses.<sup>34</sup>

Há séculos, os teólogos exploraram esse tipo de passagem buscando compreender o simbolismo delas: talvez a combinação de todas aquelas diferentes partes do corpo estivesse relacionada a algum tipo de país, ou cada uma correspondesse a um reino de alguma espécie. Outros sugeriram que “couraças de ferro” indicam algum tipo de máquina militar moderna que João não tinha nenhum ponto de referência para descrever.

Mas talvez nós, adultos sofisticados, tenhamos tentado tornar as coisas mais complicadas do que elas são. Talvez sejamos educados demais, “espertos” demais, para mencionar essas criaturas na linguagem simples de uma criança: monstros.

– Hã, Colton... e com o quê eu estava lutando contra os monstros?

Esperava que ele dissesse que era um tanque talvez, ou um lançador de mísseis... eu não sabia, mas algo que eu pudesse usar para lutar à distância.

Colton olhou para mim e sorriu.

– Você estava com uma espada ou um arco e flecha, mas não lembro qual dos dois.

Meu queixo caiu.

– Quer dizer que eu tenho de combater os monstros com uma *espada*?

– Tem, papai, mas tudo bem – ele disse tranquilizando-me. – Jesus vence. Ele lança Satanás no inferno.

Eu vi.

Então observei que desceu do céu um anjo com a chave do Abismo e uma grande corrente em sua mão. Ele prendeu o Dragão, a antiga Serpente, que é o Diabo, Satanás, e o amarrou por mil anos. Lançou-o no Abismo, onde o fechou e pôs um selo sobre ele, para que não enganasse mais as nações, até que os mil anos se completassem. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo... Quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá para seduzir as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, a fim de ajuntá-las para a grande guerra. Então as nações marcharam por toda a superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos, a Cidade Amada; todavia, um fogo desceu do céu e as devorou. O Diabo, que as enganava, foi lançado no lago de fogo que arde com enxofre, onde já haviam sido confinados a Besta e o Falso profeta. Eles serão atormentados dia e noite pelos séculos dos séculos.<sup>35</sup>

Colton estava descrevendo a batalha do Armagedon e dizendo que eu iria lutar nela. Pela enésima vez em aproximadamente dois anos desde que Colton nos contou pela primeira vez que os anjos cantaram para ele no hospital, minha cabeça estava girando. Continuei dirigindo, sem fala, por vários quilômetros, enquanto examinava essas novas imagens em minha mente. Além disso, a informalidade de Colton havia me impactado. Sua atitude demonstrava algo como: “Qual é o problema, papai? Estou dizendo: eu fui até o último capítulo, e os bons vencem.”

Isso, pelo menos, era um certo consolo. Estávamos atravessando os subúrbios de Imperial quando decidi adotar a atitude dele em relação àquilo tudo.

– Bem, filho, acho que, se Jesus quer que eu lute, eu vou lutar – disse eu.

Colton desviou o rosto da janela, e vi que a aparência do seu rosto havia ficado séria.

– É, eu sei, papai – disse ele. – Você vai.

[34](#) Apocalipse 9:6-10 NKJV.

[35](#) Apocalipse 20:1-3, 7-10 KJV.

# VINTE E SETE

## UM DIA NÓS O VEREMOS

Lembro-me da primeira vez que falamos publicamente sobre a experiência de Colton. Foi durante o culto da noite de 28 de janeiro de 2007, na Igreja Wesleyana de Mountain View em Colorado Springs. Durante o culto da manhã, preguei o sermão, uma mensagem sobre Tomé, o discípulo que estava zangado porque os outros discípulos, e até Maria Madalena, haviam visto o Cristo ressuscitado e ele não. Esta história é contada no evangelho de João:

Tomé, chamado Dídimo, um dos Doze, não estava com os discípulos quando Jesus apareceu. Os outros discípulos lhe disseram: “Vimos o Senhor!” Mas ele lhes disse: “Se eu não vir as marcas dos pregos nas suas mãos, não colocar o meu dedo onde estavam os pregos e não puser a minha mão no seu lado, não creerei.” Uma semana mais tarde, os seus discípulos estavam outra vez ali, e Tomé com eles. Apesar de estarem trancadas as portas, Jesus entrou, pôs-se no meio deles e disse: “Paz seja com vocês!” E Jesus disse a Tomé: “Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar e creia.” Disse-lhe Tomé: “Senhor meu e Deus meu!” Então Jesus lhe disse: “Porque me viu, você creu? Felizes os que não viram e creram”.<sup>36</sup>

É dessa história que tiramos a expressão familiar “é ver pra crer”, alguém que se recusa a crer em alguma coisa sem provas físicas ou sem uma experiência pessoal direta. Em outras palavras, uma pessoa sem fé.

Em meu sermão daquela manhã, falei sobre a minha própria raiva e falta de fé, sobre os momentos tempestuosos que eu havia passado naquela pequena sala de hospital, enfurecido contra Deus, e sobre como ele me respondeu, através de meu filho, dizendo: “Eis-me aqui.”

As pessoas que assistiram ao culto daquela manhã saíram e contaram a seus amigos que um pregador e sua esposa, cujo filho havia estado no céu, estariam contando mais sobre a história durante o culto da noite. Naquela noite, a igreja estava lotada. Colton, a esta altura com sete anos de idade, estava sentado no segundo banco junto com seu irmão e sua irmã, enquanto Sonja e eu contávamos a história da experiência dele o melhor que podíamos no período de 45 minutos. Falamos sobre Pop e sobre Colton ter conhecido sua irmã não nascida; então respondemos a perguntas por uns bons 45 minutos depois daquilo.

Cerca de uma semana depois que voltamos para Imperial, eu estava em casa, em meu escritório no porão, verificando a correspondência, quando vi uma carta da família em cuja casa Sonja, eu e as crianças havíamos ficado durante a nossa visita à Igreja Wesleyana de Mountain View. Nossos anfitriões tinham amigos que haviam estado na igreja na noite da nossa palestra e ouviram as descrições do céu que Colton havia feito. Esses amigos nos enviaram um *e-mail*, por nossos anfitriões, falando sobre uma reportagem que a CNN havia feito apenas dois meses antes, em dezembro de 2006. Era a história de uma menina lituano-americana chamada Akiane Kramarik, que morava em Idaho. Akiane, que tinha doze anos na época da reportagem da CNN, havia começado a ter visões do céu aos quatro anos, dizia o e-mail. Suas descrições do céu eram notavelmente similares às de Colton, e os amigos de nossos anfitriões

acharam que nos interessaríamos pela reportagem.

Sentado no computador, cliquei no *link* para o vídeo de três minutos que começava com uma música de fundo, uma peça clássica lenta de violoncelo. Uma voz de homem dizia: “Uma artista autodidata que diz que a sua inspiração vem ‘do alto’. Pinturas que são espirituais, emocionais... e criadas por um prodígio de doze anos de idade.”<sup>37</sup>

Prodígio era a palavra. Enquanto o violoncelo tocava, o vídeo mostrava uma pintura após a outra de figuras com rostos angelicais, paisagens idílicas, e a visão de perfil de um homem que claramente representava Cristo. Então a imagem de uma jovem menina enchendo uma tela de cor. Mas as obras não pareciam ser pinturas feitas por uma menina, nem mesmo por um adulto que estivesse aprendendo a pintar retratos. Aquilo era obra de arte sofisticada que poderia estar pendurada em qualquer galeria.

Akiane começou a pintar aos seis anos, a voz dizia, mas aos quatro ela “começou a descrever para sua mãe as suas visitas ao céu”.

Então Akiane falou pela primeira vez: “Todas as cores eram de fora deste mundo”, disse ela, descrevendo o céu. “Há centenas de milhões de cores mais que ainda não conhecemos.”

O narrador prosseguiu dizendo que a mãe de Akiane era atea e que o conceito de Deus nunca havia sido discutido na casa delas. A família não assistia à televisão, e Akiane não havia frequentado nenhum tipo de pré-escola. Então, quando a garotinha começou a contar as suas histórias sobre o céu, e depois a retratá-las primeiro em desenhos, depois em pinturas, sua mãe sabia que ela não podia ter ouvido essas coisas de outra pessoa. Lentamente, a mãe começou a aceitar o fato de que as visões de Akiane eram reais e que, portanto, Deus deve ser real.

“Creio que Deus sabe onde coloca os nossos filhos, em cada família”, disse a Sra. Kramarik.

Lembrei-me do que Jesus disse aos seus discípulos um dia quando eles estavam tentando impedir que algumas crianças o “incomodassem”: “Deixem vir a mim as crianças.”<sup>38</sup>

Fiz uma observação mental para sermões futuros: a história de Akiane mostrava que Deus pode alcançar qualquer pessoa, em qualquer lugar, em qualquer idade – até uma menina em idade pré-escolar em um lar onde o nome dele nunca foi mencionado.

Mas não era aquela a lição que Deus tinha para mim naquele dia.

Enquanto eu via uma montagem das obras de arte de Akiane passar pela tela do meu computador, o narrador disse: “Akiane descreve Deus tão claramente quanto ela o pinta.”

Aquela altura, um retrato em *close-up* do rosto de Cristo encheu a tela. Era a mesma aparência que eu havia visto antes, mas desta vez com Jesus olhando diretamente “para a câmera”, por assim dizer.

“Ele é puro”, Akiane dizia. “Ele é muito masculino, muito forte e grande. E os seus olhos são simplesmente lindos.”

*Uau.* Aproximadamente três anos haviam se passado desde a cirurgia de Colton, e cerca de dois anos e meio desde que ele descreveu Jesus pela primeira vez para mim naquela noite no porão. Fiquei impactado com as semelhanças entre as lembranças dele e as de Akiane: todas as cores no céu... e principalmente a descrição deles dos olhos de Jesus. “E os olhos dele”, Colton disse, “ah, papai, os olhos dele são *tão* bonitos!”

Um detalhe interessante para duas crianças de quatro anos guardarem. Depois que a reportagem da CNN terminou, voltei-a para aquele segundo retrato de Jesus, uma imagem assustadoramente realista que Akiane pintou quando tinha oito anos. Os olhos eram realmente impressionantes – um azul claro esverdeado sob sobrancelhas escuras e grossas – com metade do rosto na sombra. E percebi que os cabelos dele eram mais curtos do que a maioria dos artistas pinta. A barba também era diferente, mais cheia, de alguma forma, mais... não sei... casual.

Até aquele momento, das (literalmente) dúzias de retratos de Jesus que havíamos visto desde 2003, Colton ainda não havia visto nenhum que ele achasse que estava correto.

*Bem, pensei, vamos ver o que ele acha da tentativa de Akiane.*

Levantei-me da escrivaninha e gritei da escada para Colton descer até o porão.

– Estou indo! – foi a resposta.

Colton desceu as escadas e apareceu no escritório.

– Sim, papai?

– Dê uma olhada nisto – eu disse, apontando para o monitor do computador. – O que há de errado com esta aqui?

Ele olhou para a tela por um longo instante e não disse nada.

– Colton?

Mas ele apenas continuou ali, estudando. Eu não conseguia ler a sua expressão.

– O que há de errado com esta aqui, Colton? – perguntei novamente.

Silêncio total.

Eu cutuquei-o no braço.

– Colton?

Meu filho de sete anos virou-se para olhar para mim e disse:

–Papai, esta está certa.

Sabendo quantas ilustrações Colton havia rejeitado, Sonja e eu finalmente sentimos que no retrato de Akiane víamos o rosto de Jesus. Ou pelo menos uma semelhança impressionante.

Estávamos absolutamente certos de que nenhuma pintura poderia capturar a majestade da pessoa do Cristo ressuscitado. Mas depois de três anos examinando ilustrações de Jesus, sabíamos que o desenho de Akiane não era apenas uma despedida dos retratos típicos de Jesus; ele era também o único que havia feito Colton parar e pensar. Sonja e eu achamos interessante o fato de que, quando Colton disse “Esta está certa”, ele não sabia que o retrato, chamado *Príncipe da Paz: A Ressurreição*, havia sido pintado por outra criança – uma criança que também afirmava ter visitado o céu.

O fato de finalmente termos uma ideia de como Jesus é não foi a única coisa interessante que resultou da nossa visita à Igreja Wesleyana de Mountain View. Foi também a primeira vez que percebemos como o encontro de Colton com sua irmã no céu exerceria um impacto sobre as pessoas na terra.

Depois do culto daquela noite em janeiro de 2007, uma jovem mãe veio falar comigo, com os olhos cheios de lágrimas.

– Perdi um bebê – disse ela. – Ela nasceu morta. Seu filho saberia dizer se o meu bebê está no céu?

A voz da mulher tremia, e vi que ela estava tremendo. Pensei: *Oh, Senhor, quem sou eu para responder a essa pergunta?*

Colton havia dito que havia muitas, muitas crianças no céu. Mas não era o caso de eu ir perguntar a ele se ele havia visto a criança dessa mulher específica. Ainda assim, eu também não queria deixá-la presa à sua dor.

Naquele instante, um garotinho de cerca de seis ou sete anos veio e ficou ao lado da mulher, agarrado à sua saia. E uma resposta me veio.

– Senhora, você acredita que Deus me ama? – perguntei.

Ela piscou os olhos em meio às lágrimas.

– Bem... sim.

– A senhora acredita que ele a ama tanto quanto me ama?

– Sim. Acredito.

Então apontei para o filho dela ao seu lado.

– A senhora acredita que Deus ama o seu filho aqui tanto quanto ama Colton?

Ela fez uma pausa para processar a pergunta, e depois respondeu:

– Sim, é claro.

– Bem, se a senhora acredita que Deus a ama tanto quanto ele me ama, e acredita que ele ama o seu filho vivo tanto quanto ama o meu filho vivo, a senhora não acredita que ele ama a sua filha não nascida tanto quanto ama a minha?

De repente, a mulher parou de tremer e sorriu.

– Eu nunca havia pensado nisso desta forma.

Sussurrei uma oração de gratidão ao Espírito Santo, que havia claramente “disparado poder do céu”, dando-me uma resposta para essa mulher sofredora, porque posso lhe dizer agora mesmo, eu não sou inteligente o bastante para ter pensado nela sozinho.

Esta não seria a última vez que a história de Colton colocaria a mim ou a Sonja na posição de tentar responder a algumas perguntas monumentais. Mas, às vezes, as pessoas que passaram pela experiência conosco tiveram algumas perguntas respondidas por si mesmas.

Como mencionei anteriormente, antes de sermos liberados do hospital em North Platte, as enfermeiras ficavam entrando e saindo do quarto de Colton. Antes, quando as enfermeiras visitavam o nosso quarto, elas checavam os sinais vitais de Colton e anotavam coisas nos cartões. Agora, elas vinham sem nenhuma função médica – apenas roubando algumas olhadelas nesse garotinho que, apenas dois dias antes, estava além das capacidades médicas delas, mas que agora estava sentado em sua cama, conversando e brincando com o seu novo leão de pelúcia. Durante aquele período, uma das enfermeiras me chamou de lado.

– Sr. Burpo, posso falar com o senhor por um instante?

– Com certeza – respondi.

Ela indicou uma sala do outro lado do corredor em frente ao quarto de Colton.

– Vamos entrar aqui.

Imaginando o que seria, segui-a para dentro do que parecia ser uma pequena sala de espera. Ela fechou a porta atrás de nós e virou o rosto em minha direção. Seus olhos tinham um brilho profundo, como se algo novo tivesse acabado de brotar dentro dela.

– Sr. Burpo, trabalho como enfermeira aqui há muitos anos – disse ela. – Eu não deveria estar lhe dizendo isto, mas fomos orientadas para não dar nenhum encorajamento à sua família. Eles não achavam que Colton fosse sobreviver. E quando eles dizem que as pessoas não vão sobreviver, elas não sobrevivem.

Ela pareceu hesitar por um instante; depois continuou.

– Mas ver o seu menino como ele está hoje, isto é um milagre. Tem de existir um Deus, porque isto é um milagre.

Agradei a ela por compartilhar isso comigo, e depois disse:

– Quero que você saiba que acreditamos que isso foi a mão de Deus. A nossa igreja se reuniu e orou por Colton na noite passada, e acreditamos que Deus atendeu às nossas orações.

A enfermeira olhou para o chão por um instante, depois olhou novamente para mim e sorriu.

– Bem, eu só queria lhe dizer isto.

Então ela saiu. Creio que talvez ela não quisesse ouvir o sermão de um pastor. Mas a verdade era que ela não precisava de um sermão – ela já tinha ouvido um.

Falando sobre a experiência de Colton no céu, as pessoas nos diziam: “A sua família é tão abençoada!”

No sentido de que tivemos um vislumbre através do véu que separa a terra da eternidade, elas estão certas.

Mas também penso: *Abençoada? Vimos nosso filho quase morrer.*

É divertido falar sobre o céu, sobre o trono de Deus e Jesus e Pop e a filha que achávamos que havíamos perdido, mas que encontraremos de novo um dia. Mas não é divertido falar sobre como

chegamos lá. Relembrar aqueles dias aterrorizantes em que vimos Colton se agarrar à vida ainda provoca lágrimas nos olhos de Sonja e nos meus. Até hoje, a história miraculosa da sua visita ao céu e a história de quase perdermos o nosso filho são um único acontecimento para nós.

Quando eu era criança, sempre me perguntava por que a cruz, a crucificação de Jesus era tão grande coisa. Se Deus Pai sabia que ele iria ressuscitar o seu filho dos mortos, como aquilo era um sacrifício? Mas agora entendo porque Deus não vê a Páscoa apenas como o fim do jogo, apenas o túmulo vazio. Compreendo perfeitamente. Eu teria feito qualquer coisa, *qualquer coisa*, para interromper o sofrimento de Colton, inclusive trocar de lugar com ele.

A Escritura diz que, enquanto Jesus entregava o seu espírito, enquanto ele sucumbia ali, sem vida naquela cruz romana, Deus Pai voltou suas costas para ele. Estou convencido de que fez isso porque, se tivesse continuado a olhar, ele não conseguiria ir até o fim com aquilo.

Às vezes as pessoas perguntam: “Por que Colton? Por que você acha que isso aconteceu com a sua família?” Tive de dizer em mais de uma ocasião: “Ei, somos apenas pessoas comuns de uma pequena cidade do Nebraska. O melhor que podemos fazer é contar a vocês o que aconteceu conosco, e esperar que vocês achem isso encorajador, como a enfermeira em North Platte que talvez precisasse ver um milagre para acreditar que existe alguém maior que nós mesmos. Ou a mulher da Igreja Wesleyana de Mountain View que precisava de um lampejo de esperança para ajudá-la a suportar a sua dor. Ou Sonja, que precisava de um bálsamo nas suas próprias feridas maternas. Ou como minha mãe, Kay, que depois de 28 anos de dúvida, finalmente sabe que um dia encontrará seu pai outra vez.

Quando você olha para o livro do Apocalipse e para outros ensinamentos bíblicos sobre o céu, eles são meio fragmentados. Como pastor, sempre fui muito consciente quanto ao que compartilho sobre o céu no púlpito. Ensino o que encontro nas Escrituras.

Pelo fato de ter muitas perguntas para as quais eu não tinha respostas, não dedicava muito tempo pensando sobre o céu num nível pessoal. Mas agora eu o faço. Sonja e eu fazemos isso, e ouvimos muitas pessoas dizerem que a história de Colton as tem feito pensar mais sobre o céu também. Ainda não temos todas as respostas – nem de longe. Mas agora temos um retrato em nossa mente, um retrato para o qual podemos olhar e dizer: “Uau!”

Adoro a maneira como minha mãe resume tudo isso: “Desde que isso aconteceu”, ela me disse, “penso mais sobre como deve realmente ser lá no céu. Eu aceitava a ideia do céu antes, mas agora eu o visualizo. Antes, eu havia ouvido falar, mas agora sei que um dia eu o verei.”

<sup>36</sup> João 20:24-29.

<sup>37</sup> Akiane Kramarik, *Akiane: Her Life, Her Art, Her Poetry* (Nashville: Thomas Nelson, 2006).

<sup>38</sup> Marcos 10:14.

## EPÍLOGO

Mais de sete anos se passaram desde que a viagem de uma família comum se transformou em uma viagem celestial que mudou a vida de todos nós. As pessoas muitas vezes nos perguntam por que esperamos tanto para contar a história de Colton. Bem, há dois motivos. Primeiro, embora tenham se passado sete anos desde a provação no hospital, aconteceu que a nossa arrancada de emergência de Greeley até o médico em Imperial foi apenas o começo da história. Como você leu nestas páginas, recebemos os detalhes da jornada extraordinária de Colton em pedaços e partes ao longo de um período de meses e anos. Então, então embora algum tempo tenha decorrido desde o encontro dele com a morte, o resto da história levou algum tempo para se desenrolar.

Então, quando começamos a compartilhar com outros o que havia acontecido, muitas pessoas nos disseram: “Vocês deviam escrever um livro!”, ao que Sonja respondia: “Nós? Escrever um livro? Ok, tudo bem.”

Em primeiro lugar, não conseguíamos nos convencer da ideia de que qualquer pessoa pudesse querer ler sobre *nós*. Então havia toda aquela coisa que envolve a redação de um livro. Na escala dos empreendimentos gigantescos, isso nos parecia estar apenas um degrau abaixo de voar até a Lua. É bem verdade que eu editava o jornal da minha faculdade, e que Sonja escrevia muito quando estava tentando tirar o seu mestrado. Mas ambos tínhamos empregos que amávamos, filhos pequenos para criar e uma igreja para cuidar. E a gente precisa dormir em algum momento. Foi apenas depois que Phil McCallum, um pastor amigo nosso, se ofereceu para fazer algumas apresentações e nos cercar com o pessoal da editora certa, que achamos que poderíamos realmente ser capazes de fazer um livro acontecer. Mesmo isso, porém, era uma questão de tempo.

Veja, como pais, estávamos preocupados com Colton. Muitas pessoas amam a história dele por causa de todos os detalhes sobre o céu. Gostamos disso também. Mas há também aquela parte do hospital, em que todos nós passamos pelo terror e pela infelicidade, e não tínhamos certeza de como reviver aquilo tudo afetaria Colton. Além disso, como ele lidaria com toda essa atenção? Estávamos preocupados com isso. Ainda estamos preocupados. Somos de cidades pequenas, escolas pequenas, igrejas pequenas. “Pequeno” é uma coisa que Colton conhece, mas e quanto aos holofotes? Não temos certeza.

Mas agora, naturalmente, o livro está escrito. Sonja disse para mim outro dia, rindo: “Bem, acho que teremos de colocar ‘tornar-me um escritor’ na nossa lista de pedidos, só para podermos marcar essa meta como algo que já foi conquistado.”

As pessoas também nos fizeram outras perguntas. As crianças, principalmente, querem saber se Colton viu algum animal no céu. A resposta é sim! Além do cavalo de Jesus, ele nos disse que viu cachorros, pássaros e até um leão – e o leão era amigável e não feroz.

Muitos dos nossos amigos católicos perguntaram se Colton viu Maria, a mãe de Jesus. A resposta a isso também é sim. Ele viu Maria ajoelhada diante do trono de Deus e outras vezes, sentada ao lado de Jesus. “Ela ainda o ama como uma mãe”, disse Colton.

Outra pergunta que as pessoas fazem o tempo todo é como a experiência de Colton nos transformou. A

primeira coisa que Sonja e eu dizemos é que ela absolutamente nos quebrantou. Veja, os pastores e suas famílias geralmente ficam mais confortáveis no papel de “ajudadores” e não de “ajudados”. Sonja e eu havíamos sido sempre aqueles que visitavam os doentes, levavam as refeições, cuidavam de outras crianças em tempos de necessidade. Éramos inflexivelmente autoconfiantes – talvez, fazendo uma análise retrospectiva, a ponto de sermos orgulhosos. Mas aquela restrição dolorosa no hospital quebrou o nosso orgulho como um galho seco e nos ensinou a ser humildes o bastante para aceitar ajuda de outras pessoas, física, emocional e financeiramente.

É bom ser forte e poder abençoar outros, sim. Mas aprendemos o valor de ser vulneráveis o suficiente para permitir que outros sejam fortes por nós, para permitir que outros nos abençoem. Isto, por sua vez, foi uma bênção para eles também.

Uma outra maneira como a história de Colton nos transformou foi esta: ficamos mais corajosos. Vivemos em uma época em que as pessoas questionam a existência de Deus. Como pastor, sempre me senti confortável falando sobre a minha fé, mas agora, além disso, falo sobre o que aconteceu com meu filho. É a verdade, e falo sobre ela, sem desculpas.

Enquanto isso, aqui em Imperial, a vida segue em frente da mesma maneira que para as famílias de todas as cidades pequenas da América. Cassie tem treze anos e foi para o ensino médio no outono. A noite passada foi uma grande noite para ela: ela fez uma prova para o coral da escola. Nosso filho mais novo, Colby, também está atingindo um marco: ele está entrando para o jardim de infância este ano, o que é bom porque ele estava começando a deixar a sua professora da creche louca.

Quanto a Colton, ele vai fazer onze anos este mês e em setembro entrará para o sexto ano. Ele é uma criança normal em todos os aspectos. Pratica luta livre e joga baseball. Toca piano e trompete, mas não é muito apaixonado pela escola e diz que a sua matéria favorita é o recreio. Ele ainda fala sobre o céu ocasionalmente, mas não mencionou ter feito nenhuma outra viagem ou ter qualquer espécie de conexão especial em andamento com a eternidade. E apesar da sua jornada sobrenatural, seu relacionamento com seus irmãos é tão natural quanto possível. Colby segue Colton por toda parte no estilo irmão menor, e eles brigam para saber quem roubou os bonecos super-heróis de quem. Enquanto isso, Cassie é a irmã mais velha paciente. Isto ficou perfeitamente demonstrado quando estávamos todos tentando pensar em um bom título para este livro.

Eu sugeri *O Céu aos Quatro Anos*.

Sonja sugeriu *O Céu, Segundo Colton*.

Cassie sugeriu *Ele Voltou, Mas Não é Um Anjo*.

No final, porém, foi Colton quem inadvertidamente surgiu com o título. Por volta do Natal de 2009, havíamos feito uma viagem em família até o Texas e estávamos sentados com a nossa editora na Starbucks em Dallas, discutindo o livro. Ela olhou para o outro lado da mesa, para nosso filho mais velho, e disse: “Colton, o que você quer que as pessoas saibam da sua história?”

Sem hesitar, ele olhou-a nos olhos e disse: “Quero que elas saibam que o céu é de verdade.”

Todd Burpo  
Imperial, Nebraska  
Maio de 2010

# CRONOGRAMA DOS ACONTECIMENTOS

**Julho de 1976** – O avô de Todd Burpo, a quem ele chama de “Pop” (Lawrence Edelbert Barber) morre em um acidente de carro entre Ulysses e Liberal, Kansas.

**1982** – Todd, aos treze anos, ouve e aceita o chamado de Cristo para o ministério como pregador do evangelho.

**29 de dezembro de 1990** – Todd e Sonja Burpo se casam.

**16 de agosto de 1996** – Nasce Cassie Burpo, irmã mais velha de Colton.

**Julho de 1997** – O Pastor Todd e Sonja Burpo aceitam o chamado para a Igreja Wesleyana Crossroads em Imperial, Nebraska.

**20 de junho de 1998** – Sonja Burpo perde o segundo filho deles aos dois meses de gravidez.

**19 de maio de 1999** – Nasce Colton Burpo.

**Agosto de 2002** – Todd quebra a perna em um jogo de um torneio misto de softball.

**Outubro de 2002** – Todd desenvolve pedras nos rins.

**Novembro de 2002** – Todd sente um caroço no peito que é diagnosticado como hiperplasia.

**27 de fevereiro de 2003** – Colton reclama de dor no estômago e tem febre alta, sintomas erroneamente diagnosticados como gastroenterite.

**28 de fevereiro de 2003** – A febre de Colton cede. Seus pais se alegram, pensando que Colton está bem, quando na verdade isso é sinal da perfuração do seu apêndice.

**1 de março de 2003** – A família Burpo visita o Butterfly Pavilion em Denver para comemorar a recuperação de Todd. Naquela noite Colton começa a vomitar incontrolavelmente.

**3 de março de 2003** – Colton é examinado por um médico em Imperial, Nebraska, que descarta a possibilidade de apendicite.

**5 de março de 2003** – Todd e Sonja, por sua conta, tiram Colton do hospital em Imperial, Nebraska, e levam-no de carro para North Platte, para o Centro Médico Regional Great Plains de Nebraska. O Dr. Timothy O’Holleran se prepara para a cirurgia.

**5 de março de 2003** – Colton passa por sua primeira cirurgia, uma apendectomia. Ele tem um apêndice perfurado e um abscesso.

**13 de março de 2003** – Colton é liberado do hospital. Mas quando Todd e Sonja o levam para o elevador, o Dr. O’Holleran grita no corredor para que eles voltem. Exames de sangue revelam que a contagem de glóbulos brancos de Colton havia caído abruptamente. Uma tomografia computadorizada revela mais dois abscessos no seu abdômen.

**13 de março de 2003** – Colton passa por uma segunda cirurgia – uma celiotomia – para drenar o abscesso. Durante a cirurgia um total de três abscessos são encontrados.

**17 de março de 2003** – O Dr. O’Holleran avisa Todd e Sonja de que não há mais nada que ele possa fazer por Colton. Ele recomenda que Colton seja transferido para o Hospital Pediátrico de Denver. Uma

nevasca bloqueia todas as saídas com meio metro de neve. Em Imperial, a congregação deles se reúne para uma reunião de oração.

**18 de março de 2003** – Na manhã seguinte, Colton mostra sinais surpreendentes de recuperação e logo está brincando como uma criança normal. Ele vai saltitando fazer a sua tomografia computadorizada, que não apresenta mais obstruções.

**19 de março de 2003** – Depois de dezessete dias angustiantes, a família de Colton volta a Imperial.

**3 de julho de 2003** – Enquanto a família Burpo está a caminho para visitar seu primo em Dakota do Sul, Colton conta o primeiro de muitos relatos do céu em um estacionamento do Arby's em North Platte, Nebraska. Colton progressivamente conta mais histórias sobre suas aventuras no céu.

**4 de outubro de 2004** – Nasce Colby Burpo, irmão mais novo de Colton.

**19 de maio de 2010** – Colton Burpo faz onze anos. Ele continua saudável fisicamente.

## SOBRE A FAMÍLIA BURPO

TODD BURPO é pastor da Igreja Wesleyana Crossroads em Imperial, Nebraska (População: 1.762 em 2008), onde seus sermões são transmitidos todos os domingos pela estação de rádio local. Ele também trabalha nas Escolas Públicas do Condado de Chase como treinador de luta livre para alunos do ensino fundamental e médio, e como membro da diretoria da escola. Em emergências, Todd pode ser encontrado trabalhando ombro a ombro com o Corpo de Bombeiros Voluntários de Imperial como bombeiro. Ele também é capelão da Associação de Bombeiros Voluntários do Estado de Nebraska. Para sustentar sua família, Todd administra uma empresa chamada Overhead Door Specialists. Todd se formou na Universidade Wesleyana de Oklahoma em 1991 *summa cum laude* com bacharelado em Teologia. Foi ordenado em 1994.

SONJA BURPO é a mãe atarefada de Cassie, Colton e Colby e trabalha na Moreland Realty como Administradora de Escritório. Com bacharelado em Ciências em Educação Elementar pela Universidade Wesleyana de Oklahoma e mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação, Sonja é professora autorizada no estado de Nebraska. Ela ensinou no sistema de escolas públicas em Oklahoma assim como em Imperial. Sonja é apaixonada pelo ministério com crianças e também trabalha lado a lado com Todd como administradora da sua empresa de portas de garagem.

## SOBRE LYNN VINCENT

LYNN VINCENT é a autora dos best-sellers, segundo o New York Times: *Same Kind of Different as Me*, a história da amizade improvável entre um rico marchand branco e um afro-americano sem-teto; e *Going Rogue: An American Life*, a biografia da ex-governadora do Alaska e candidata à vice-presidência Sarah Palin.

Autora ou co-autora de nove livros, Vincent trabalhou por onze anos como escritora senior, depois editora de filmes, na revista quinzenal *WORLD*, em que cobria política, cultura e atualidades. Veterana da marinha norte-americana, Lynn também é professora de redação do World Journalism Institute e do King's College de Nova Iorque. Ela mora em San Diego, Califórnia.

# Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Epígrafe](#)

[Sumário](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[1. O Crawl-A-See-Um](#)

[2. O pastor Jó](#)

[3. Colton pensa no assunto](#)

[4. Sinais de fumaça](#)

[5. A sombra da morte](#)

[6. North Platte](#)

[7. "Acho que é o fim"](#)

[8. Furioso com Deus](#)

[9. Minutos como geleiras](#)

[10. Orações de um tipo muito raro](#)

[11. Colton Burpo, o cobrador](#)

[12. Testemunha ocular do céu](#)

[13. Luzes e asas](#)

[14. No tempo do céu](#)

[15. Confissão](#)

[16. POP](#)

[17. Duas irmãs](#)

[18. A sala do trono de Deus](#)

[19. Jesus ama muito as crianças](#)

[20. Morrendo e vivendo](#)

[21. A primeira pessoa que você verá](#)

[22. Ninguém é velho no céu](#)

[23. O poder do alto](#)

[24. O momento de Ali](#)

[25. As espadas dos anjos](#)

[26. A guerra vindoura](#)

[27. Um dia nós o veremos](#)

[Epílogo](#)

[Cronograma dos acontecimentos](#)

[Sobre a família Burpo](#)

[Sobre Lynn Vincent](#)